

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação

A influência do inglês (LE) na ordenação de adjetivos em Sintagma Nominal no português brasileiro (LM)

Bianca Schmitz Bergmann

Pelotas, 2023

Bianca Schmitz Bergmann

A influência do inglês (LE) na ordenação de adjetivos em Sintagma Nominal no português brasileiro (LM)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Isabella Mozzillo
Coorientadora: Paula Fernanda Eick Cardoso

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B498i Bergmann, Bianca Schmitz

A influência do inglês (LE) na ordenação de adjetivos em sintagma nominal no português brasileiro (LM) / Bianca Schmitz Bergmann ; Isabella Mozzillo, orientadora ; Paula Fernanda Eick Cardoso, coorientadora. — Pelotas, 2023.

193 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Sintaxe. 2. Línguas em contato. 3. Ordenação de

Bianca Schmitz Bergmann

A influência do inglês (LE) na ordenação de adjetivos em Sintagma Nominal no português brasileiro (LM)

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 23/08/2023

Banca examinadora:

 Documento assinado digitalmente
ISABELLA FERREIRA MOZZILLO
Data: 24/08/2023 12:06:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Isabella Mozzillo

Orientadora/Presidente da banca

Universidade Federal de Pelotas

 Documento assinado digitalmente
PAULA FERNANDA EICK CARDOSO
Data: 24/08/2023 12:40:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Paula Fernanda Eick Cardoso

Coorientadora

Universidade Federal de Pelotas



Documento assinado digitalmente

RAFAEL VETROMILLE DE CASTRO

Data: 25/08/2023 11:30:23-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rafael Vetromille Castro

Membro da Banca

Universidade Federal de Pelotas



Documento assinado digitalmente

CATIA DE AZEVEDO FRONZA

Data: 23/08/2023 16:13:00-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Cátia de Azevedo Fronza

Membra da Banca

Universidade do Vale do Rio dos Sinos



Documento assinado digitalmente

CRISTINA DE SOUZA PRIM

Data: 24/08/2023 08:02:12-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Cristina de Souza Prim

Membra da Banca

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Agradecimentos

A Deus, por ser minha base, escudo e fortaleza; conforto em meio a todas as tribulações. Por ter estado comigo todos os dias desde o início e me dar a certeza de permanecer comigo até o fim. A Ele o primeiro agradecimento, “porque d’Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas” Rm 11:36.

Aos meus pais, Gerson e Márcia, e meu irmão, Gustavo, pelo apoio e incentivo através de palavras, abraços e orações. Vocês são o melhor abrigo e amparo que eu poderia ter; mesmo a distância, sempre se fazem presentes.

Ao meu namorado, Thomas, por me apoiar nos dias difíceis, ser compreensivo quando o tempo era escasso e por me proporcionar dias leves para seguir encarando a jornada. Teu amor me impulsionou a chegar até aqui.

À minha orientadora, professora Isabella Mozzillo, por ter abraçado a ideia deste projeto e me apresentado ao mundo das Línguas em contato (e, claro, por ter feito eu me apaixonar pela área!). Por todas as palavras de incentivo, conselhos, novos pontos de vista e sugestões que aperfeiçoaram meu trabalho.

À minha coorientadora, professora Paula Fernanda Eick Cardoso, por me acompanhar na pesquisa desde a graduação e me incentivar a ir sempre além nas leituras e no aprendizado. Por todas as orientações, reflexões e ideias que contribuíram muito para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores Cátia de Azevedo Fronza, Cristina de Souza Prim e Rafael Vetromille-Castro, por aceitarem participar da banca, realizando uma leitura atenta e proporcionando diversas contribuições para o aperfeiçoamento deste trabalho.

Às minhas amigas, Fernanda, Julianne, Letícia, Stéfani, Susana e Karina, que, mesmo de longe, sempre me incentivaram a ir além nos estudos e na vida.

À Daniele e ao Vagner, da Hostche, por terem permitido a flexibilização dos meus horários de trabalho para que pudesse participar das aulas e de eventos acadêmicos, possibilitando que eu equilibrasse vida acadêmica e profissional.

Às minhas colegas de trabalho, especialmente a Andréia e a Helena, que tornaram os dias mais leves mesmo em meio à correria.

Aos professores do PPGL, que foram essenciais nesta trajetória de estudos do Mestrado, enriquecendo a caminhada com muito conhecimento.

À tradutora Jéssica de Souza, por ter contribuído com a resposta dos sintagmas em inglês.

Aos professores e alunos dos cursos de Letras que disponibilizaram um pouco do seu tempo para as coletas de dados, viabilizando este trabalho.

*"Quando falamos uma língua sabemos muito mais do que
aquilo que aprendemos."
(Noam Chomsky)*

Resumo

BERGMANN, Bianca Schmitz. **A influência do inglês (LE) na ordenação de adjetivos em Sintagma Nominal no português brasileiro (LM)**. 2023. 193 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O presente trabalho busca analisar a influência do inglês (LE) na ordenação de adjetivos em Sintagma Nominal em português (LM). Os adjetivos podem aparecer em diferentes posições em relação ao nome e em relação a outros adjetivos. A posição que eles ocupam varia de acordo com a classificação do adjetivo e da língua em questão, já que diversas línguas apresentam diferentes posições canônicas do adjetivo. Vários autores tentam encontrar quais regras subjazem a ordenação de adjetivos em diferentes línguas, como Borges Neto (1979), Boff (1991), Menuzzi (1992), Cinque (1994, 2010), Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), Moreira (2015), Brito e Lopes (2016) e Prim (2017), entre outros. Partindo das concepções de bilinguismo e influência linguística defendidas por Mozzillo (2001), Cook (2003), Grosjean (2008), Megale (2012), Zaretsky (2014), Altmisdort (2016), Mendes (2017), Ferreira (2018), Soares (2019) e Luque Agulló (2020), foram selecionados dois grupos de participantes — monolíngues (português) e bilíngues (português e inglês). Os participantes responderam a um questionário e a um teste de construção de sintagma nominal com adjetivos. As respostas foram analisadas com base na revisão teórica, observando as diferenças e semelhanças entre as construções de monolíngues e bilíngues, bem como dos diferentes níveis de proficiência autodeclarada dos bilíngues. Os resultados demonstram diferenças sutis entre monolíngues e bilíngues e chamam a atenção para as construções realizadas pelos bilíngues de nível intermediário, que apresentaram respostas mais ousadas e em maior diversidade.

Palavras-chave: Sintaxe. Línguas em contato. Ordenação de adjetivos.

Abstract

BERGMANN, Bianca Schmitz. **The influence of English (FL) on the Noun Phrase in Brazilian Portuguese (NL)**. 2023. 193 p. Dissertation (Master's Degree in Linguistics) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

This work aims to analyze the influence of English language (FL) in the ordering of adjectives in Noun Phrase in Portuguese (NL). Adjectives can appear in different positions in relation to the noun and in relation to other adjectives. Their position in the sentence varies according to the classification of the adjective and the language in question, since different languages have different canonical positions of the adjective. Several authors try to find which rules underlie the ordering of adjectives in different languages, as Borges Neto (1979), Boff (1991), Menuzzi (1992), Cinque (1994, 2010), Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), Moreira (2015), Brito e Lopes (2016) and Prim (2017), among others. Based on the concepts of bilingualism and linguistic influence defended by Mozzillo (2001), Cook (2003), Grosjean (2008) Megale (2012), Zaretsky (2014), Altmisdort (2016), Mendes (2017), Ferreira (2018), Soares (2019) and Luque Agulló (2020), were selected two groups of participants - monolingual (Portuguese) and bilingual (Portuguese and English). The participants answered a questionnaire and a noun phrase construction test with adjectives. The answers were analyzed based on the theoretical review, observing the differences and similarities between monolingual and bilingual constructions, as well as the different levels of self-reported proficiency of bilinguals. The results demonstrate subtle differences between monolinguals and bilinguals and draw attention to the constructions performed by intermediate-level bilinguals, who presented bolder answers and in greater diversity.

Key words: Syntax. Languages in contact. Ordering of adjectives.

Lista de Figuras

Figura 1	Formato do modelo gerativista.....	25
Figura 2	Modelo de separação	70
Figura 3	Modelo de integração.....	71
Figura 4	Modelos de interconexão	71
Figura 5	Contínuo de integração	72
Figura 6	Tipos de transferência	76

Lista de Gráficos

Gráfico 1	Sexo - Grupo Monolíngue.....	93
Gráfico 2	Idade - Grupo Monolíngue.....	93
Gráfico 3	Curso - Grupo Monolíngue.....	94
Gráfico 4	Semestre - Grupo Monolíngue.....	94
Gráfico 5	Sexo - Grupo Bilíngue Nível Básico.....	95
Gráfico 6	Sexo - Grupo Bilíngue Nível Intermediário.....	95
Gráfico 7	Sexo - Grupo Bilíngue Nível Avançado.....	95
Gráfico 8	Idade - Grupo Bilíngue Nível Básico.....	96
Gráfico 9	Idade - Grupo Bilíngue Nível Intermediário.....	96
Gráfico 10	Idade - Grupo Bilíngue Nível Avançado.....	97
Gráfico 11	Curso - Grupo Bilíngue Nível Básico.....	97
Gráfico 12	Curso - Grupo Bilíngue Nível Intermediário.....	97
Gráfico 13	Curso - Grupo Bilíngue Nível Avançado.....	97
Gráfico 14	Semestre - Grupo Bilíngue Nível Básico.....	98
Gráfico 15	Semestre - Grupo Bilíngue Nível Intermediário.....	98
Gráfico 16	Semestre - Grupo Bilíngue Nível Avançado.....	98
Gráfico 17	Regularidade do uso do inglês - Grupo Bilíngue Nível Básico.....	98
Gráfico 18	Circunstâncias de uso do inglês - Grupo Bilíngue Nível Básico.....	99
Gráfico 19	Circunstâncias de uso do inglês - Grupo Bilíngue Nível Intermediário.....	99

Gráfico 20	Circunstâncias de uso do inglês - Grupo Bilíngue Nível Avançado.....	100
Gráfico 21	Aquisição do inglês - Grupo Bilíngue Nível Básico.....	101
Gráfico 22	Aquisição do inglês - Grupo Bilíngue Nível Intermediário.....	101
Gráfico 23	Aquisição do inglês - Grupo Bilíngue Nível Avançado.....	102
Gráfico 24	Proficiência autodeclarada - Grupo Bilíngue Nível Básico.....	103
Gráfico 25	Proficiência autodeclarada - Grupo Bilíngue Nível Intermediário.....	103
Gráfico 26	Proficiência autodeclarada - Grupo Bilíngue Nível Avançado.....	104
Gráfico 27	Outras LEs - Grupo Bilíngue Nível Básico.....	104
Gráfico 28	Outras LEs - Grupo Bilíngue Nível Intermediário.....	105
Gráfico 29	Outras LEs - Grupo Bilíngue Nível Avançado.....	105

Lista de Tabelas

Tabela 1	Sintagma 1 - Monolíngues e bilíngues.....	107
Tabela 2	Sintagma 1 – Níveis do bilíngue.....	108
Tabela 3	Sintagma 2 - Monolíngues e bilíngues.....	109
Tabela 4	Sintagma 2 – Níveis do bilíngue.....	110
Tabela 5	Sintagma 3 - Monolíngues e bilíngues.....	113
Tabela 6	Sintagma 3 – Níveis do bilíngue.....	113
Tabela 7	Sintagma 4 - Monolíngues e bilíngues.....	115
Tabela 8	Sintagma 4 – Níveis do bilíngue.....	115
Tabela 9	Sintagma 5 - Monolíngues e bilíngues.....	117
Tabela 10	Sintagma 5 – Níveis do bilíngue.....	118
Tabela 11	Sintagma 6 - Monolíngues e bilíngues.....	120
Tabela 12	Sintagma 6 – Níveis do bilíngue.....	121
Tabela 13	Sintagma 7 - Monolíngues e bilíngues.....	124
Tabela 14	Sintagma 7 – Níveis do bilíngue.....	124
Tabela 15	Sintagma 8 - Monolíngues e bilíngues.....	127
Tabela 16	Sintagma 8 – Níveis do bilíngue.....	127
Tabela 17	Sintagma 9 - Monolíngues e bilíngues.....	130
Tabela 18	Sintagma 9 – Níveis do bilíngue.....	130
Tabela 19	Sintagma 10 - Monolíngues e bilíngues.....	133

Tabela 20 Sintagma 10 – Níveis do bilíngue.....	133
Tabela 21 Sintagma 11 - Monolíngues e bilíngues.....	135
Tabela 22 Sintagma 11 – Níveis do bilíngue.....	135
Tabela 23 Sintagma 12 - Monolíngues e bilíngues.....	138
Tabela 24 Sintagma 12 – Níveis do bilíngue.....	138
Tabela 25 Sintagma 13 - Monolíngues e bilíngues.....	140
Tabela 26 Sintagma 13 – Níveis do bilíngue.....	140
Tabela 27 Sintagma 14 - Monolíngues e bilíngues.....	141
Tabela 28 Sintagma 14 – Níveis do bilíngue.....	141
Tabela 29 Sintagma 15 - Monolíngues e bilíngues.....	143
Tabela 30 Sintagma 15 – Níveis do bilíngue.....	144
Tabela 31 Sintagma 16 - Monolíngues e bilíngues.....	145
Tabela 32 Sintagma 16 – Níveis do bilíngue.....	146
Tabela 33 Sintagma 17 - Monolíngues e bilíngues.....	147
Tabela 34 Sintagma 17 – Níveis do bilíngue.....	148

Lista de Abreviaturas e Siglas

A	Adjetivo
AP	<i>Adjective Phrase</i> ou Sintagma Adjetival
C	Complementador
D	Determinante
DP	<i>Determiner Phrase</i> ou Sintagma Determinante
DS	<i>Deep Structure</i> ou Estrutura Profunda
L1	Primeira língua
L2	Segunda língua
LE	Língua estrangeira
LF	<i>Logical Form</i> ou Forma Lógica
LM	Língua materna
N	Nome
NP	<i>Noun Phrase</i> ou Sintagma Nominal
PB	Português Brasileiro
PF	<i>Phonetic Form</i> ou Forma Fonética
PP	<i>Prepositional Phrase</i> ou Sintagma Preposicional
Spec	Especificador
SN	Sintagma Nominal ou <i>Noun Phrase</i>
SS	<i>Surface Structure</i> ou Estrutura Superficial
V	Verbo

Sumário

1 Introdução	18
1.1 Tema	20
1.2 Justificativa	20
1.3 Objetivos	22
1.3.1 Geral	22
1.3.2 Específicos	22
1.4 Perguntas de pesquisa	23
2 Revisão de literatura	24
2.1 Ordenação de adjetivos	24
2.1.1 Princípios e Parâmetros	25
2.1.2 Sintagma Nominal	27
2.1.3 Movimento de N: gatilhos e categorias funcionais	30
2.1.4 Posição e ordenação do adjetivo no Sintagma Nominal	35
2.1.5 Relação entre posição do adjetivo e interpretação	56
2.1.6 Posição e ordenação de adjetivos em inglês	61
2.2 Línguas em contato	64
2.2.1 Bilinguismo	64
2.2.2 Influência translinguística	70
2.2.3 Influência translinguística de L2 sobre L1	76
3 Metodologia	81
3.1 Participantes da pesquisa	81
3.2 Instrumentos de coleta de dados	83
3.2.1 Questionário	83
3.2.2 Atividade de composição de SN com adjetivos	84
3.3 Aplicação dos instrumentos de coleta de dados	85
3.3.1 Aplicação do questionário e do teste-piloto	86
3.3.2 Aplicação do questionário e teste finais	89
3.4 Análise dos dados	90
4 Resultados	91

4.1	Informações gerais	91
4.2	Grupos de participantes	92
4.2.1	Descrição do grupo monolíngue	92
4.2.2	Descrição do grupo bilíngue português/inglês	95
4.2.3	Descrição do grupo bilíngues de outras línguas	106
4.3	Análise dos sintagmas nominais	106
6	Conclusão	151
	Referências	155
	Apêndices	159
	Apêndice A	160
	Apêndice B	161
	Apêndice C	162
	Apêndice D	166
	Apêndice E	168
	Apêndice F	172

1 Introdução

Durante o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso (Bergmann, 2020), estudando sobre a ordenação de adjetivos, surgiu a ideia para o desenvolvimento deste trabalho. O TCC consistiu na revisão bibliográfica de autores que abordassem os adjetivos e a sua ordenação dentro do Sintagma Nominal (SN), além da aplicação de testes de julgamento com SN apresentando diferentes ordenações de adjetivos.

O SN é formado por uma estrutura “posicionalmente muito mais rígida do que a oração” (Perini, 2000, p. 94). Apesar disso, alguns elementos podem ocupar diferentes posições dentro do SN, como é o caso dos adjetivos (A). Eles podem aparecer tanto antes quanto depois do Nome (N) (exemplos 1 e 2), além de poderem variar de posição em relação a outros adjetivos (exemplos 3 e 4).

- (1) menina bonita
- (2) pobre senhora
- (3) música popular brasileira
- (4) carro vermelho novo

Diferentes ordenações podem desencadear diferentes sentidos ou, em alguns casos, interferir na gramaticalidade da construção. Nos exemplos 5 e 6, é possível notar a diferença de sentido, uma vez que, em 5, o amigo em questão tem idade avançada, ao passo que, em 6, é um amigo de longa data, com quem se mantém uma amizade há muitos anos. Nos exemplos 7 e 8, verifica-se como a alteração na ordenação de adjetivos interfere na gramaticalidade do sintagma, uma vez que 7 é considerado gramatical e 8, agramatical.

- (5) Amigo velho
- (6) Velho amigo
- (7) Engenheiro eletricista brasileiro

(8) *Engenheiro brasileiro eletricitista¹

Quem é capaz de identificar se uma construção é gramatical ou agramatical são os falantes nativos de uma língua, e isso se aplica a construções com diferentes ordenações de adjetivos. Contudo, mesmo entre falantes de uma mesma língua, a percepção de gramaticalidade em relação a uma construção pode variar, o que pode indicar a influência de diversos fatores, como idade, escolaridade ou conhecimento em outra língua, acarretando diferentes graus de gramaticalidade.

Durante o desenvolvimento do TCC (Bergmann, 2020), na análise das respostas ao teste de julgamento, notou-se que alguns SN, apesar de terem sido amplamente considerados agramaticais pelos participantes da pesquisa, foram percebidos por alguns como gramaticais. Esses dados nos induziram a levantar hipóteses sobre o que teria levado a tais respostas, e uma das hipóteses foi a de que o conhecimento de uma língua estrangeira (LE) poderia ter influenciado. No entanto, naquele momento, não haviam sido solicitadas informações aos participantes, como idade, escolaridade ou nível de conhecimento em LE. Por esse motivo, mas também devido ao curto prazo para a entrega do trabalho, não foi possível estender a pesquisa para este viés. No entanto, a questão foi levantada e mostrou-se relevante para ser estudada.

Assim, optou-se por verificar a influência do inglês sobre a ordenação de adjetivos em português. Outros fatores, como idade ou nível de escolaridade, poderiam ser analisados como possibilidade de influência na ordenação de adjetivos, contudo, neste trabalho, decidiu-se focar na influência da LE. A hipótese levantada refere-se a diferentes LE, mas, por uma necessidade de delimitar melhor o corpus, decidiu-se concentrar as análises apenas na influência do inglês neste momento. A escolha se deu pelo fato de que diversos estudos apresentados na revisão teórica do TCC (Bergmann, 2020) tratavam do inglês e das diferenças entre a posição canônica do adjetivo em inglês e em línguas românicas, como o português. Assim, se mostrou mais interessante observar a influência de uma língua que apresenta significativas diferenças em relação ao português no que tange à ordenação de adjetivos.

Também é importante destacar que a hipótese da influência de inglês sobre a ordenação de adjetivos em português refere-se à produção oral e à escrita. No

¹ Em todas as ocorrências, o asterisco (*) indicará que a construção é considerada agramatical em português.

entanto, neste trabalho, será analisada a influência somente na produção escrita², devido ao curto período de tempo e à maior facilidade de aplicação de instrumentos de coleta da modalidade escrita.

1.1 Tema

Investigação da influência do conhecimento em inglês (LE) na ordenação de adjetivos em Sintagma Nominal no português brasileiro (PB) por bilíngues (LM português e LE inglês) em comparação aos monolíngues (português).

1.2 Justificativa

Como mencionado anteriormente, este trabalho é desenvolvido a partir das hipóteses levantadas durante o TCC (Bergmann, 2020), buscando analisar a influência do conhecimento em inglês (LE) sobre a ordenação de adjetivos em português (LM). A relevância desta pesquisa justifica-se pela complexidade da estrutura do SN, se comparada à estrutura da oração, que admite muito mais movimentos. Como Perini (2000) defende, de acordo com o que citamos anteriormente, a estrutura do SN é muito mais rígida, nos levando a questionar o que rege tais posições dentro do sintagma, fazendo com que haja muito a ser explorado acerca desse fenômeno no PB. Assim, compreender os fatores que interferem na percepção de gramaticalidade e nas construções com ordenação de adjetivos pode contribuir para o conhecimento da estrutura subjacente do PB, especificamente do SN e da ordenação de adjetivos dentro do SN.

Além disso, ao estudar a influência de uma LE sobre a ordenação de adjetivos no PB, é possível colaborar com a descrição da relação das duas línguas em contato. A participação de indivíduos bilíngues neste estudo se mostra essencial para que se possa analisar a percepção e a ordenação de adjetivos por parte do bilíngue, viabilizando a análise da influência do inglês na ordenação de adjetivos em SN em PB. Por outro lado, a participação de monolíngues também se mostra

² Na seção 2.2.2, é apresentada em detalhes a delimitação do tipo de transferência que será analisado.

relevante para que possam ser estabelecidas relações entre as construções realizadas por ambos, analisando se as respostas foram influenciadas pelo conhecimento de uma LE ou por outros fatores. Uma vez que nosso objeto de investigação são as regras que determinam a ordenação dos adjetivos nos SN em PB, não será analisada, neste momento, a influência no sentido contrário, ou seja, a influência do português na construção de SN em inglês.

Outro ponto relevante deste estudo é que muitas pesquisas (Durão; Canato, 2005; Silva, 2006; Nascimento; Branco, 2013; Castro, 2017) são realizadas com o objetivo de identificar a influência das línguas maternas (LM) sobre o uso da LE, mas o número de estudos que analisa a influência no sentido contrário é mais restrito. Altmisdort (2016) corrobora essa afirmação, mencionando que a maioria dos estudos tendeu a se concentrar na influência da L1 na L2³, enquanto poucos buscaram identificar se os aprendizes de L2 refletem sua habilidade em L2 para L1. Luque Agulló (2020) também afirma isso e ainda complementa, afirmando que as pesquisas devem se concentrar na influência entre línguas nos dois sentidos (L1 sobre L2 e L2 sobre L1), afastando-se do viés monolíngue e investigando características únicas e distintivas na produção de usuários e aprendizes de línguas.

Luque Agulló (2020) também destaca que o aumento do contato entre línguas e, conseqüentemente, da influência translingüística torna cada vez mais necessário

incorporar o estudo da transferência reversa L2→L1 em contextos educativos, monolíngues ou bilíngues, para alcançar uma visão mais abrangente e não tendenciosa de como a produção de L1 de usuários/alunos multicompetentes difere daquela de falantes monolíngues. (Luque Agulló, 2020, p. 63).⁴

Tendo isso em vista, este trabalho mostra-se pertinente como contribuição para a expansão de estudos sobre a transferência reversa, e mais especificamente sobre a influência do inglês (LE) sobre o português (LM).

De acordo com Cook (2003), uma das razões para explicar o número tão pequeno de estudos sobre a influência da L2 na L1 é a crença no padrão do falante nativo. Segundo ele, se estudos comprovarem que a L1 de bilíngues é diferente da L1 dos falantes nativos monolíngues, as pesquisas que defendem o ideal do falante

³ Neste trabalho, não faremos distinção entre LM/L1 e LE/L2. Neste e em outros trechos, reproduzimos as nomenclaturas utilizadas pelos autores.

⁴ No original: "*to incorporate the study of reverse transfer L2→L1 in educative contexts, either monolingual or bilingual, to achieve a more comprehensive and non-biased view of how the L1 production of multicompetent users/learners differs from that of monolingual speakers.*" (Luque Agulló, 2020, p. 63).

nativo acabam perdendo sua base. Ele ainda destaca que "O uso constante dessas comparações impede que quaisquer características únicas do usuário da L2 sejam observadas, já que apenas aquelas que ocorrem com os nativos serão estudadas." (Cook, 2003, p. 6, tradução de Beatriz Shizue Chayamiti⁵).

Assim, através da contribuição para a bibliografia das áreas de Sintaxe e Línguas em Contato, este estudo também auxilia o agir profissional de professores de língua, redatores e revisores, ao lidarem com textos de alunos/indivíduos monolíngues e bilíngues.

1.3 Objetivos

1.3.1 Geral

O objetivo geral deste trabalho é analisar a influência do inglês sobre a ordenação de adjetivos em português, contribuindo com o desenvolvimento dos estudos acerca da estrutura do SN e da relação entre português e inglês.

1.3.2 Específicos

Partindo do objetivo geral, este trabalho tem como objetivos específicos, na produção escrita:

- Investigar as diferenças na ordenação de adjetivos de monolíngues e bilíngues;
- Verificar tendências de uma posição do adjetivo significativamente mais usada em cada grupo de participantes (monolíngues e bilíngues);
- Analisar indícios de que o sintagma organizado pelo participante tem influência da estrutura em inglês;
- Verificar em quais SN as respostas de monolíngues e bilíngues mais se diferenciam ou se aproximam;

⁵ Todas as traduções de Cook (2003) apresentadas neste trabalho são traduções de Beatriz Shizue Chayamiti.

- Observar se um dos grupos de participantes apresenta mais possibilidades de combinações entre nome e adjetivos que o outro.

1.4 Perguntas de pesquisa

- Há diferenças na ordenação de adjetivos na produção escrita entre os participantes bilíngues e monolíngues?
- Podem ser notadas tendências para uma posição do adjetivo (pré-nominal/pós-nominal) preferencial para os participantes bilíngues e monolíngues? Ela segue a ordem canônica de qual língua?
- Considerando que a ordenação de adjetivos é diferente em português e inglês, há indícios de que o conhecimento em inglês influencia na ordenação de adjetivos em sintagmas nominais em português?
- Em quais SN as respostas de monolíngues e bilíngues mais se diferenciam ou se aproximam?
- Os bilíngues apresentam mais possibilidades de combinações entre nomes e adjetivos, se comparados aos monolíngues?

2 Revisão de literatura

Uma vez que o presente trabalho analisa a ordenação de adjetivos em português por indivíduos monolíngues (português) e bilíngues (português e inglês), é necessário apresentar alguns conceitos e teorias.

Na seção 2.1, são desenvolvidos conceitos e apresentadas teorias acerca da construção do SN e da ordenação de adjetivos nesse constituinte em português e em outras línguas. Na seção 2.2, são expostas concepções sobre o bilinguismo e o contato entre línguas, a fim de definir quem são os bilíngues e introduzir a questão da influência entre línguas.

2.1 Ordenação de adjetivos

Nesta subseção, é apresentada a teoria de Princípios e Parâmetros, com foco no Sintagma Nominal, estrutura que tem como núcleo o Nome, que é acompanhado por outros elementos, incluindo os adjetivos. Além disso, são apresentadas teorias acerca da ordenação de adjetivos em português, inglês e em diferentes línguas, tratando das restrições de ordenação e das diferentes interpretações decorrentes da variação de posição dos adjetivos em relação ao nome e em relação a outros adjetivos.

Importante destacar que neste trabalho apresentamos apenas algumas das teorias acerca da ordenação de adjetivos, já que não seria possível abordar todas. Apesar disso, reconhecemos que há outros autores e até mesmo outras obras dos autores mencionados relevantes para o estudo dos adjetivos em português.

2.1.1 Princípios e Parâmetros

É importante entender que o modelo adotado neste trabalho é o de Princípios e Parâmetros. De acordo com Chomsky (1995, p. 6):

Para cada língua em particular, o sistema cognitivo, assumimos, consiste em um sistema computacional CS e um léxico. O léxico especifica os elementos que CS seleciona e integra para formar pares de expressões linguísticas (PF, LF), assumimos. O léxico deve fornecer apenas as informações necessárias para o CS, sem redundância e de alguma forma otimizada, excluindo o que for previsível por princípios de GU ou propriedades do idioma em questão.⁶

Esse modelo da Teoria Gerativista analisa as sentenças considerando o esquema abaixo, extraído de Chomsky (1995, p. 6):

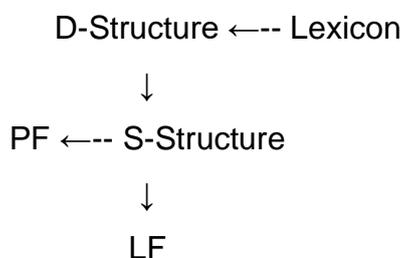


Figura 1 – Formato do modelo gerativista

Fonte: CHOMSKY, 1995, p. 6

Segundo o esquema, uma sentença é representada por uma Forma Fonética (PF), que é a representação dos sons que ouvimos e pronunciamos, e por uma Forma Lógica (LF), que é a representação do significado atribuído. A relação entre PF e LF é mediada pela estrutura sintática, ou seja, a Estrutura Superficial (SS), que é a sentença que lemos ou realizamos.

Segundo os gerativistas, não poderia haver uma relação direta entre sons e significados porque há, nas línguas naturais, sentenças ambíguas, como “Ela viu o desastre do avião”. Se houvesse uma relação direta entre som e significado, essa oração teria apenas uma interpretação, mas não é o que ocorre. Se “do avião” fizer parte do objeto direto, ela poderia estar em qualquer lugar e ter presenciado o desastre do avião. Se “do avião” for um adjunto adverbial, ela estava dentro do avião

⁶ No original: “For each particular language, the cognitive system, we assume, consists of a computational system CS and a lexicon. The lexicon specifies the elements that CS selects and integrates to form linguistic expressions (PF, LF) pairings, we assume. The lexicon should provide just the information that is required for CS, without redundancy and in some optimal form, excluding whatever is predictable by principles of UG or properties of the language in question.” (Chomsky, 1995, p. 6).

e viu algum desastre. Casos como esse parecem demonstrar a necessidade de um nível de representação sintática capaz de orientar como a sentença pode ser interpretada.

A Estrutura Profunda (DS), por sua vez, é a estrutura subjacente, a primeira que realizamos. Ou seja, ao construirmos uma sentença, acessamos as palavras do léxico e as projetamos na DS. Esse é o nível de representação sintática em que são preenchidas as exigências dos itens lexicais, possivelmente em termos de uma relação entre “predicados” e “argumentos”. Por exemplo, os verbos, de modo geral, são predicados que requerem argumentos. O não preenchimento da estrutura básica da sentença pode resultar em agramaticalidade. Observemos o contraste abaixo:

(9) *João ama

(10) João ama Maria

(11) João ama quem?

(12) *João ama Maria quem?

O verbo “ama” requer dois argumentos, que podem ser “João” e “Maria” ou ainda “João” e “quem”. A ausência de um dos argumentos ou o emprego de três argumentos resultaria em agramaticalidade, como em (9) e (12), respectivamente.

Além disso, podemos ter sentenças com diferentes Estruturas Superficiais e a mesma Estrutura Profunda, como pode ser visto nos exemplos a seguir:

(13) Aquela sua camiseta

(14) Aquela camiseta sua

As duas apresentam-se de maneiras diferentes, mas têm o mesmo objetivo. Por isso, conclui-se que as duas têm Estruturas Superficiais distintas, mas a mesma Estrutura Profunda.

Segundo a Teoria de Princípios e Parâmetros do Programa Gerativista de Investigação, a Gramática Universal (GU) é "o estágio inicial de um falante que está adquirindo uma língua" (Miotto; Silva; Lopes, 2000, p. 28). Segundo essa teoria, a GU é formada pelos princípios, que têm valores fixos, e pelos parâmetros, que não têm valores fixos, mas vão se moldando à medida que o indivíduo adquire a língua.

Os conceitos de princípios e parâmetros foram propostos por Chomsky, para quem “Existem princípios universais e um conjunto finito de opções de como eles se

aplicam (parâmetros)”⁷ (Chomsky, 1995, p. 6). Baseados nesses conceitos, Miotto, Silva e Lopes (2000, p. 26) afirmam que princípios são “leis gerais válidas para todas as línguas naturais”, e parâmetros são “propriedades que uma língua pode ou não exibir e que são responsáveis pela diferença entre as línguas” (Miotto; Silva; Lopes, 2000, p. 26). Uma sentença jamais pode violar um princípio, mas pode violar um parâmetro, sendo gramatical em uma língua, mas agramatical em outra. Nesse contexto, segundo Chomsky (1995, p. 6), “a aquisição da linguagem é interpretada como o processo de fixação dos parâmetros do estado inicial em uma das formas permissíveis”.⁸

Por exemplo, um princípio que rege todas as línguas naturais é que todas as sentenças precisam ter um sujeito. Assim, se uma sentença não tiver sujeito, estará infringindo um princípio. No entanto, algumas línguas apresentam sujeito nulo, ou seja, aquele que é reconhecido, mas não é apresentado na sentença. O português é uma língua que manifesta sujeito nulo, ao contrário do Inglês, por exemplo. Por isso, o parâmetro de sujeito nulo para o português é positivo e, para o inglês, é negativo.

A Teoria de Princípios e Parâmetros é essencial para pensarmos a linguagem como universal e, mais do que isso, para relacionarmos as diferentes línguas. Essa relação é muito utilizada pelo Gerativismo, colaborando para uma melhor análise das línguas e para a busca dos universais linguísticos. Tendo isso em vista, essa teoria é relevante para este trabalho, que busca analisar a influência de uma língua sobre a outra, observando as diferentes ordenações em cada uma delas.

2.1.2 Sintagma Nominal

Segundo Miotto, Silva e Lopes (2000, p. 45), “um constituinte é uma unidade sintática construída hierarquicamente embora se apresente aos olhos como uma seqüência de letras ou aos ouvidos como uma seqüência de sons”. Assim, o constituinte, ou sintagma, é organizado hierarquicamente em torno do núcleo, que é acompanhado de outros itens que desempenham diferentes funções.

⁷ No original: “*There are universal principles and a finite array of options as to how they apply (parameters)*” (Chomsky, 1995, p. 6).

⁸ No original: “*language acquisition is interpreted as the process of fixing the parameters of the initial state in one of the permissible ways*” (Chomsky, 1995, p. 6).

Segundo Kenedy (2013), o sintagma pode ser comparado aos conjuntos matemáticos. Ainda que seja formado por diversos elementos (palavras ou outros sintagmas), ele é processado pelo Sistema Computacional⁹ como uma peça única. Devido a essa característica de funcionar como uma unidade, o sintagma só pode ser movido de forma completa, não se podem mover apenas alguns elementos que o constituem. Dentro do sintagma pode haver movimento de elementos, como é o caso de alguns adjetivos, que podem ocupar tanto a posição pré-nominal (15) quanto a pós-nominal (16):

(15) Aquele interessante livro vermelho

(16) Aquele livro vermelho interessante

Como dito anteriormente, o sintagma se organiza em torno de um núcleo e, no caso dos Sintagmas Nominais, o núcleo é um Nome. Em torno dele, se organizam diferentes elementos, como pronomes, artigos, adjetivos, entre outros, como veremos adiante.

Perini (2000, p. 94) aponta que "o SN tem uma estrutura posicionalmente muito mais rígida do que a oração; as possibilidades de mudança de ordem dos termos são poucas e bem delimitadas". O autor defende que a análise tradicional do Sintagma Nominal é muito simplista e inadequada, uma vez que a Gramática Tradicional considera que tal estrutura é formada apenas por núcleo e adjuntos adnominais, quando, na realidade, os elementos que acompanham o núcleo apresentam diversas funções, ocupando diferentes posições dentro do sintagma.

Em contraponto à análise tradicional, Perini (2000) propõe que um SN máximo¹⁰ teria 13 posições e 10 funções, divididas entre a área esquerda (antes do núcleo) e a área direita (núcleo + elementos posteriores). A diferença entre o número de posições e o número de funções deve-se ao fato de haver quatro posições variáveis na área esquerda que desempenham uma única função, a de numerador.

Assim, segundo o autor, antecedendo o núcleo há as seguintes posições, nesta ordem: determinante (a, este, aquela, algum, uma etc.); possessivo (minha, teu, nosso, etc.); reforço (próprio, certo, mesmo etc.); quantificador (poucos, diversos, únicos, etc.); pré-núcleo externo (mero, simples, bom, velho etc.); e pré-

⁹ Kenedy (2013, p. 179) afirma que a Sintaxe "assume o valor de Sistema Computacional da linguagem humana. Trata-se do conjunto das computações cognitivas que geram representações linguísticas complexas, como sintagmas e frases".

¹⁰ "Um sintagma em que todas as posições possíveis forem preenchidas por itens léxicos [...] O SN máximo, na verdade, é uma abstração, porque, como veremos, não ocorre na prática." (Perini, 2000, p. 96).

núcleo interno (grande, novo, mau etc.). Após o núcleo, as posições seriam modificador interno e modificador externo.

Uma vez que a proposta de Perini estabelece posições e funções para os elementos que compõem o SN, muitas questões envolvendo esse sintagma podem ser explicadas. Por exemplo, para a Tradição Gramatical, “velho” é um adjunto adnominal em “velho amigo” e em “amigo velho”, assim, não é possível explicar a diferença de sentido entre esses sintagmas. Para Perini, o adjetivo desempenha diferentes funções nessas duas construções, possibilitando diferentes análises e explicando a diferença de sentido. É importante ressaltar, no entanto, que essa proposta é válida para o português, uma vez que o autor se dedicou ao estudo dessa língua.

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) defendem que há paralelismos entre a estrutura nominal e a estrutura verbal: o núcleo V poderia ser comparado ao núcleo N, e o C (complementador¹¹) na oração poderia ser comparado ao D (determinante) no domínio nominal. Além disso, a hipótese do DP também seria um paralelismo entre a oração e a estrutura nominal. Essa hipótese defende que, assim como a projeção do verbo é dominada pelo material funcional, a projeção do nome também é dominada por projeções funcionais, sendo a primeira o DP.

A partir desses paralelismos, as autoras também destacam a possibilidade de relação entre a sintaxe dos modificadores nominais (principalmente adjetivos) e dos modificadores verbais (principalmente advérbios). Ademais, esses paralelismos também podem levar a refletir sobre a posição do nome em relação aos adjetivos: assim como se argumenta que algumas posições do verbo na oração são derivadas do movimento de V para uma posição funcional, argumenta-se que a posição pós-nominal dos adjetivos possa derivar do movimento de N através do adjetivo, o que veremos com mais detalhes na apresentação da teoria de Cinque (1994).

Ainda sobre o paralelismo entre adjetivos e advérbios, foi proposto pelas autoras que os modificadores adverbiais são os especificadores de projeções especializadas. Uma vez que os modificadores adjetivais no DP são análogos aos modificadores adverbiais na oração, as projeções funcionais postuladas para hospedar adjuntos adverbiais na oração poderiam ser replicadas para hospedar adjetivos na projeção estendida de N.

¹¹ Trataremos das categorias funcionais mais adiante.

Uma evidência apresentada por Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) para o paralelismo entre orações e projeções nominais são os sujeitos e genitivos. Defende-se que o genitivo pré-nominal em inglês parece ser para o SN o que o sujeito é para a oração, como pode ser observado a seguir:

(17) *Caesar destroyed the city*

(18) *Caesar's destruction of the city*¹²

Quando ocorre a passivização da oração, o objeto da destruição passa a ser sujeito em (19), e o argumento tema é expresso pelo genitivo em (20):

(19) *The city was destroyed by Caesar*

(20) *The city's destruction by Caesar*¹³

2.1.3 Movimento de N: gatilhos e categorias funcionais

Diversas teorias são postuladas para explicar a posição do adjetivo nas línguas naturais, e algumas delas baseiam-se na ideia de que o N se movimenta para um núcleo funcional, desencadeando diferentes posições do adjetivo. Uma dessas teorias é a sustentada por Cinque (1994) e, para que ela fique mais clara na subseção seguinte, é importante trazer uma breve explicação sobre as categorias funcionais. As categorias funcionais, diferentemente das categorias lexicais, não contribuem diretamente para a descrição do evento. Um de seus propósitos é codificar relações gramaticais, ou seja, relações entre entidades linguísticas.

Segundo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), nas orações, as categorias funcionais estão envolvidas na expressão da relação de concordância. Segundo as autoras, o -s em *The cat drinks*¹⁴ é uma categoria funcional de concordância do verbo, não é intrínseco ao verbo e é [-interpretável]. O -s em *The cats drink*¹⁵ é uma categoria funcional também, mas é [+interpretável], pois diferencia um gato de mais gatos. Morfemas livres também são categorias funcionais (*The cat will drink*¹⁶), mas, nesse caso, *will* contribui para a interpretação da oração e é [+interpretável].

¹² Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007, p. 3)

¹³ Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007, p. 3)

¹⁴ Tradução: O gato bebe.

¹⁵ Tradução: Os gatos bebem.

¹⁶ Tradução: O gato beberá.

Em nomes, a inserção do artigo não contribuirá diretamente para a descrição da entidade denotada pelos constituintes nominais: um gato e o gato denotam um certo tipo de animal. No entanto, esses elementos funcionais também são interpretáveis pois, apesar de necessitarem de conteúdo descritivo, contribuem para a interpretação do DP. Além disso, a inserção do artigo converte o N em argumento:

(21) *Gato subiu no muro

(22) O gato subiu no muro

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007, p. 15, tradução nossa¹⁷) apresentam as principais características das categorias funcionais:

- (i) Constituem classes fechadas.
- (ii) Elas são geralmente fonologicamente e morfologicamente dependentes e sem acento. Muitas vezes são clíticos ou afixos e às vezes são fonologicamente nulos.
- (iii) Geralmente são inseparáveis de seu complemento.
- (iv) Eles carecem de conteúdo descritivo.
- (v) Núcleos funcionais (geralmente) não possuem argumentos.¹⁸

As autoras apresentam três tipos de evidências para postular categorias funcionais: semântica, morfológica e sintática. Os argumentos semânticos¹⁹ relacionados à oração estão baseados na referência temporal: o verbo é o núcleo semântico e o VP expressa ação ou estado, mas é necessária uma referência temporal que é independente do verbo, já que é possível escolher uma expressão temporal entre outras, o que leva a postular um núcleo especializado para a referência temporal, ou seja, um núcleo funcional. No sistema nominal, propõe-se a existência de um núcleo funcional para codificar o status referencial e um núcleo funcional para codificar o número, já que também não fazem parte intrinsecamente do N. Nos exemplos a seguir, é possível perceber que o plural atribui o status referencial ao nome:

(23) *Copo foi quebrado

(24) Copos foram quebrados

¹⁷ Todas as traduções do original em italiano e em inglês, presentes neste trabalho, são tradução nossa.

¹⁸ No original: "(i) *They constitute closed classes.*

(ii) *They are generally phonologically and morphologically dependent, and stressless. Often they are clitics or affixes and sometimes they are phonologically null.*

(iii) *They are usually inseparable from their complement.*

(iv) *They lack descriptive content. (See also Ouhalla 1991; Giusti 1997 for further elaboration of these basic properties.)*

(v) *Functional heads (usually) do not have arguments.* (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 15)

¹⁹ A motivação semântica está diretamente ligada à morfológica.

Em relação à Morfologia, os núcleos lexicais geralmente estão associados à Morfologia Flexional que, como é variável, não é considerada parte intrínseca do núcleo lexical, o que leva a argumentar que constituem núcleos funcionais. No caso dos verbos, “podem ser associados a morfemas flexionais relacionados ao modo, concordância, tempo, aspecto e voz”²⁰ (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 24). No caso dos nomes, a flexão de número e de gênero também pode ser evidência para postular núcleos funcionais.

As evidências sintáticas/distributivas baseiam-se no argumento de que, se o verbo pode se mover, é necessário supor que exista um local disponível em que ele possa pousar, ou seja, um núcleo funcional. Por analogia, o mesmo poderia ser dito sobre o N: se ele pode ocupar mais de uma posição no SN, é necessário postular núcleos específicos como locais de pouso para N, ou seja, núcleos funcionais.

As categorias funcionais servem, portanto, de local de pouso para o movimento, porém é preciso entender o que desencadeia esse movimento. Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) apresentam propostas que buscam identificar os gatilhos do movimento de N. Elas mencionam que:

Como geralmente se assume que o movimento do núcleo é desencadeado por algum elemento c-comandante, a questão da disponibilidade de núcleos funcionais na projeção nominal e a do movimento N estão intimamente relacionadas. Se houver núcleos funcionais no domínio nominal, eles provavelmente codificarão recursos que podem desencadear movimento. Por outro lado, se houver movimento de N para uma posição mais alta, isso deve ser desencadeado por uma característica de núcleo mais alto, então precisamos assumir uma projeção funcional (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 229).²¹

O movimento de V para I na oração é desencadeado por traços flexionais associados a V. Por analogia, uma linha semelhante busca os gatilhos que levam ao movimento de N, incluindo número e gênero. O número, segundo as autoras, é uma característica opcional, ou seja, pode ser escolhido, variado. Já o gênero é uma característica intrínseca, inseparável do item lexical.

Algumas línguas, como espanhol e italiano, apresentam uma relação mais transparente entre forma fonológica e gênero do que outras línguas, como o grego,

²⁰ No original: “*can be associated with inflectional morphemes related to mood, agreement, tense, aspect and voice*” (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 24).

²¹ No original: “*Since it is generally assumed that head movement is triggered by some c-commanding element, the question concerning the availability of functional heads in the nominal projection and that of N movement are intimately related. If there are functional heads in the nominal domain, these are likely to encode features which may trigger movement. Conversely, if there is movement of N to a higher position, this must be triggered by a feature of a higher head, so we need to assume a functional projection.*” (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 229).

conforme mencionam Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007): a vogal de final de palavra tipicamente indica o gênero — "o" para masculino e "a" para feminino.

As autoras apresentam a proposta de Bernstein (1993) para formalizar a ligação entre forma e gênero do nome (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 240):

Bernstein (1993) propôs que o radical de um substantivo fosse decomposto em N e o Word Marker (WM), e que o Word Marker projetasse uma projeção separada: Word Marker Phrase. Outros linguistas (por exemplo, Picallo 1991) usam o rótulo Gender and Gender Phrase. Como o gênero é considerado uma propriedade inerente de N, como apontamos, GenP é considerado mais intimamente associado a N.²²

Assim, Bernstein (1993) usa a presença do núcleo WM/Gen para motivar o movimento de N que dá origem à ordem N-A, conseqüentemente criando uma explicação para a concordância de gênero entre nome e adjetivo nessas línguas em que ocorre o movimento. Muitos consideram que os adjetivos ocupam posições especificadoras de categorias funcionais designadas e, ao assumir esse Gender Phrase na projeção nominal, "os adjetivos podem encontrar um hospedeiro a partir do qual entram em uma relação de concordância com o substantivo em uma configuração de núcleo especificador."²³ (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 240). O movimento de N para o núcleo Gen depende da posição estrutural que os adjetivos ocupam.

Bernstein propõe que GenP (ou WMP) não é universal:

Em particular, apenas em idiomas em que o radical N contém um marcador de palavra que reflete diretamente o gênero, o N será decomposto em N e GEN. Para as línguas românicas, ela assume que N se move para Num via Gen, cruzando adjetivos. Para as línguas germânicas, por outro lado, ela postula que a projeção Gen está ausente e, portanto, N não cruzará adjetivos (Bernstein, 1993 *apud* Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 258).²⁴

²² No original: "*Bernstein (1993) proposed that the stem of a noun should be decomposed into N and the Word Marker (WM), and that Word Marker projects a separate projection: Word Marker Phrase. Other linguists (for example, Picallo 1991) use the label Gender and Gender Phrase. As gender is taken to be an inherent property of N, as we pointed out, GenP is taken to be more closely associated with N.*" (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 240).

²³ No original: "*adjectives can find a host from which they enter into an agreement relationship with the noun in a specifier-head configuration.*" (ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007, p. 240).

²⁴ No original: "*In particular, only in languages in which the N stem contains a word-marker which directly reflects gender, will N be decomposed into N and GEN. For the Romance languages, she assumes N moves to Num via Gen, crossing adjectives.*" (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 258).

De acordo com Bernstein (1993), a disponibilidade da projeção de Gen também determina a possibilidade de elipses nominais, possíveis em espanhol e italiano, mas não em inglês, conforme os respectivos exemplos:

(25) uno pequeno

(26) uno piccolo

(27) *a small²⁵

Bernstein (1993) também busca uma relação com a questão de, em algumas línguas, a terminação das palavras estar vinculada com o gênero (a/o). O francês representa um problema, pois não tem essa correlação sistemática entre gênero e as terminações dos substantivos. Porém, assim como italiano e espanhol, o francês aceita a elipse de N:

De acordo com Bernstein, embora os substantivos franceses não exibam marcadores de palavras da maneira robusta do espanhol/italiano, há alternâncias masculino/feminino na língua que não parecem ser o resultado de processos derivativos (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 260).²⁶

Ao postular um WM abstrato, ou seja, Gen, para o francês, Bernstein mantém a correlação entre a presença de WM/Gen e o movimento de N após A e N-elipse.

Em muitas línguas, é possível perceber abertamente a concordância nominal entre artigos, adjetivos etc. com o nome, como em português. Em outras línguas, essa concordância é abstrata ou não aberta, como em inglês.

Segundo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), esse contraste entre concordância aberta e encoberta pode ser correlacionado com o movimento de N. As autoras mencionam que línguas em que a concordância de gênero e número é aberta poderiam ter uma concordância nominal mais forte do que aquelas em que a concordância é encoberta. Assim, a concordância nominal mais forte seria um gatilho para o movimento de N, mas essa relação não pode ser direta, pois existem exceções²⁷.

²⁵ Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007, p. 259).

²⁶ No original: "*According to Bernstein, although French nouns do not display word markers in the robust Spanish/Italian manner, there are masculine/feminine alternations in the language which do not seem to be the result of derivational processes.*" (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 260).

²⁷ Um exemplo dessas exceções é o grego, em que há concordância nominal, mas não há movimento de N nos SNs. Apesar da relevância desta questão, ela não será aprofundada neste trabalho em virtude do recorte realizado.

2.1.4 Posição e ordenação do adjetivo no Sintagma Nominal

Como mencionado, há diversas teorias que buscam classificar os adjetivos e propor explicações para a posição que ocupam no Sintagma Nominal em português e em outras línguas. Nesta subseção, será apresentada uma breve explicação de algumas delas, com base no Trabalho de Conclusão de Curso (Bergmann, 2020), entre outras teorias.

No Sintagma Nominal, os adjetivos podem aparecer em posição pré-nominal ou pós-nominal. Essa é uma característica que diferencia muitas línguas, pois, enquanto em algumas o adjetivo só pode aparecer em uma dessas posições, em outras, pode ocupar ambas as posições, como é o caso do português.

De acordo com Cinque (1994), a posição canônica do adjetivo em línguas germânicas, como o alemão e o inglês, é a pré-nominal. Por outro lado, as línguas românicas, como o italiano e o português, geralmente apresentam seus adjetivos na posição pós-nominal. No entanto, a divisão não é tão simples: mesmo tendo uma posição canônica para o adjetivo, pode haver exceções. Além disso, quando mais de um adjetivo é utilizado no mesmo SN, outras regras de posicionamento do adjetivo parecem operar.

Sabe-se que as línguas apresentam diferentes ordens lineares nas suas orações. Enquanto inglês e francês são semelhantes nas posições não marcadas de sujeito e advérbio de frequência, em holandês algumas orações apresentam a ordem objeto e auxiliar seguindo o verbo principal. A partir disso, tem sido proposto que “há variação paramétrica na direcionalidade do esquema de projeção e que a estrutura do holandês é, em certa medida, a imagem espelhada do inglês e do francês.”²⁸ (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 39), ou seja, propõe-se que a variação da ordenação seja uma questão de parametrização.

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) apresentam Kayne (1994), que defende a hipótese de base universal (depois também defendida por Cinque (1994)). Essa proposta postula que o sistema constrói estruturas idênticas entre as línguas e que toda variação na ordem linear é derivada pelo movimento (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 42):

²⁸ No original: “*there is parametric variation in the directionality of the projection schema and that the structure of Dutch is to some extent the mirror image of English and French.*” (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 39).

O c-comando estrutural é mapeado em uma ordenação linear esquerda-direita. Portanto, especificador núcleo e núcleo complemento são as únicas ordens de base possíveis, e todas as variações nas quais, digamos, um núcleo precede um especificador e um complemento precede um núcleo são derivadas por movimento. Além disso, como um elemento movido tem como alvo uma posição de c-comando, todo o movimento é para a esquerda.²⁹

Complementando essa proposta de Kayne (1994), as autoras destacam que também é possível encontrar idiomas que exibem um padrão de imagem espelhada de palavras no domínio nominal³⁰.

O modelo de Cinque (1994) para explicar a posição dos adjetivos dentro do SN é baseado nessa proposta de estruturas iguais entre línguas em que as diferenças ocorrem devido ao movimento. Conforme apresentado em Bergmann (2020), essa proposta pertence à linha considerada híbrida, pois enquadra-se tanto na corrente reducionista quanto na corrente separacionista. Segundo a corrente reducionista, diferentes estruturas superficiais de adjetivos podem ser reduzidas a uma única posição subjacente; para a separacionista, diferentes posições subjacentes baseiam-se em diferentes posições superficiais.

Assim, segundo o autor, a posição de base dos APs é a mesma tanto em línguas germânicas quanto em línguas românicas: à esquerda do nome. A diferença seria que, em línguas românicas, o N pode alçar para um núcleo funcional intermediário entre nome (N) e determinante (D) (28a), o que não ocorre em línguas germânicas (28b), conforme pode ser observado no esquema a seguir (Cinque, 1994, p. 85):

(28)(a) [D... [AP Y [AP N]]]



(b) [D... [AP Y [AP N]]]



Para sustentar sua teoria, Cinque (1994) apresenta alguns argumentos. O primeiro diz respeito aos APs temáticos, que são geralmente étnicos ou de nacionalidade. Quando tal adjetivo expressa o papel temático de argumento externo

²⁹ No original: "Structural c-command maps into a left-right linear ordering. Hence, specifier head and head complement are the only possible base orders, and all variation in which, say, a head precedes a specifier and a complement precedes a head are derived by movement. Moreover, since a moved element targets a c-commanding position, all movement is to the left." (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 42).

³⁰ Veremos esta proposta em detalhes mais adiante.

de N, a única ordem possível é com o AP entre N e seu complemento, ou seja, há movimento de N:

- (29) O ataque russo à Ucrânia
- (30) *O russo ataque à Ucrânia
- (31) *O ataque à Ucrânia russo

Além disso, o N (ataque) que alça sobre o sujeito aberto (russo) pode ser separado de D, como exemplificado em (32), o que teoricamente impediria a continuidade do movimento de N para D, como corrobora a agramaticalidade do exemplo (33):

- (32) O principal grande ataque russo à Ucrânia
- (33) *O ataque principal grande russo à Ucrânia

Cinque (1994) também utiliza os APs atributivos para argumentar em favor da sua teoria. Como já mencionado, em línguas germânicas, esses adjetivos só aparecem em posição pré-nominal, enquanto podem ocorrer tanto em posição pré-nominal quanto em pós-nominal em línguas românicas:

- (34) *The terrible attack on Ukraine*
- (35) O terrível ataque à Ucrânia
- (36) O ataque terrível à Ucrânia

A partir desses exemplos, Cinque demonstra que o movimento de N não é opcional, uma vez que, de acordo com Jackendoff (1972 *apud* Cinque, 1994), as diferentes posições do adjetivo recebem diferentes interpretações. Na posição pré-nominal, o sentido é orientado para o sujeito, enquanto na posição pós-nominal a interpretação é de maneira, o que comprova que o N alça obrigatoriamente para um núcleo mais alto que a posição do AP de maneira.

Por outro lado, o N não pode alçar além da posição de AP orientado para o sujeito. Cinque (1994) demonstra isso através da impossibilidade de sequências de AP orientado para o sujeito seguidas por um AP temático ou de maneira entre N e seus complementos (37) (Cinque, 1994, p. 91):

- (37) *A agressão estúpida brutal/italiana à Albânia
- (38) A estúpida agressão brutal/italiana à Albânia³¹

³¹ No original: “**L'aggressione stupida brutale/italiana all'Albania*
La stupida aggressione brutale/italiana all'Albania” (Cinque, 1994, p. 91).

Além disso, a partir desses exemplos extraídos de Cinque (1994), é possível pressupor que AP temático e AP de maneira não coocorrem porque parecem disputar a mesma posição na derivação, o que fica evidenciado pela presença da barra entre ambos os adjetivos nos exemplos de Cinque (1994), ou seja, é possível usar apenas um dos adjetivos, temático ou de maneira.

Cardoso (em elaboração) defende que a coocorrência de AP temático e AP de maneira entre N e seu complemento parece não causar agramaticalidade nem estranheza, como em “A reação italiana hostil à proposta europeia”. A autora menciona que a proposta de Menuzzi (1992) poderia explicar esses casos através da predicação intersectiva, um caso de identificação temática, que ocorre tanto na coocorrência de AP temático e AP de maneira quanto de AP orientado para o sujeito e AP temático.

Cinque (1994) prossegue demonstrando que APs atributivos em línguas românicas podem aparecer antes ou depois de N com complemento, mas nunca depois de N + complemento:

- (39) O brutal ataque à Rússia
- (40) O ataque brutal à Rússia
- (41) *O ataque à Rússia brutal³²

De acordo com Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), existem algumas exceções à posição canônica em inglês. A primeira delas são os adjetivos que nunca aparecem em posição pré-nominal, como em (42). Outra exceção são os adjetivos morfologicamente derivados de verbos através do sufixo -a/-ible ou participípios usados como adjetivos, como em (43).

- (42) (a) *any child afraid/asleep*
 **any afraid/asleep child*
- (b) **a [proud of her work] student*
 *a student proud of her work*³³
- (43) *the (visible) stars visible*
 the (explorable) rivers explorable
 the (stolen) jewels stolen

³² Apesar de o autor considerar a construção agramatical, ela seria possível se reinterpretássemos o sintagma como um ataque à Rússia, que é brutal, em que o adjetivo deixaria de modificar "ataque" e passaria a modificar "Rússia".

³³ Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007, p. 295).

*the (present) cats present*³⁴

Cinque (1994) apresenta três contextos em que o adjetivo pode aparecer em posição pós-nominal em línguas germânicas. O primeiro seria a presença de um complemento do adjetivo, como em (44); o segundo, a presença de adjetivos coordenados, como em (45); e, por fim, a presença de um intensificador, como em (46).

(44) *a person kind to her neighbours*

(45) *a man bruised and battered*

(46) *a tea just hot*

Diferentemente da proposta de Cinque (1994), Prim (2017) defende que os adjetivos são gerados à direita do nome, em adjunção, e que são eles (e não o nome) que se movimentam para a posição pré-nominal. A única exceção seriam os adjetivos exclusivamente pré-nominais. Destacamos que essa teoria se refere aos adjetivos em português brasileiro.

Prim (2017) se detém aos adjetivos qualificativos, que podem ocupar tanto a posição pré-nominal quanto a pós-nominal. A autora destaca que esses adjetivos ocorrem com mais naturalidade na posição predicativa (adjetivo ligado ao nome por meio de um verbo), se comparados a outros adjetivos. Para descrevê-los, ela apresenta três características principais, mas ressalta que elas são verdadeiras para a maioria dos adjetivos qualificativos, não para todos.

A primeira característica, já mencionada, é que alguns adjetivos qualificativos podem aparecer também na posição pré-nominal, apesar de alguns só ocuparem a pós-nominal, como é o caso de "comum":

(47) *Uma proposta interessante*

(48) *Uma interessante proposta*

(49) *Uma roupa comum*

(50) **Uma comum roupa*

A segunda característica diz respeito à possibilidade de nominalização que ocorre com esse tipo de adjetivo. Por exemplo, no caso a seguir, há ambiguidade entre a leitura relacional (popular = estilo de música) e a leitura qualificativa (popular = conhecida). Com a nominalização do adjetivo, a ambiguidade desaparece:

(51) *Música popular*

³⁴Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007, p. 296).

(52) A popularidade da música³⁵

Outra característica dessa classe de adjetivos é que os sufixos -íssimo e de diminutivo só ocorrem com os qualificativos, já que os adjetivos que só aparecem em uma posição (pré ou pós-nominal) não permitem modificação por advérbio de grau:

(53) Flor bonita

(54) Flor muito bonita

(55) Flor bonitíssima

(56) Flor bonitinha

Segundo Prim (2017), muitos autores preocupam-se com a relação entre posição e interpretação do adjetivo, mas não preveem uma relação entre a posição do adjetivo e o nome ou o determinante que o acompanham. Para ilustrar, ela traz os seguintes exemplos, em que o adjetivo está na mesma posição, mas o nome faz com que o sintagma seja ambíguo ou não (Prim, 2017, p. 11):

(57) Maria é uma bailarina sensual (ambíguo: Maria é uma bailarina e é sensual ou Maria é uma bailarina que dança sensualmente)

(58) Maria é uma administradora sensual (não ambíguo: Maria é uma administradora e é sensual, mas não é possível dizer que Maria administra sensualmente)

A autora também traz exemplos para demonstrar que a posição do adjetivo pode ser definida pelo determinante, permitindo ou não o adjetivo em posição pré-nominal (PRIM, 2017, p. 11):

(59) Uma brutal agressão deixa marcas na mente da vítima.

(60) *A brutal agressão deixa marcas na mente da vítima.

Prim (2017) baseia-se nos NPs do PB para defender a geração na posição pós-nominal de adjetivos com posicionamento variável e exclusivamente pós-nominais. Para tanto, inicia distinguindo NPs e DPs: os NPs só modificam o predicado, ou seja, não ocorrem em posição argumental, por isso não podem ser substituídos por um pronome (61). Os DPs, por outro lado, podem ser retomados por pronomes (62), isso porque “uma expressão nominal é um argumento somente se é introduzido por uma categoria D. DP pode ser um argumento, NP não pode” (Longobardi, 1994, p. 628 *apud* Prim, 2017, p. 13).

³⁵ (Prim, 2017, p. 12)

(61) Maria usa [vestido de festa] só quando suas amigas compram *ele/Ø de presente para ela.

(62) O João tem [maçã verde] na cesta. Comprou ela/elas/Ø ontem.³⁶

NPs em português são evidência da geração na posição pós-nominal de adjetivos exclusivamente pós-nominais e de adjetivos que podem ocupar as duas posições, pois há diferenças entre esses adjetivos e os exclusivamente pré-nominais.

Adjetivos pós-nominais podem ocorrer tanto em NPs (63) quanto em DPs (64) (Prim, 2017, p. 14):

(63) Maria usa vestido amarelo só quando suas amigas compram *ele/*eles para ela.

(64) Maria usou um vestido amarelo porque suas amigas compraram ele para ela.

Na posição pré-nominal, nem adjetivos com posicionamento variável nem adjetivos exclusivamente pré-nominais podem ocorrer em NPs, somente em DPs (Prim, 2017, p. 15):

(65) Maria usa bonito vestido de festa só quando suas amigas compram ele para ela.

(66) Maria usa provável vestido de noiva da sua irmã no Expo Noivas e Festas porque ele combina muito com ela também.

Outra evidência para a teoria de adjunção à direita proposta por Prim (2017) é que os adjetivos na posição pós-nominal são selecionados pelo nome, diferentemente dos adjetivos exclusivamente pré-nominais, que podem se combinar com qualquer tipo de nome. No caso dos adjetivos pós-nominais e daqueles que podem ocupar as duas posições, "têm seu significado determinado pelo nome que o acompanha; em outras palavras, seu significado depende do campo semântico do nome." (Prim, 2017, p. 15). Confira os exemplos:

(67) Uma aula interessante

(68) *Uma aula verde

(69) *Uma aula retangular

Prim (2017) destaca que essas diferenças entre adjetivos pré e pós-nominais reforçam a limitação das teorias que defendem a geração de todos os adjetivos na

³⁶ (Prim, 2017, p. 14)

posição pré-nominal. Assim, defende-se que os adjetivos qualificativos pós-nominais são gerados abaixo do NP, em adjunção ao nome.

Em relação à posição pré-nominal, a autora defende que os adjetivos exclusivamente pré-nominais são gerados em uma posição mais alta que o nome. Já os qualificativos são gerados na posição pós-nominal, mas podem aparecer na posição pré-nominal por meio de movimento.

Na posição pré-nominal, os adjetivos qualificativos se referem a uma propriedade de um indivíduo em particular. Confira:

(70) Um aluno inteligentíssimo gabaritou a prova.

(71) Um inteligentíssimo aluno gabaritou a prova.

Em (70), com o adjetivo posposto, pode se estar falando de um aluno em específico ou de um aluno não-específico, mas muito inteligente. Porém, em (71), com o adjetivo anteposto, a única interpretação possível é que se está falando de um aluno em específico.

Mas isso não ocorre com todos os adjetivos qualificativos, como pode ser observado nos exemplos trazidos pela autora (Prim, 2017, p. 18):

(72) Me sugira uma ideia interessantíssima para o sábado à noite.

(73) #Me sugira uma interessantíssima ideia para o sábado à noite.

Nesse caso, temos um adjetivo qualificativo, evidenciado pela forma superlativa, mas ele não pode ocorrer em posição pré-nominal, já que não há possibilidade da interpretação de que está se falando de uma ideia específica. De acordo com a autora, não é possível que o adjetivo qualificativo seja específico e não ocorra em posição pré-nominal.

O adjetivo qualificativo só pode ser pré-nominal quando o falante sabe quem é o referente em específico, ou seja, quando há leitura específica. Caso contrário, os adjetivos relacionados a esse referente só podem aparecer em posição pós-nominal. A posição pré-nominal tem leitura específica, enquanto a pós-nominal pode ter leitura tanto específica quanto não-específica. Quando o adjetivo pode ser interpretado de forma específica nas duas posições, fica evidente que se trata do mesmo adjetivo movido para posições diferentes.

A hipótese defendida por Prim (2017) é que o adjetivo qualificativo se move para a posição pré-nominal quando o determinante que encabeça o DP oferece lugar de pouso para o adjetivo, assim, é o DP que desencadeia o movimento.

Adjetivos exclusivamente pré-nominais podem ocorrer tanto com DPs específicos quanto não-específicos, pois não apresentam interação com o determinante. Geralmente aparecem com artigos indefinidos, mas podem ocorrer também com artigo definido ou nu³⁷. Esses adjetivos aceitam a combinação com determinantes contendo o traço [+/- definitude] e podem ser específicos ou não-específicos:

(74) Um mero jogador de futebol

(75) Um suposto fenômeno da música

Por outro lado, adjetivos qualificativos só ocorrem em posição pré-nominal quando o determinante que encabeça o DP for específico, fazendo com que o adjetivo também tenha leitura específica. Esses adjetivos não apresentam restrições quanto aos traços de definitude, comportando-se da mesma forma com determinantes indefinidos (77), definidos (78) e nus (79):

(76) Eu fui ao show de um cantor famoso (não-específico)

(77) Eu fui ao show de um famoso cantor (específico)

(78) O maravilhoso corredor ganhou a disputa

(79) A garota viu linda flor no jardim

Assim, Prim (2017) conclui que a motivação para o movimento do AP qualificativo é o traço [+específico], que pode estar presente em todos os determinantes. Quando o DP indefinido é ambíguo entre as leituras específica e não-específica, o adjetivo na posição pré-nominal só ocorrerá quando se considerar a leitura específica do determinante. Essa é uma especificidade somente da posição pré-nominal do adjetivo, pois na pós-nominal não há essa restrição.

De acordo com Prim (2017, p. 35):

dizemos que o AP qualificativo é incapaz de mover-se se o determinante não for específico, isto é, se a categoria Tópico não for projetada. Mas se houver Tópico projetado, o adjetivo poderá ter leitura específica quer esteja na posição pré-nominal quer esteja na pós-nominal. O movimento não é obrigatório, visto que os adjetivos pós-nominais também podem ser específicos. O movimento do adjetivo só pode ocorrer se os traços do determinante e do adjetivo forem igualmente [+específico].

Outra teoria sobre a ordenação de adjetivos encontrada em Bergmann (2020) foi trazida por Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007). As autoras exemplificam a corrente separacionista com a teoria de Bouchard (1998, 2002), o qual denomina o nome como *functor* (equivalente a núcleo) e o adjetivo como dependente, buscando

³⁷ Nomes nus são aqueles que não são acompanhados por determinantes.

encontrar qual elemento é o núcleo na combinação semântica. Essa teoria defende um parâmetro de linearização que define que o núcleo (o nome) precede ou segue seu dependente (o adjetivo).

A partir desse parâmetro, em francês³⁸, quando o nome é totalmente especificado e modificado pelo adjetivo, o núcleo (o nome) precede o dependente (o adjetivo), ou seja, a ordem é N+A. Por outro lado, se o adjetivo modifica apenas algumas subpartes do nome, o núcleo (nome) segue o dependente (adjetivo), e a ordem é A+N. Esse segundo é o caso dos adjetivos intensionais não intersectivos e dos avaliativos, como em “boa professora” (o adjetivo caracteriza apenas a subparte “professora” do indivíduo, sem modificá-la enquanto mulher, por exemplo).

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) defendem que aparecem na posição pós-nominal a maioria dos adjetivos em línguas românicas que correspondem aos adjetivos em posição pré-nominal nas línguas germânicas. Esses adjetivos, segundo as autoras, seriam os descritivos, avaliativos, temporais e classificativos, como exemplificado respectivamente:

(80) O vestido azul

(81) A borboleta linda

(82) A tragédia recente em Minas Gerais³⁹

(83) O engenheiro civil

Já os adjetivos intensionais/não intersectivos só podem aparecer em posição pré-nominal nas línguas românicas:

(84) a. Um suposto ladrão

b. *Um ladrão suposto

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) propõem uma distinção interessante entre adjetivos predicativos e adnominais e adjetivos predicativos e atributivos. A primeira diz respeito à forma de ligação entre o nome e o adjetivo, distinguindo-se os adnominais, que ficam dentro do sintagma com o nome, enquanto os predicativos ligam-se ao nome por um verbo copular. A segunda distingue adjetivos dentro do sintagma, em que os adjetivos predicativos podem ser parafrazeados por um predicado com verbo copular, ao contrário dos atributivos, que não aceitam a paráfrase. Assim, o termo “predicativo” pode ser interpretado de duas formas.

³⁸ Por ser uma língua românica, o que é dito aqui sobre o francês pode ser aplicado ao português.

³⁹ No caso dos adjetivos avaliativos (81) e temporais (82), é possível o adjetivo em posição pré-nominal em português: “A linda borboleta” e “A recente tragédia em Minas Gerais”. Veremos alguns desses pontos a seguir com outros autores.

Segundo elas, o adjetivo não predicativo (que não pode ser parafraseado por predicado com verbo copular) geralmente não pode ocupar a posição pós-nominal em línguas românicas (85). Contudo, os adjetivos classificativos (86) aparecem pospostos ao nome, conforme apresentado a seguir:

(85) a. O futuro prefeito

b. *O prefeito futuro

(86) a. Engenheiro civil

b. *Civil engenheiro

Em Bergmann (2020), também é abordada a teoria de Borges Neto (1979), cuja base é a distinção entre o adjetivo categoremático (AC), que modifica a extensão/o referente do nome e cujo sentido não depende do nome que modifica, e o adjetivo sincategoremático (AS), o qual modifica a intensão/a referência do nome e cujo sentido está diretamente ligado ao nome. O autor defende que todos os adjetivos podem ser usados como categoremáticos ou sincategoremáticos, pois essa propriedade não é intrínseca ao adjetivo. A seguir, alguns exemplos de adjetivos categoremáticos (87-88) e sincategoremáticos (89-90):

(87) Machado de Assis é um escritor brasileiro.

(88) Comprei um vestido amarelo.

(89) Pedro é um engenheiro ambiental.

(90) Maria foi uma perfeita idiota naquela situação.

A partir dessa distinção, ele faz uma relação com a distribuição dos adjetivos. Segundo o autor, “adjetivos ambíguos entre as duas leituras perdem a ambiguidade na posição pré-nominal, tornando-se sincategoremáticos; nem todos os ASs podem aparecer em ambas as posições; e somente alguns ACs podem ser antepostos” (BERGMANN, 2020, p. 65).

Boff (1991) baseia-se na distinção entre adjetivos avaliativos e não avaliativos. A autora defende que apenas os adjetivos avaliativos (usados para emitir opinião ou julgamento, subcategorizados por verbos como achar, considerar, julgar etc.) podem aparecer antes do N, em oposição aos adjetivos não avaliativos (expressam propriedades inerentes ao objeto). Isso justificaria a gramaticalidade de (91) e a agramaticalidade de (92), por exemplo:

(91) Uma linda menina

(92) *Uma quadrada peça

Segundo a autora, essa restrição de posição seria explicada pelo fato de os adjetivos avaliativos serem gerados à direita de N em português e à esquerda em inglês. Seguindo a tendência de se moverem para a posição mais externa na projeção em que estão, os adjetivos avaliativos se movimentariam opcionalmente em português e obrigatoriamente em inglês, já que nessa língua podem aparecer somente em posição pré-nominal.

Importante destacar ainda que, de acordo com Boff (1991), há processos que podem adicionar o traço [+avaliativo] a um adjetivo, como é o caso da sufixação de -íssimo⁴⁰, fazendo com que o adjetivo se torne avaliativo e possa passar a ocupar a posição pré-nominal, como pode ser observado nos exemplos:

(93) *O vermelho vestido de festa

(94) O vermelhíssimo vestido de festa

Boff (1991) ainda menciona Cunha e Cintra (1985), para quem é necessário considerar também os epítetos, adjetivos que podem ocupar a posição pré-nominal, mesmo que não sejam avaliativos a princípio, como pode ser observado em (Boff, 1991, p. 66):

(95) a branca neve

(96) os verdes mares

A autora menciona que essas construções "exemplificam um produtivo recurso literário que consiste em antepor propriedades inerentes do nome como forma de realce estético." (Boff, 1991, p. 66). Assim, seria possível considerar que essa anteposição no uso literário seria mais um processo que tornaria o adjetivo [+avaliativo].

Além disso, a autora apresenta uma comparação entre exemplos como (BOFF, 1991, p. 66):

(97) ?o quadrado decorador⁴¹

(98) *a quadrada sala

Apesar de ambas poderem causar estranheza, segundo Boff, (97) seria melhor que (98), porque "quadrado" é um adjetivo avaliativo em (97) (significando estúpido), mas não em (98). Ou seja, é possível considerarmos um decorador

⁴⁰ Conforme vimos, Prim (2017) também defende que adjetivos que aceitam o sufixo -íssimo, classificados por ela como qualificativos, podem aparecer em ambas as posições. Essa questão também foi tratada por Cinque (1994) e Menuzzi (1992).

⁴¹ Em todas as ocorrências, o ponto de interrogação antes do sintagma indicará que a construção causa determinado nível de estranheza ao leitor/falante nativo.

"quadrado", mas não podemos considerar uma sala "quadrada" (ou ela é, ou não é quadrada).

É importante ressaltar as críticas de Moreira (2015) a essa teoria, que levam em consideração o fato de Boff (1991) ter deixado de fora de sua teoria adjetivos como os intensionais e os quantificacionais (que só podem aparecer em posição pré-nominal). Além disso, a autora não se aprofunda na questão das diversas interpretações decorrentes das diferentes posições do adjetivo.

Menuzzi (1992), também apresentado em Bergmann (2020), explica a distinção entre os adjetivos nas posições pré-nominal e pós-nominal a partir da forma pela qual os adjetivos e os nomes preenchem suas redes temáticas. Assim, o autor classifica os adjetivos em português em quatro classes: categoremáticos, relacionais, referenciais e intensionais.

Assim como indicado por Borges Neto (1979), Menuzzi (1992) apresenta que os adjetivos categoremáticos têm sentido independente do nome que modificam. Quando estão em posição pré-nominal, tornam-se núcleo do sintagma, como exemplificado a seguir (o termo sublinhado é o núcleo em cada sintagma):

(99) Um cantor cego

(100) Um cego cantor

Os adjetivos relacionais têm dois argumentos: o nome e uma classe de comparação. Quando estão em posição pré-nominal, são relativos ao nome, como em (101), em que a única interpretação possível é que ela é boa como professora. Quando estão em posição pós-nominal, podem ter leitura abstrata ou relativa ao nome, como em (102), em que é possível interpretar que ela é boa como professora ou boa como pessoa.

(101) Uma boa professora

(102) Uma professora boa

Os adjetivos referenciais são conhecidos como adjetivos gentílicos e só podem ocupar a posição pós-nominal, como exemplificado a seguir:

(103) Música latina

(104) *Latina música

Os adjetivos intensionais são aqueles que, para serem interpretados, não levam em conta apenas a extensão do nome. Eles podem aparecer somente antes

do nome, pois é só nessa posição que conseguem saturar as suas estruturas argumentais. A seguir, estão alguns exemplos da ordenação desses adjetivos:

- (105) O suposto mentiroso
- (106) *O mentiroso suposto
- (107) O próximo filho
- (108) O último rei

Em Bergmann (2020), foi apontado que, em português, de acordo com Menuzzi (1992):

os elementos a partir dos quais partem as relações temáticas devem preceder os elementos aos quais as relações se dirigem. Assim, em PB, 'a atribuição de papéis semânticos entre As e Ns é dirigida para a direita' (MENUZZI, 1992, p. 73). Isso explica por que adjetivos intensionais só ocupam a posição pré-nominal e por que os adjetivos referenciais e categoremáticos são reinterpretados como núcleo quando aparecem em posição pré-nominal (Bergmann, 2020, p. 67).

Quando mais de um adjetivo aparece dentro de um sintagma nominal, há outras restrições que parecem operar sobre a ordenação desses itens. Cardoso (em elaboração) corrobora sua proposta de que a ordenação dos adjetivos não é aleatória a partir de exemplos como os seguintes:

- (109)
 - a. Uma atividade docente remunerada
 - b. ?Uma atividade remunerada docente
 - c. *Uma docente atividade remunerada
 - d. Uma remunerada atividade docente

- (110)
 - a. Um aluno bolsista participativo
 - b. ?Um aluno participativo bolsista
 - c. *Um bolsista aluno participativo
 - d. Um participativo aluno bolsista

Os exemplos apresentados por Cardoso (em elaboração) trazem argumentos para demonstrar que deve existir uma ordem subjacente capaz de reger a ordem dos adjetivos e dos nomes. Caso contrário, todos os exemplos seriam igualmente aceitos por falantes nativos, mas não é o que ocorre.

Em (109a) e (110a), os sintagmas são totalmente aceitos em português. Contudo, ao alterar a posição dos dois adjetivos, como em (109b) e (110b), ou

antepor ao nome o adjetivo que estava mais próximo dele no sintagma original, como em (109c) e (110c), determinados níveis de estranhamento já são causados ao falante nativo. Por outro lado, ao antepor ao nome o adjetivo que estava mais distante no sintagma original, a construção parece ser bem aceita (109d) e (110d).

Algumas hipóteses sobre a ordenação de diferentes adjetivos são trazidas por Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007). Segundo elas, Sproat e Shih (1987, 1991) defendem que a ordem dos adjetivos é estabelecida pela proximidade linear relativa ao nome. Para esses autores, os adjetivos mais “aparentes”, ou seja, mais “palpáveis”, ficam mais próximos do nome. Assim, eles defendem a seguinte ordenação (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 310):

(111) Quantificador > qualidade > tamanho > tamanho/cor > proveniência⁴²

Elas ainda trazem a proposta de Scott (1998 *apud* Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007), para quem os adjetivos que denotam propriedades próprias do referente do substantivo ficam mais próximos do N do que adjetivos que denotam propriedades subjetivas. A ordenação proposta por Scott (1998 *apud* Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 311) acrescenta algumas categorias:

(112) Ordinal > cardinal > comentário subjetivo > qualidade > tamanho > comprimento > altura > velocidade > profundidade > largura > temperatura > umidade > idade > forma > cor > nacionalidade/origem > material⁴³

Em Bergmann (2020), é ressaltado que esses dois esquemas de ordenação de adjetivos são baseados no inglês. Por isso, essa ordenação seria na posição pré-nominal, estando o nome ao final, já que a posição canônica do adjetivo em inglês é antes do nome. No caso do português, a ordem seria espelhada, ficando em posição pós-nominal, já que essa é a posição canônica do adjetivo em português. Assim, exemplos seguindo a ordenação defendida pelos autores seriam:

(113) Mesa de vime francesa

(114) Porta amarela estreita

(115) Modelo brasileiro bonito

Ainda sobre a ordenação de diferentes adjetivos, em Bergmann (2020), é apresentada a abordagem de Cinque (1994), segundo a qual

⁴² No original: “*quantification < quality < size < shape/color < provenance*” (ALEXIADOU; HAEGEMAN; STAVROU, 2007, p. 310).

⁴³ No original: “*ordinal > cardinal > subjective comment > evidential > size > length > height > speed > depth > width > temperature > wetness > age > shape > color > nationality/origin > material*” (Scott, 1998 *apud* Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 311).

o número de APs atributivos que podem aparecer em um DP leva à pressuposição de que eles sejam adjungidos a uma projeção máxima. No entanto, há alguns argumentos para defender a alternativa de que eles sejam gerados em distintas posições de Spec, ainda que, para isso, seja necessário pressupor um número maior de projeções funcionais entre DP e NP (Bergmann, 2020, p. 57).

Para corroborar essa proposta, Cinque (1994) traz alguns argumentos. O primeiro é que existe uma ordenação não marcada de diferentes classes de APs para Ns que denotam eventos (116) e objetos (117). Esse padrão de ordenação não pode ser explicado pela hipótese da adjunção, por isso corrobora a teoria de Cinque (1994, p. 96):

(116) Poss > Cardinal > Ordinal > Orientado para o falante > Orientado para o sujeito > Maneira > Temático

(117) Poss > Cardinal > Ordinal > Qualidade > Tamanho > Forma > Cor > Nacionalidade⁴⁴

O segundo argumento é que existe um limite no número de APs atributivos não coordenados dentro do DP, o que pode ser explicado apenas pela hipótese da geração no especificador (Spec): a restrição deve-se ao número limitado de projeções funcionais independentemente disponíveis entre DP e NP. O terceiro argumento diz respeito à posição dos adjetivos originalmente à esquerda do nome, que pode ser explicada pela localização do Spec, que está à esquerda do núcleo.

Cinque (1994)⁴⁵ também defende que a regularidade na ordenação de adjetivos em diferentes línguas pode corroborar a geração de APs atributivos à esquerda de N em línguas românicas. A partir dessa teoria, uma escala de distância de N rege a ordenação de adjetivos translinguisticamente. Além disso, defende que línguas com o adjetivo posposto ao nome são o espelho de línguas que têm o adjetivo anteposto, como pode ser visto nos exemplos (118) e (119). Cinque (1994) também defende que línguas com ordem A+N+A e línguas com ordem A+N têm a mesma ordem na base, mas, nas primeiras, o N alça sobre alguns APs mais baixos, como ocorre em português (120).

(118) Ordem AN: *interesting big yellow book*

Avaliação Tamanho Cor Nome

(119) Ordem NA: *livro amarelo grande interessante*

⁴⁴ No original:

“(112) *poss > cardinal > ordinal > speaker-or. > subj-or. > manner > thematic*

(113) *poss. > cardinal > ordinal > quality > size > shape > color > nationality*” (CINQUE, 1994, p. 96).

⁴⁵ Cinque (1994) sustenta sua hipótese em Hetzron (1978) e Sproat e Shih (1988, 1990).

	Nome	Cor	Tamanho	Avaliação
(120) Ordem ANA:	um interessante	grande	livro	amarelo
	Avaliação	Tamanho	Nome	Cor

Cardoso (em elaboração) sustenta que a proposta de Cinque (1994) sobre a ordenação dos adjetivos de cor, nacionalidade, tamanho, etc. apresenta falhas, uma vez que não analisa propriedades inerentes ao adjetivo, como propriedades semânticas ou sintáticas. Além disso, segundo a autora, a hipótese das projeções funcionais defendida por Cinque (1994) não é capaz de explicar o limite de adjetivos de um mesmo NP, já que esse é imposto pelo limite de relações semânticas a serem estabelecidas.

Sobre a ordem universal proposta por Cinque (1994), com espelhamento entre línguas românicas e germânicas, Cardoso (em elaboração) também traz alguns questionamentos com base em exemplos do PB. A primeira questão diz respeito à proposta de que o N leva junto o AP mais próximo quando se move. Nos exemplos a seguir, apresentados pela autora, somente (121) e (122) seriam consideradas gramaticais, conforme a teoria de Cinque (1994), já que nesses casos N (pratos), ao se mover, leva junto o AP mais próximo (franceses). O sintagma (123) seria agramatical segundo a proposta de Cinque (1994), já que N não leva junto o AP mais próximo, porém não é o que ocorre em PB, demonstrando uma fragilidade da teoria de Cinque (1994), segundo Cardoso (em elaboração):

(121) Três ótimos tradicionais pratos franceses

(122) Três pratos franceses tradicionais ótimos

(123) Três pratos ótimos tradicionais franceses

A segunda questão levantada por Cardoso (em elaboração) é que, apesar de haver preferência na ordem dos adjetivos, existe liberdade de posicionamento dos modificadores. Caso contrário, as seguintes construções (extraídas de Cardoso (em elaboração)) seriam agramaticais:

(124) Um cachorro preto enorme (N cor dimensão)

(125) Um cachorro enorme preto (N dimensão cor)

(126) Uma mesa chinesa redonda (N nacionalidade formato)

(127) Uma mesa redonda chinesa (N formato nacionalidade)

(128) Uma praça grande bonita (N dimensão qualidade)

(129) Uma praça bonita grande (N qualidade dimensão)

Cinque (1994) ainda demonstra que, quando o N tem um complemento PP, também há restrições de ordem dos adjetivos. Acompanhe os exemplos a seguir:

(130) a. *Um vestido vermelho belíssimo de festa

N Adj1 Adj2 PP

b. Um vestido vermelho de festa belíssimo

N Adj1 PP Adj2

c. Um vestido de festa vermelho belíssimo

N PP Adj1 Adj2

d. Um vestido de festa belíssimo vermelho

N PP Adj2 Adj1

A partir da análise desses exemplos, Cinque (1994) conclui que a ordenação com ambos os adjetivos entre N e PP não é aceitável (130a), mas todas as outras são (130b-d).

Assim como em outras afirmações de agramaticalidade defendidas por Cinque (1994), nesta também há controvérsias sobre a agramaticalidade do sintagma. Cardoso (em elaboração) afirma que essa restrição de ordem dos adjetivos não é observada em todos os casos do PB. Ela apresenta alguns exemplos para ilustrar como a inserção de dois APs entre N e seu complemento nem sempre causam problemas:

(131) Os ataques italianos permanentes à Albânia

(132) A reação hostil americana à proposta venezuelana

(133) A reação americana hostil à proposta venezuelana

Em Cinque (2010), o autor apresenta duas fontes dos adjetivos: modificação direta e modificação indireta. A partir dessa distinção, ele estabelece padrões de ordenação de adjetivos para línguas germânicas e românicas (Cinque, 2010, p. 22):

(134)

a. Línguas Germânicas

Modificação indireta > Modificação direta > N (> Modificação Indireta)

b. Línguas Românicas

Modificação direta > N > Modificação direta > Modificação indireta

A modificação direta envolve “a fusão das diferentes classes de APs nos especificadores de vários núcleos funcionais dedicados da projeção estendida do

NP⁴⁶ (Cinque, 2010, p. 25). Esses adjetivos ficam mais próximos do N (135), o que justifica a agramaticalidade de (136), em que o adjetivo de modificação indireta ficou em posição mais próxima que o de modificação direta. Além disso, os adjetivos de modificação direta são ordenados rigidamente e não ocorrem em posição predicativa (137).

(135) O mero engenheiro civil brasileiro

MD N MD MI

(136) *O mero engenheiro brasileiro civil

(137) *O engenheiro é mero

Os adjetivos de modificação indireta estão relacionados à oração relativa reduzida, estão mais distantes do N, não seguem uma ordem rígida e podem ocorrer em posição predicativa (138):

(138) O engenheiro é brasileiro

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) também trazem a distinção entre modificação hierárquica e modificação paralela. Na modificação hierárquica, substantivo e adjetivo funcionam como uma unidade modificada sucessivamente pelo adjetivo precedente, fazendo com que cada adjetivo à esquerda (no caso das línguas germânicas) ou à direita (no caso das línguas românicas) tenha escopo sobre o constituinte.

Na modificação paralela, “cada adjetivo modifica o substantivo diretamente, sem ter escopo sobre a próxima unidade significativa de adjetivo + substantivo.” (Bergmann, 2020, p. 62). Nesse caso, é possível realizar uma comparação com a coordenação de adjetivos sem o uso da conjunção “e” e sem que os adjetivos precisem seguir uma ordem. Quando há adjetivos do mesmo tipo dentro do sintagma, eles seguem a modificação paralela.

Para tanto, as autoras apresentam os seguintes padrões, seguidos de exemplos incluídos por nós:

(139)

a. Modificação hierárquica: (A+(A+(A+N)))⁴⁷

b. carne bovina moída congelada

c. *frozen ground beef*

⁴⁶ No original: “merger of the different classes of APs in the specifiers of various dedicated functional heads of the extended projection of the NP” (Cinque, 2010, p. 25).

⁴⁷ Importante destacar que, por tratarem do inglês, os adjetivos são todos pré-nominais no padrão das autoras, mas o mesmo ocorre com os adjetivos pospostos.

(140)

a. Modificação paralela: (A+A+A+N)

b. um senhor gordo alto

c. *a tall fat gentleman*

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) ainda abordam sintagmas com nomes deverbais. Segundo elas, nesses casos, a ordem dos adjetivos pré-nominais geralmente segue a ordem dos advérbios em orações com verbo correspondente, conforme abaixo (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 324):

(141) Orientado para o falante > orientado para o sujeito > frequência > conclusão > maneira⁴⁸

Seguindo esse padrão, elas trazem um exemplo em inglês:

(142) *He probably quickly left* (orientado para o falante > maneira)

(143) *His probable quick departure*

Bergmann (2020) mostra que, apesar de as autoras terem exemplificado o assunto em inglês, também é possível verificá-lo em português (Bergmann, 2020, p. 64):

(144) Ele provavelmente saiu rapidamente

(145) Sua provável partida rápida

Essa teoria de Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) vai ao encontro do que alguns gerativistas têm defendido sobre os sintagmas nominais apresentarem propriedades dos sintagmas verbais, conforme mencionado na seção 2.1.2. Assim, é estabelecida uma relação entre os adjetivos no domínio nominal e os advérbios no domínio verbal.

Santana (2020) cita Neves (2000), para quem a posição pós-nominal do adjetivo tem interpretação restritiva, especificadora, sendo a posição menos marcada em português. Por outro lado, a posição pré-nominal seria mais marcada e mais frequente em textos literários ou em outros casos em que se deseja uma leitura mais subjetiva. Segundo a autora, os adjetivos podem aparecer obrigatoriamente em posição pós-nominal, como em (146); podem ter posição opcional sem mudança de sentido, como em (147); ou ocupar diferentes posições, mas com mudança de sentido, como em (148).

(146) a. Reunião mensal

⁴⁸ No original: "*speaker-oriented > subject-oriented > frequency > completion > manner*" (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 324).

b. *Mensal reunião

(147) a. Linda flor

b. Flor linda

(148) a. Grande homem

b. Homem grande

Neves (2000 *apud* Santana, 2020) ainda classifica os adjetivos em duas grandes subclasses. Os classificadores, que podem ser pospostos ou antepostos — nesse segundo caso, mais frequente em textos literários (149). Os adjetivos mais aceitos em posição pré-nominal são os "capazes de expressar qualidades atribuídas a termos que têm uma relação específica com o substantivo qualificado" (Santana, 2020, p. 55).

(149) a. Homem indefeso

b. Indefeso homem

A outra subclasse é a dos qualificadores, que têm posição livre (150), posição única (151 e 152) ou posição livre com mudança de sentido (153).

(150) a. Mulher linda

b. Linda mulher

(151) Tempo ruim

(152) Mero aluno

(153) a. Velho amigo

b. Amigo velho

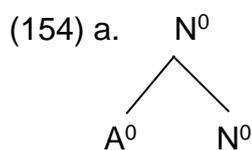
Segundo Almeida (2007, p. 16), no português brasileiro, não há uma ordem rígida da posição dos adjetivos, mas uma ordem preferencial e menos marcada. Em relação aos adjetivos em inglês, Santana (2020, p. 56) afirma que eles seguem uma ordem mais rígida, "não existindo tantas flutuações na marcação do sintagma nominal e, ao contrário da Língua Portuguesa, muito mais do que implicações semânticas, a ordem do adjetivo está relacionada a restrições sintáticas.". Mais adiante, são apresentadas algumas questões relacionadas à ordenação de adjetivos especificamente do inglês.

2.1.5 Relação entre posição do adjetivo e interpretação

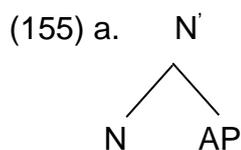
Como já foi visto, diferentes posições do adjetivo podem acarretar diferenças no grau de aceitabilidade da construção, bem como mudança de sentido. Diversos autores abordam essa relação entre posição do adjetivo e sua interpretação. A seguir, serão apresentados alguns deles.

Em Bergmann (2020), é apresentada a proposta de Bolinger (1967) a partir de Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007). O autor defende que o adjetivo na posição pré-nominal atribui uma interpretação permanente/duradoura, enquanto na posição pós-nominal refere-se a algo transitório/temporário.

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) também apresentam a teoria de Lamarche (1991). Segundo esse autor, a diferença entre os adjetivos pré-nominais e pós-nominais está na sua relação com o nome. Enquanto os adjetivos pré-nominais são núcleos e formam um N⁰ com o nome (exemplo 154), adjetivos pós-nominais são projeções máximas e surgem como filhas de N' (exemplo 155). As estruturas foram extraídas de Lamarche (1991, p. 227 *apud* Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 386):



b. velho amigo



b. amigo velho

Em (154), há uma relação mais próxima entre o nome e o adjetivo, pois este modifica a estrutura interna do nome. Assim, a interpretação desse sintagma é que a amizade se mantém há muito tempo. Em (155), há uma relação menos próxima entre adjetivo e nome, em que as características lexicais do adjetivo combinam com as do nome. Assim, a interpretação é de que o amigo tem idade avançada.

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) ainda trazem a proposta de Bouchard (1998, 2002), segundo o qual

os adjetivos pré-nominais têm uma interpretação intensional/não intersectiva e modificam um subelemento do sentido básico do nome. Já os adjetivos pós-nominais têm uma interpretação extensional/intersectiva e modificam toda a rede de elementos que determinam o significado de N (Bergmann, 2020, p. 40).

Para ilustrar essa distinção, as autoras trazem os seguintes exemplos (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 332):

- (156) a. Numerosas famílias
- b. Famílias numerosas

No exemplo (156a), “numerosas” modifica apenas uma parte do significado do nome, possibilitando a interpretação de que são várias famílias. Já em (156b), “numerosas” expressa uma propriedade das famílias, ou seja, demonstra que são famílias com muitos membros.

Bouchard (2002 *apud* Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) também faz uma análise sobre os adjetivos avaliativos, como em:

- (157) a. Um bom mecânico
- b. Um mecânico bom

Enquanto em (157a) é possível interpretar apenas que ele é bom como mecânico, em (157b) pode-se interpretar que ele é bom como mecânico ou que ele é bom como pessoa, como ser humano.

Brito e Lopes (2016), também apresentadas em Bergmann (2020), classificam os adjetivos entre qualificativos — que expressam propriedades objetivas, como dimensão, forma, cor e estado físico/mental — e avaliativos — que expressam propriedades subjetivas. Os adjetivos qualificativos geralmente aparecem em posição pós-nominal, enquanto os adjetivos avaliativos podem aparecer em ambas as posições.

Quando os adjetivos avaliativos modificam substantivos plurais na posição pós-nominal, podem ter duas interpretações: restritiva (158a) e não restritiva (158b); em posição pré-nominal, só podem ter leitura não restritiva (159b).

- (158) As flores lindas do jardim
 - a. Algumas das flores do jardim são lindas (restritiva)
 - b. Todas as flores do jardim são lindas (não restritiva)

- (159) As lindas flores do jardim
 - a. *Algumas das flores do jardim são lindas (restritiva)
 - b. Todas as flores do jardim são lindas (não restritiva)

Quando os adjetivos qualificativos estão em posição pré-nominal, têm interpretação conotativa e, quando em posição pós-nominal, têm interpretação denotativa. Isso pode ser observado nos exemplos, em que, em (160a), a interpretação é de uma menina coitada, de quem se sente dó; já em (160b), a interpretação é de uma menina que tem pouco dinheiro.

- (160) a. A pobre menina
b. A menina pobre

Quando adjetivos qualificativos e avaliativos coocorrem, a ordem aceita é qualificativo > avaliativo, como em (161), mas não em (162):

- (161) Um livro amarelo interessante
(162) *Um livro interessante amarelo

Brito e Lopes (2016) também citam os adjetivos relacionais, que ocupam a posição pós-nominal. Quando coocorrem com adjetivos qualificativos, há duas ordens aceitas: nome > adjetivo relacional > adjetivo qualificativo (163a) e adjetivo qualificativo > nome > adjetivo relacional (163b) (exemplos extraídos de Brito; Lopes, 2016, p. 263):

- (163) a. Uma produção pesqueira intensa
b. Uma intensa produção pesqueira

Alguns termos, além de possibilitarem diferentes interpretações, também mudam de classe ao mudarem de posição. É o que ocorre com *diversos*, *certos*, *raros* etc.: em posição pré-nominal, são considerados quantificadores (164); em posição pós-nominal, são considerados adjetivos qualificativos (165)⁴⁹.

- (164) Eu fui ao cinema raras vezes
(165) Eu assisti a filmes raros

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) trazem a distinção entre adjetivos intensionais (não intersectivos) e extensionais (intersectivos). Os adjetivos intensionais modificam o sentido ou a intensão do nome, ou seja, propriedades internas ao substantivo, como nos exemplos a seguir:

- (166) O futuro presidente
(167) Uma falsa esposa
(168) O suposto ladrão

⁴⁹ É possível que os exemplos apresentados anteriormente “numerosas famílias” e “famílias numerosas” estejam sujeitos a essa mudança de classe mencionada por Brito e Lopes (2016).

Em português, esse tipo de adjetivo geralmente aparece em posição pré-nominal. Além disso, Bergmann (2020) apresenta a reflexão das autoras que mencionam que, se o adjetivo é intensional, “isso significa que a combinação do adjetivo com um nome comum co-extensivo não necessariamente produz uma expressão nominal modificada co-extensiva” (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007, p. 333). Ou seja, uma falsa esposa não está no conjunto das esposas, assim como o suposto ladrão não está no conjunto dos ladrões.

Já os adjetivos extensionais modificam o nome por completo, não apenas subpartes, como é o caso do adjetivo intensional. Assim, esses adjetivos podem ser interpretados separadamente dos substantivos que modificam. Por exemplo, em (169), é possível considerar que ela é escritora e que ela é jovem; o adjetivo modifica o nome por completo e pode ser interpretado separadamente:

(169) Cecília é uma escritora jovem

Ainda sobre a distinção intersectivo x não intersectivo, Cinque (2010) afirma que a diferença de interpretação está na posição do adjetivo. Em línguas germânicas, a posição pré-nominal pode apresentar leitura intersectiva ou não intersectiva, enquanto a pós-nominal pode apresentar apenas a intersectiva. Em línguas românicas, como o português, a posição pré-nominal permite apenas a leitura não intersectiva, enquanto a pós-nominal permite ambas. Essa distinção pode ser vista nos exemplos a seguir:

(170) Um novo professor

- a. Um professor que começou a lecionar na turma/escola há pouco tempo
- b. *Um professor jovem

(171) Um professor novo

- a. Um professor que começou a lecionar na turma/escola há pouco tempo
- b. Um professor jovem

No exemplo (170), a única interpretação possível é que o professor leciona naquela turma ou escola há pouco tempo. Já no exemplo (171), ambas as interpretações são possíveis, que ele leciona há pouco tempo ou que ele é uma pessoa jovem.

Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) também apresentam a distinção entre adjetivos absolutos e não absolutos. Os adjetivos absolutos são os que denotam propriedades concretas do substantivo, como os que indicam nacionalidade, cor,

material, forma etc. (exemplos de 172 a 175). Eles não são graduáveis (176, 177) nem podem aparecer em posição pré-nominal em português (178, 179):

- (172) A casa amarela⁵⁰
- (173) O chocolate suíço
- (174) Um pote de plástico
- (175) O espelho retangular
- (176) *A casa menos amarela
- (177) *O chocolate mais suíço
- (178) *Um de plástico pote
- (179) *O retangular espelho

Os adjetivos não absolutos, também chamados de subjetivos, denotam propriedades não naturais e apresentam uma relação menos íntima com o nome, além de geralmente expressarem uma avaliação do falante. Eles podem aparecer tanto em posição pré-nominal quanto em pós-nominal, como pode ser observado a seguir:

- (180) Um interessante enredo
- (181) Um vestido maravilhoso

Bergmann (2020) conclui que essa teoria de distinção entre adjetivos absolutos e não absolutos assemelha-se à teoria de Brito e Lopes (2016) sobre os adjetivos qualificativos e avaliativos, respectivamente.

Segundo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), os adjetivos absolutos podem ter a função classificativa. Com essa função, eles são comumente utilizados para subclassificar ou categorizar o nome, ou seja, um “espelho retangular” faz parte de uma categoria de espelhos diferente da categoria dos espelhos redondos, por exemplo. Em línguas românicas, como o português, os adjetivos classificativos aparecem em posição pós-nominal:

- (182) Artigos acadêmicos
- (183) Culinária brasileira

Além disso, os adjetivos absolutos também podem ser relacionais. Nesse caso, os adjetivos derivam de substantivos e relacionam o domínio do substantivo e

⁵⁰ Relembrando os epítetos apresentados por Cunha e Cintra (1985) a partir de Boff (1991), o adjetivo “amarelo” poderia aparecer em posição pré-nominal como recurso literário, com a finalidade de realce estético.

o domínio do adjetivo, estabelecendo uma relação modificadora (184) ou temática/argumental (185):

(184) Energia nuclear

(185) Invasão italiana

Esses adjetivos têm uma estreita relação com o nome, chegando a haver uma fusão entre ambos, dando origem a uma expressão com sentido unitário. Por isso, não é possível separar nome e adjetivo absoluto relacional por outro elemento, como pode ser observado a seguir:

(186)

a. Energia nuclear

b. Energia nuclear potente

c. *Energia potente nuclear

2.1.6 Posição e ordenação de adjetivos em inglês

Uma vez que buscamos observar a influência do inglês (LE) na ordenação de adjetivos em SN em português (LM), mostra-se relevante abordar brevemente os adjetivos em inglês, servindo de base para as análises, sem nos aprofundarmos, apenas introduzindo a temática. Já vimos anteriormente que a posição canônica do adjetivo em inglês é antes do nome, excetuando-se alguns casos específicos, também já mencionados. Nesta subseção, apresentamos algumas questões trazidas pela gramática sobre os adjetivos em inglês.

As diferenças entre adjetivos em inglês e português já aparecem antes mesmo de pensarmos em posição do adjetivo. Diferentemente do que acontece em português, em inglês, os adjetivos não concordam com o substantivo em gênero nem em número, como podemos observar nos exemplos a seguir:

(187) a. A blusa amarela

b. As blusas amarelas

(188) a. *The yellow blouse*

b. *The yellow blouses*

Assim como em português, os adjetivos em inglês podem aparecer na posição atributiva (junto do nome) ou na posição predicativa (ligados ao nome por

um verbo de ligação). Como o foco deste trabalho é a posição do adjetivo dentro do SN, vamos observar especificidades dessa posição dos adjetivos na língua inglesa.

Andrew (2019) apresenta alguns adjetivos que só aparecem junto do nome, nunca em posição predicativa: *elder*, *eldest*, *live* e *main*. Observe alguns exemplos:

(189) a. *Her elder brother is coming home.*

b. **Her brother is elder.*

(190) a. *We traveled just by the main road.*

b. **The road is main.*

Swan e Walter (2011) também incluem outros adjetivos que só aparecem junto do nome, além dos já mencionados por Andrew (2019): “old (= tendo durado muito tempo), little (especialmente no inglês britânico) e live (= não está morto)” (Swan; Walter, 2011, p. 175):

(191) a. *She is a little girl.*

b. **She is little.*⁵¹

(192) a. *She's a very old friend.*

b. *She is old.*

No caso de *old*, os autores destacam que a construção (192a), com o adjetivo junto do nome, não é o mesmo que dizer que ela é muito velha, ela pode inclusive ser jovem, e é amiga há bastante tempo. Já a construção (192b), com o adjetivo ligado ao nome por um verbo, indica que ela tem idade avançada. Nesse caso, o adjetivo pode, sim, aparecer tanto em posição atributiva quanto em posição predicativa, contudo, com sentidos diferentes. Além disso, adjetivos intensificadores, como *complete*, *mere*, *sheer* e *total* também só aparecem antes do nome.

Por outro lado, alguns adjetivos só aparecem ligados ao nome por verbos de ligação, nunca em posição atributiva, como é o caso de *afraid*, *alone*, *ashamed*, *asleep* e *awake* (Andrew, 2019). Swan (1984) menciona que alguns desses adjetivos são substituídos por outros quando aparecem na posição pré-nominal: *afraid* torna-se *frightened*; *alone* torna-se *lone*; e *asleep* torna-se *sleeping*.

O autor também cita os adjetivos *ill*, *well* e *alive*. Segundo ele, em posição pré-nominal, esses adjetivos são substituídos por outros: *ill* torna-se *sick*; *well* torna-se *healthy*; e *alive* torna-se *living*. Swan e Walter (2011) ainda incluem nessa lista os adjetivos *afloat*, *alight* e *alike*.

⁵¹ Segundo o autor, na posição predicativa, o adjetivo *little* é substituído por *small*.

Andrew (2019) também cita alguns nomes com os quais os adjetivos só aparecem pospostos, diferentemente da posição canônica dos adjetivos no inglês. Os nomes citados são: *anything, everything, nothing, something, anywhere, everywhere, nowhere, somewhere, anybody, everybody, nobody* e *somebody*. Confira alguns exemplos:

(193) *Did you eat something sweet yesterday?*

(194) *Let's go somewhere quiet on vacation.*

Ainda sobre a posição pós-nominal, Swan (1984) destaca que, com expressões de medição, os adjetivos são sempre pospostos, como em (Swan, 1984, p. 18):

(195) *two metres high*

Sintagmas adjetivais complexos geralmente aparecem depois dos nomes, principalmente em orações relativas (Swan; Walter, 2011):

(196) *We need people prepared to travel*

Porém, há exceções, como os casos com adjetivos como *different, similar, the same, next, last, first, second* etc., *difficult, easy* e comparativos e superlativos.

(197) *different ideas from yours*

(198) *the next train to arrive*

(199) *an easy problem to solve*

Swan e Walter (2011) afirmam que os adjetivos em inglês seguem uma ordem fixa e que as regras que regem essa ordenação são muito complicadas, além de haver variação no uso dessas ordenações. Primeiramente, eles afirmam que os adjetivos devem seguir a seguinte ordem, seguida do exemplo:

(200) a. cor > origem > material > propósito > nome

b. *black American leather hiking shoes*

Além disso, Swan (1984) afirma que alguns adjetivos antecedem esses adjetivos já mencionados, como nos exemplos a seguir:

(201) *a big white dog*

(202) *the rectangular wooden table*

Outros adjetivos, como *first, last* e *next* geralmente aparecem antes de números e de *few* (Swan; Walter, 2011):

(203) *the last four months*

(204) *the first few days*

Os autores também mencionam que adjetivos de opinião aparecem antes dos adjetivos descritivos⁵²:

(205) *a beautiful red dress*

Sobre o uso da conjunção *and* entre adjetivos, só é usada na posição pré-nominal quando os adjetivos descrevem diferentes partes do nome ou para mostrar que algo pertence a diferentes categorias. Na posição pós-nominal, a conjunção *and* é comum antes do último de dois ou mais adjetivos (Swan; Walter, 2011, p. 174):

(206) *a green and black dress*

(207) *a national and international problem*

(208) *He was like a winter's day: short, dark and dirty*

É importante destacar que, ao longo do referencial, diversos autores que abordavam a ordenação de adjetivos também tratavam da ordem em inglês. Nesta subseção, apenas incluímos alguns pontos levantados por gramáticos da língua inglesa.

2.2 Línguas em contato

Uma vez que a ordenação de adjetivos será analisada a partir das respostas de indivíduos monolíngues e bilíngues, mostra-se importante trazer a definição e a discussão de alguns conceitos relacionados à área de Línguas em contato. Para tanto, nas próximas subseções, são apresentadas algumas noções de bilinguismo, influência entre línguas e, mais especificamente, influência de L2 sobre L1.

2.2.1 Bilinguismo

Atualmente, o monolingüismo tem se tornado cada vez mais raro, ao contrário do que se acredita. Grosjean (2008) afirma que metade da população mundial é bilíngue e que “o bilingüismo está presente em praticamente todos os países do

⁵² Essa afirmação corrobora a proposta de Sproat e Shih (1987, 1991), Scott (1998) e Cinque (1994), para quem os adjetivos mais aparentes (nesse caso, *red*) ficam mais próximos de N que os adjetivos menos aparentes (nesse caso, *beautiful*).

mundo, em todas as faixas etárias e em todas as classes sociais.” (Grosjean, 2008, p. 163, tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees⁵³).

Megale (2012) afirma que, diferentemente do que muitos pensam e do que autores como Bloomfield (1933) defendem, a definição de bilinguismo não é o controle nativo de duas línguas. A autora apresenta a visão de Macnamara (1967), que define o indivíduo bilíngue como "alguém que possui competência mínima em uma das quatro habilidades linguísticas (falar, ouvir, ler e escrever) em uma língua diferente de sua língua nativa" (Megale, 2012, p. 248).

A autora também traz a definição de Li Wei (2000), segundo o qual o indivíduo bilíngue é aquele que possui duas línguas independentemente dos graus de proficiência e do uso de duas, três ou mais línguas.

Ainda segundo a autora, Maher (2007) define o bilíngue como alguém que

não exibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. A depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, ele é capaz de se desempenhar melhor em uma língua do que na outra — e até mesmo de se desempenhar em apenas uma delas em certas práticas comunicativas (Maher, 2007, p. 73 *apud* Maher, 2012, p. 248-249).

Grosjean (2008) afirma que muitos definem como bilíngue aquele que tem controle de duas ou mais línguas de forma semelhante a um nativo, mas isso não é verdade. Essa ideia reforça o mito do “duplo monolíngue”, que defende que o bilíngue é aquele que performa como um monolíngue em cada uma de suas línguas. Assim, aqueles que usam regularmente mais de uma língua, mas não performam como um nativo, não poderiam ser chamados de bilíngues.

O autor menciona que diferentes definições para o bilinguismo passaram a ser elaboradas, como: “habilidade em produzir enunciados significativos em duas (ou mais) línguas, o domínio de pelo menos uma das habilidades linguísticas (leitura, escrita, fala, audição) em outra língua, o uso alternado de várias línguas, etc.” (Grosjean, 2008, p. 164).

Assim, para Grosjean (2008), é considerado bilíngue aquele que usa duas ou mais línguas com regularidade. O espectro é bem extenso, englobando desde quem usa a língua apenas para escrita acadêmica ou para o comércio, mesmo que não

⁵³ Todas as citações de Grosjean (2008) apresentadas neste trabalho são traduções de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees.

totalmente fluente, até quem trabalha com a língua, usando-a fluentemente, como professores e intérpretes.

O autor afirma que, a partir dessa definição, o bilíngue não precisa performar em todas as habilidades (ler, escrever, ouvir e falar). É normal um bilíngue que somente lê e escreve em uma língua, enquanto fala em outra, por exemplo. Isso ocorre porque as diferentes línguas do bilíngue podem ser usadas em contextos e situações diversas, “precisamente porque as necessidades e usos das línguas são normalmente muito diferentes e os bilíngües raramente desenvolvem a mesma fluência nas duas línguas.” (Grosjean, 2008, p. 165).

O autor menciona que o fato de os bilíngües utilizarem suas línguas para diferentes finalidades tem dificultado a descrição do bilinguismo e trazido consequências negativas:

os bilíngües têm sido descritos e avaliados em termos da fluência e do domínio que possuem em ambas as línguas; as habilidades lingüísticas dos bilíngües têm sido, quase sempre, avaliadas em termos dos padrões monolíngües; as pesquisas sobre bilingüismo têm sido, em grande parte, conduzidas do ponto de vista das línguas do bilíngüe, individual ou separadamente; e, finalmente, muitos bilíngües avaliam suas competências lingüísticas como sendo inadequadas (Grosjean, 2008, p. 165).

Isso faz com que se tenha uma visão equivocada do bilinguismo e que, até mesmo, os bilíngües não se vejam como tais, pois acreditam que não cumprem os requisitos para tal. Nesse sentido, Mendes (2017) ressalta que um indivíduo é considerado bilíngue “independentemente da capacidade e das motivações individuais de cada sujeito, [...] aprendendo natural ou artificialmente, se desempenhando em baixo ou alto nível em qualquer uma das habilidades lingüísticas” (Mendes, 2017, p. 17).

Assim, Grosjean (2008) afirma que os pesquisadores têm deixado de lado a ideia de que o bilíngue é a soma de dois monolíngües, passando a vê-lo como um indivíduo específico, que tem uma competência equivalente à do monolíngue, mas de natureza diferente.

Para Mozzillo (2001, p. 290), pertencem à categoria dos bilíngües

os aprendizes recentes de outra língua (bilíngües incipientes) assim como aqueles que apenas lêem em outro sistema ou ainda os que, por razões de competência ou por razões de ordem estratégico-afetiva não querem ou não conseguem falar outra língua apesar de bem compreendê-la (bilíngües passivos ou receptivos).

Além disso, ela relata que também são bilíngües os falantes que desenvolvem todas as habilidades em outra língua, mas que, mesmo assim, não se passam por

nativos, assim como também fazem parte do grupo os indivíduos equilíngues, que são reconhecidos como nativos em ambos os idiomas.

Mackey (1968), ao considerar o bilinguismo um conceito relativo, afirma que várias características devem ser levadas em conta ao analisá-lo, tais como o grau, a função, a alternância e a interferência entre as línguas.

Em relação ao grau, o bilíngue tem domínios diferentes das duas línguas e das habilidades nelas; por exemplo, pode ter vocabulário vasto, mas baixo domínio da pronúncia; ou pode compreender a LE com facilidade, mas não ler na LE. A função, por sua vez, diz respeito ao uso da língua e as condições em que ela é empregada, podendo ser externa ou interna.

Mackey (1968, p. 557) especifica que as funções externas do bilinguismo "são determinadas pelo número de áreas de contato e pela variação de cada em duração, frequência e pressão"⁵⁴. As áreas de contato são, por exemplo, casa, comunidade, escola, rádio, televisão etc. As funções internas, por sua vez, incluem usos não comunicativos e a expressão de aptidões intrínsecas. Alguns desses usos são, por exemplo, contar, sonhar, xingar, recitar a tabuada, orar etc.

A alternância entre as línguas depende da fluência do bilíngue em cada uma das línguas e de suas funções externas e internas. Por fim, a interferência é determinada pelas outras três características (grau, função e alternância). Mackey (1968, p. 569) descreve a interferência como "o uso de recursos pertencentes a um idioma ao falar ou escrever outro".⁵⁵

Mozzillo (2001) também trata dos fatores que podem influenciar a aptidão do bilíngue no uso efetivo de suas línguas. A autora cita a atitude do falante em relação às línguas e a seus falantes, a motivação para usar determinada língua, além da idade e da inteligência dos sujeitos.

Outro ponto levantado por Mozzillo (2001) refere-se às habilidades cognitivas dos bilíngues. Até os anos 50, muitos trabalhos mostravam uma visão do bilíngue como algo negativo, demonstrando que "falar dois idiomas equivalia a não falar nenhum com propriedade" (Mozzillo, 2001, p. 308).

A partir da segunda metade do século, muitas pesquisas têm se dedicado a argumentar exatamente o oposto, mostrando as vantagens do bilinguismo.

⁵⁴ No original: "are determined by the number of areas of contact and by the variation of each in duration, frequency, and pressure" (Mackey, 1968, p. 557).

⁵⁵ No original: "the use of features belonging to one language while speaking or writing another" (Mackey, 1968, p. 569).

Najab (1989) cita resultados de estudos nos quais se demonstra que indivíduos bilíngues apresentam melhores resultados que os monolíngues em questões como flexibilidade mental de formação de conceitos, preenchimento de frases e manipulação de algarismos. Além disso, são melhores para estabelecer relações e os conceitos abstratos e têm mais flexibilidade cognitiva e agilidade de pensamento, devido à "mudança de perspectiva que uma mudança de código inevitavelmente traz" (Najab, 1989, p. 237). Tais sujeitos também apresentam maior sensibilidade aos aspectos semânticos das palavras e ao caráter arbitrário dos significantes e maior consciência linguística.

Hamers e Blanc (1989) afirmam que bilíngues apresentam maior flexibilidade mental, maior facilidade de formar conceitos, grande capacidade de reconstrução de situações perceptuais, maior inteligência verbal e não verbal e maior sensibilidade para inferir relações semânticas entre palavras.

Mozzillo (2001) ainda menciona que os bilíngues atingem desempenho superior aos monolíngues em tarefas de diferentes âmbitos, como: "de originalidade verbal, de descoberta de regras gramaticais, de transformação verbal, de substituição simbólica, de criatividade, de reorganização de informação, de análise de ambigüidades, entre outros." (Mozzillo, 2001, p. 309).

Luque Agulló (2020, p. 60) afirma que conhecer mais de um idioma "aumenta o treinamento de habilidades cognitivas (ou treinamento cerebral), desenvolve o uso de habilidades metalinguísticas e maximiza os processos de atenção".⁵⁶

Nesse sentido, Cook (2003) também define algumas particularidades do usuário de L2 (Cook, 2002a, p. 4-8 *apud* Cook, 2003, p. 5):

- (1) o usuário da L2 apresenta mais usos para a língua que os monolíngues;
- (2) o conhecimento do segundo idioma pelos usuários da L2 geralmente não é idêntico àquele dos falantes nativos.
- (3) o conhecimento do usuário da L2 sobre a sua primeira língua não é, em alguns aspectos, o mesmo que o de um monolíngue.
- (4) os usuários da L2 têm mentes diferentes daquelas pessoas monolíngues.

Essas considerações acerca do indivíduo bilíngue podem representar suporte para as hipóteses levantadas sobre as respostas dos bilíngues ao teste, uma vez que podem pressupor que eles apresentem mais possibilidades de organização dos sintagmas e criatividade no momento de estruturar tais construções. Além disso, o

⁵⁶ No original: "*increases cognitive skill training (or brain training), develops the use of metalinguistic abilities and maximizes attention processes*" (Luque Agulló, 2020, p. 60).

item (3) corrobora a hipótese de que o conhecimento de uma segunda língua pode influenciar em aspectos da primeira língua do usuário.

É importante destacar a dificuldade de separar em grupos monolíngues e bilíngues para fins de estudo, como é o caso desta pesquisa. Cook (2003) esclarece que encontrar dois grupos similares, um com e outro sem L2, não é uma tarefa simples. Isso porque, devido ao aumento do uso de uma segunda língua, é cada vez mais difícil encontrar monolíngues, pois, segundo ele, são poucas as pessoas que não tenham, ao menos, estudado um segundo idioma na escola.

Segundo o autor, se a influência da L2 sobre a L1 ocorresse somente em níveis mais avançados de L2, os monolíngues poderiam ser definidos como aqueles que só tiveram L2 na escola, mas esse fato não é comprovado. Por outro lado, se os monolíngues fossem aqueles que nunca estudaram idioma na escola, o grupo seria limitado a pessoas que não completaram a educação, tiveram educação fora do padrão ou, devido à sua idade, não tiveram aula de idioma na escola.

Outra possibilidade, segundo o autor, seria incluir no grupo das monolíngues pessoas que aprenderam um segundo idioma, mas que não seja o idioma a ser analisado. Porém, no caso do presente trabalho, isso não seria viável, já que, dentre os participantes usuários de L2, apenas 14 não aprenderam inglês. Além disso, o autor destaca que seria problemática essa divisão, pois

o aprendizado da L2, em geral, produz alguns efeitos nos seus usuários, tais como a habilidade metalinguística acentuada: o julgamento de gramaticalidade pode ser contaminado se a pessoa tiver aprendido algum outro idioma, não só a língua específica testada no experimento (COOK, 2003, p. 14).

O autor defende então que seja abandonada a tentativa de contrastar o monolíngue “puro” com os usuários da L2, mas que sejam estabelecidos grupos a partir de outros critérios. Por exemplo, contrastando indivíduos que tiveram o mínimo de exposição ao idioma versus os que estudaram o idioma na graduação.

Tendo isso em vista, para este trabalho, é considerado monolíngue o participante que não tem conhecimento em inglês, nem em outra língua estrangeira, a partir de suas respostas ao questionário. Reconhecemos que há grande possibilidade de que esses monolíngues tenham contato com o inglês de alguma forma, contudo, no questionário, não declaram conhecer/utilizar tal LE.

Além disso, neste trabalho, é considerado o conceito de bilíngue de Grosjean (2008), que é aquele que usa duas ou mais línguas com regularidade. Assim, o

grupo de bilíngues será aquele em que os participantes declaram usar, além do português, o inglês; porém, não será controlada a regularidade.

2.2.2 Influência translinguística

Há um número crescente de ocorrências de influência translinguística e, segundo Luque Agulló (2020), isso pode ser explicado pelo aumento do número de falantes multicompetentes, ou seja, que usam mais de um idioma.

Cook (2003) apresenta os diversos modelos que buscam explicar a relação entre o primeiro e o segundo idioma na mente. O primeiro é o modelo de separação (Figura 2), no qual as línguas estão completamente separadas. Nesse modelo, não há conexão entre a primeira e a segunda língua, e “a interlíngua se desenvolvia, em grande parte, sem se basear na L1” (Cook, 2003, p. 7).

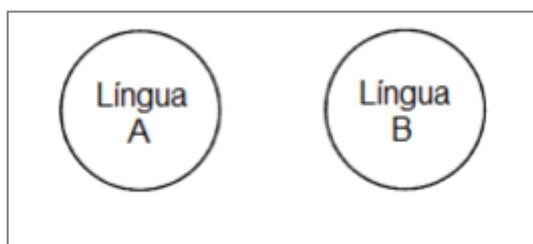


Figura 2 - Modelo de separação
Fonte: Cook, 2003, p. 7

Esse modelo não se preocupa em discutir as influências de L2 sobre L1, já que não há conexão entre elas. Importante destacar que “a separação não implica, de uma forma ou de outra, em nada sobre universais linguísticos seja o design da língua (Hockett, 1960) ou as propriedades inatas da mente (Chomsky, 2000).” (Cook, 2003, p. 7).

Na segunda proposta, o modelo de integração (Figura 3), as línguas constituem um sistema único. Assim, o usuário de L2 teria apenas um léxico que reuniria palavras de ambas as línguas e um único sistema mesclado para produzir a fala. Nesse modelo, cabe ao usuário escolher qual idioma usar em cada contexto. Esse modelo também não se preocupa com a influência de L2 sobre L1, mas com o equilíbrio dos elementos de um único sistema de linguagem.

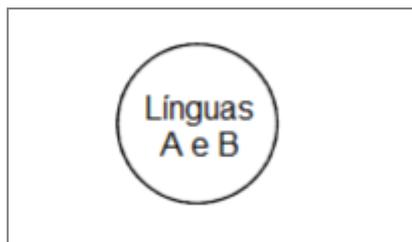


Figura 3 - Modelo de integração
Fonte: Cook, 2003, p. 7

Entre esses dois extremos, existem muitos graus e tipos de interconexão, incluindo o modelo de línguas conectadas (Figura 4A) e o de integração parcial (Figura 4B).

O modelo de línguas conectadas é uma variação do modelo de separação. Nesse modelo, há influência entre dois sistemas linguísticos separados na mesma mente, e as conexões podem ser feitas em ambas as direções. Cook (2003, p. 8) destaca que:

Os estudos sobre a "transferência" ou a "influência" da língua supõem um modelo da interconexão, observando como o desenvolvimento da interlíngua (o elemento da L2 na multicompetência) se beneficia da primeira língua (o elemento da L1 na multicompetência).

O modelo de integração parcial apresenta uma sobreposição parcial de dois sistemas linguísticos na mesma mente; é uma versão limitada do modelo de integração. É bidirecional em uma área específica, já que na área de sobreposição não há distinção entre as línguas. Nesse modelo, "Pode haver compartilhamento ou sobreposição de vocabulário, de sintaxe e de outros aspectos do conhecimento linguístico." (Cook, 2003, p. 8).

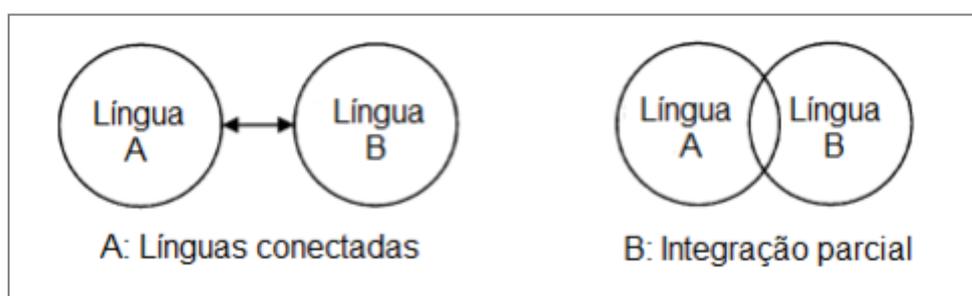


Figura 4 - Modelos de interconexão
Fonte: Cook, 2003, p. 8

Por fim, há a proposta do contínuo de integração (Figura 5), que envolve todos esses modelos. Cook (2003) destaca que não há uma direção do movimento: "Talvez algumas pessoas comecem com a separação e passem para a integração

ou vice-versa, ou as línguas possam continuar permanentemente separadas.” (Cook, 2003, p. 9).

Além disso, o contínuo de integração não precisa se aplicar a todo o sistema da língua. O autor traz alguns exemplos: o léxico pode estar integrado, mas a fonologia separada; assim como alguns indivíduos podem ser mais integrados que outros. Além disso, o ponto do contínuo pode variar para um mesmo indivíduo dependendo de diversos fatores.

O contínuo também pode estar relacionado a diferentes estágios de desenvolvimento da L2. Assim, pode auxiliar no estabelecimento de quais áreas da L1 não são afetadas pela L2, como a diversidade lexical ou a produtividade. Portanto, esse contínuo auxilia na compreensão da influência da L2 na L1.

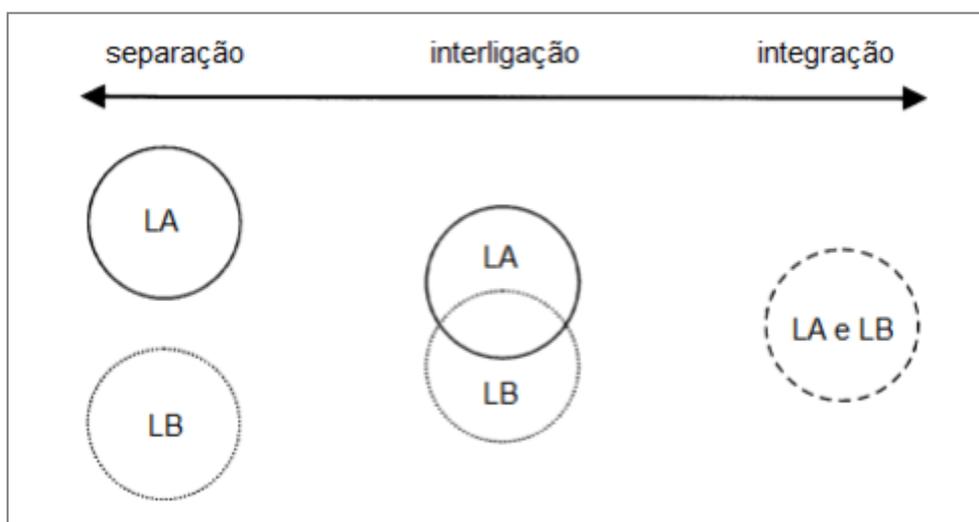


Figura 5 - Contínuo de integração
Fonte: Cook, 2003, p. 9

Grosjean (2008) defende a ideia de que os bilíngues se encontram em um *continuum* situacional: em um dos extremos, há o modo monolíngue, no qual os bilíngues falam/escrevem para monolíngues em uma de suas línguas. No outro extremo, há o modo bilíngue, no qual os bilíngues interagem com outros bilíngues, utilizando suas línguas separadamente ou misturando-as.

No modo monolíngue, o bilíngue adota uma de suas línguas e desativa a(s) outra(s) quase completamente. No entanto, como a desativação raramente é total, ocorrem as interferências entre as línguas do bilíngue. Para o autor,

Uma interferência é um desvio próprio do falante da língua que está sendo usada no momento da conversa, devido à influência da outra língua 'desativada'. As interferências podem ocorrer em todos os níveis da língua (fonológico, lexical, sintático, semântico, pragmático) e em todas as modalidades (falada, escrita ou de sinais) (Grosjean, 2008, p. 166).

Nesse sentido, em Soares *et al.* (2019, n.p.), é possível observar um exemplo de transferência em nível sintático: "Na hora do lanche, uma das alunas fala para a teacher: 'You is a people sick'." Além de ser um exemplo no nível da Sintaxe, que é a área de estudo deste trabalho, o exemplo ainda representa o próprio objeto de estudo deste trabalho, ou seja, a ordem de adjetivos. A ordenação dos elementos na sentença segue a ordem canônica do português, que seria sujeito + verbo de ligação + nome + adjetivo, porém a ordem em inglês seria sujeito + verbo to be + adjetivo + nome.

Outro estudo que analisou a transferência no nível sintático é o de Siu e Ho (2015 *apud* Altmisdort, 2016), que investigou os papéis das habilidades sintáticas na previsão da compreensão de leitura entre chinês e inglês, línguas com estruturas bem diferentes. Os resultados do estudo mostraram que os alunos bilíngues utilizam a correspondência entre a sintaxe da L1 e da L2, incluindo ordem de palavras, no processo de aprendizagem de L2. Além disso, os resultados "revelaram que essa transferência sintática de L1 para L2 foi mediada por habilidades sintáticas de L2, mas não por compreensão de leitura de L1" (Siu; Ho, 2015, n.p.).

Segundo Zaretsky (2014), a consciência sintática no contato entre línguas ajuda a perceber quando uma palavra não se encaixa ao ler/ouvir uma construção e auxilia o leitor a complementar informações a partir do contexto da sentença, por exemplo. Além disso, a autora cita o trabalho de Durgunoğlu, Mir e Ariño-Martin (2002) com alunos de espanhol-inglês, que identificou consciência metalinguística para identificar e corrigir erros sintáticos incluindo tempo, inflexão e ordem de palavras. Segundo ela,

Os resultados de Durgunoğlu et al. (2002: 81–100) indicam que as crianças que foram capazes de analisar corretamente a estrutura sintática das sentenças em um idioma eram mais propensas a fazer o mesmo em outro idioma, mostrando precisão analítica no processamento da linguagem (Zaretsky, 2014, p. 140).⁵⁷

Grosjean (2008) menciona que há dois tipos de interferências: estática e dinâmica. A interferência estática ocorre quando traços permanentes de uma língua refletem na outra, enquanto a interferência dinâmica é momentânea sobre a outra língua. Além disso, o autor também menciona os desvios decorrentes da

⁵⁷ No original: "The results of Durgunoğlu et al. (2002: 81–100) indicate that children who were able to correctly analyze syntactic structure of the sentences in one language were more likely to do the same in another language, showing analytic accuracy in language processing." (Zaretsky, 2014, p. 140).

interlíngua⁵⁸, como generalizações excessivas, simplificações e correções em excesso. Ele lembra que, em ambos os casos, essas interferências geralmente não interferem na comunicação.

Já no modo bilíngue, há interação entre bilíngues. Nesse caso, há a escolha de uma língua comum entre ambos, conhecida como língua base, que é escolhida a partir de diversos fatores de forma natural e tacitamente.

Após a escolha inconsciente da língua base, os bilíngues podem usar também a outra língua que compartilham. Isso pode ocorrer através da mudança de código — também conhecida como *code-switching* —, ou seja, podem mudar para a outra língua compartilhada por meio de uma palavra ou sentença. Outra forma de usarem a outra língua é tomando emprestada uma palavra ou expressão e adaptando-a à língua base morfológica ou fonologicamente.

A noção de interferência linguística trazida por Grosjean (2008) também é abordada por Ferreira (2018, p. 20), para quem “a influência translinguística pode ser definida como a influência do conhecimento prévio de uma língua sobre o conhecimento ou uso de outra (Odlin, 1989; Jarvis; Pavlenko, 2010).”.

Como é possível perceber, há diferentes designações para essa noção, e Ferreira (2018) apresenta essa diferença de terminologia. Diferentes autores utilizam diferentes termos — transferência, interferência ou influência translinguística. Segundo Ferreira (2018), os termos interferência e transferência têm sido evitados por transmitirem um sentido negativo em relação à influência de L1 na aquisição de L2. Por outro lado, o termo influência translinguística tem sido mais utilizado, por ser uma opção mais neutra.

Ferreira (2018) mostra que, ao longo do tempo, a percepção da influência de L1 sobre L2 foi mudando. Antes de 1970, os autores argumentavam que a interferência entre línguas era algo prejudicial, um obstáculo; nesse sentido, Ferreira (2018) cita Weinreich (1953) e Robert Lado (1957). A partir da proposta de Selinker (1972) sobre a interlíngua, vários estudos passaram a ver a influência entre línguas como uma estratégia de aprendizagem. Além disso, descobriram que

as similaridades e diferenças entre a língua-fonte e a língua-receptora com frequência não se manifestam em erros, mas em subprodução ou superprodução de estruturas da língua-receptora, ou ainda na preferência

⁵⁸ "A estratégia adaptativa empregada pelo falante que pretende falar uma língua na qual tem proficiência limitada constitui a interlíngua" (Mozzillo, 2001, p. 319).

por certas estruturas ao invés de outras⁵⁹, como no caso do estudo de Sjöholm (1995) sobre a aprendizagem dos phrasal verbs do inglês por falantes nativos de sueco e finlandês (Ferreira, 2018, p. 22).

Ferreira (2018, p. 22) ainda menciona que "maior proficiência na LA não necessariamente quer dizer que haverá menos influência translinguística" e que a transferência não ocorre somente da L1 sobre a L2, mas da L2 sobre a L3 e até mesmo da L2 sobre a L1. Essa constatação vai ao encontro dos objetivos e das hipóteses deste trabalho, uma vez que se busca analisar se o conhecimento de uma LE influencia na construção de estruturas em L1.

Zaretsky (2014) apresenta o estudo de Sparks, Patton, Ganschow e Humbach (2009), que demonstra como as línguas de um mesmo falante influenciam uma a outra. O trabalho mostrou que alunos com alta proficiência em L2 de espanhol, francês e alemão no ensino médio têm altas habilidades em sua L1. Além disso, os resultados indicaram que essa habilidade na L1 tem efeito nas realizações de L2 e "fortes habilidades de linguagem em L1, bem como leitura em L1, têm um efeito na preservação de L1 e nas conquistas de L2" (Zaretsky, 2014, p. 156).⁶⁰

Por fim, é importante destacar que a influência translinguística envolve diversos aspectos que podem encaminhar os estudos para diferentes rumos. Por isso, delimitamos aqui o tipo de transferência que será analisada neste trabalho. Para tanto, apresentamos a taxonomia de Jarvis e Pavlenko (2008 *apud* Luque Agulló, 2020) para os tipos de transferência:

⁵⁹ Esta constatação pode ter ligação com nossas hipóteses de que falantes bilíngues possam ter preferência por certas estruturas.

⁶⁰ No original: "*strong L1 language skills as well as L1 reading have an effect on L1 preservation and L2 achievements*" (Zaretsky, 2014, p. 156).

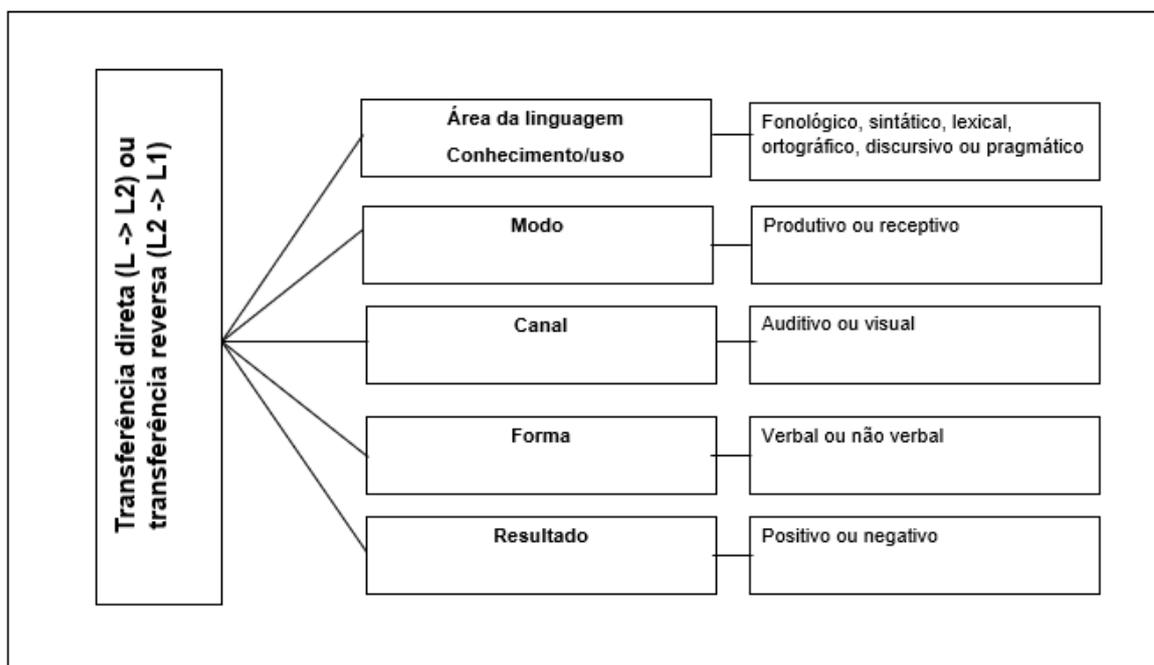


Figura 6 - Tipos de transferência

Fonte: Jarvis e Pavlenko, 2008, p. 19 *apud* LUQUE AGULLÓ, 2020, p. 61, tradução nossa

Com base nessa taxonomia, é possível organizar e classificar sistematicamente os fenômenos de transferência. A partir disso, definimos que é analisada neste trabalho: a transferência reversa (L2 -> L1), ou seja, a influência do inglês (L2) sobre o português (L1); na área da sintaxe, uma vez que é observada a ordenação dos adjetivos; no modo de produção e canal visual, pois a análise é feita sobre a escrita dos participantes; e na forma verbal. Quanto ao ponto "resultado", neste trabalho, não temos como objetivo distinguir entre resultados positivos e negativos da influência, diferentemente de trabalhos apresentados na próxima subseção, que mostram os resultados positivos da influência na habilidade de leitura na L1, por exemplo. Tendo essa classificação em vista, a seguir, apresentamos a influência translinguística reversa.

2.2.3 Influência translinguística de L2 sobre L1

Cook (2003) aborda a definição de Ulrich Weinreich sobre a interferência: “aquelas instâncias de desvio das normas da língua que acontecem na fala dos bilíngues como resultado de sua familiaridade com mais de um idioma” (Weinreich,

1953, p. 1 *apud* Cook, 2003, p. 1). Segundo Cook (2003), muitos acreditam que essa definição trata apenas da influência de L1 sobre a L2. Contudo, ela está relacionada a qualquer língua, tanto em relação à influência da primeira língua sobre a segunda quanto da segunda língua sobre a primeira. O autor ressalta que a influência de L2 sobre a L1 talvez seja menos detectável, uma vez que se fazem necessárias análises mais complexas e profundas para perceber tal influência.

De acordo com Cook (2003), às vezes, essa influência da segunda na primeira língua é chamada de transferência “reversa” ou “para trás”. O autor afirma que a primeira língua das pessoas que conhecem outras línguas é diferente da primeira língua dos monolíngues, podendo influenciar todas as áreas da linguagem.

Cook (2003, p. 2) analisa essa influência a partir da noção de multicompetência:

Inicialmente o termo foi usado quase de forma conveniente. Enquanto a “interlíngua” se tornou um termo padrão para o conhecimento do falante do segundo idioma, não existia nenhuma palavra que abarcasse o conhecimento tanto do segundo idioma quanto do primeiro: por um lado, a L1, do outro, a interlíngua, mas nada que incluísse ambas. Por consequência, a multicompetência foi introduzida para exprimir “o conhecimento de duas ou mais línguas em uma só mente” (Cook, 1991).

Segundo o autor, as influências da L2 sobre a L1 podem ser positivas, negativas ou neutras. Saber outro idioma auxilia no uso do primeiro idioma, já que o ensino de língua é reconhecido por muitos como um treinamento cerebral, o que justifica, por exemplo, o ensino de latim, conforme descreve o autor. Além disso, ele traz alguns exemplos de estudos que reforçam as influências positivas da L2 sobre a L1: crianças húngaras que têm o inglês como L2 constroem sentenças mais complexas em húngaro que as crianças que não conhecem o idioma; estudos mostram que crianças bilíngues têm mais habilidades metalinguísticas que as monolíngues; entre outros.

Por outro lado, as influências negativas giram em torno da perda ou do atrito linguísticos. Isso ocorre quando o indivíduo aumenta sua habilidade de uso no segundo idioma, podendo perder a habilidade de usar a primeira língua, já que passa a usá-la menos. Contudo, esses casos ocorrem em situações específicas, como é o caso de pessoas que mudam de país, como imigrantes ou expatriados.

Por fim, o autor salienta que muitas das influências da L2 sobre a L1 são apenas diferenças entre as línguas. Perder aspectos da primeira língua só é um problema se impedi-lo de realizar alguma atividade. Assim, Cook (2003, p. 13)

destaca que “Os usuários da L2, em certo sentido, simplesmente têm um comando diferente da L1, que não pode ser elogiado nem reprovado”.

Luque Agulló (2020) menciona que, no caso de transferência reversa, o contato entre as línguas pode ser percebido em certos padrões linguísticos usados por falantes, “que podem reorganizar suas inferências, seus processos de categorização e até mesmo a recordação de certos termos da L1, e todos esses fenômenos são influenciados pela L2 (Jarvis & Pavlenko, 2008)” (Luque Agulló, 2020, p. 63).⁶¹

A autora também destaca, como mencionamos anteriormente, que há poucos estudos que foquem na transferência reversa, e a maioria tem sido superficial e generalizável. Apesar disso, nas últimas décadas, houve um aumento no número de estudos sobre a influência translinguística em geral, tanto direta quanto reversa, explorando principalmente aspectos sintáticos e lexicais. A seguir, citamos alguns estudos que focaram na transferência de L2 sobre L1.

O trabalho de Altmisdort (2016) buscava observar se ocorria transferência de L2 (inglês) para L1 (turco) na leitura em L1 por alunos adultos de inglês cuja língua materna era o turco. Os resultados encontrados indicam que há transferência positiva da habilidade de leitura de L2 para L1, influenciando o desenvolvimento das habilidades de leitura em L1.

Zaretsky (2014) buscou identificar a influência do letramento em L1 e L2 na preservação das habilidades morfossintáticas e lexicais de L1, bem como no uso proficiente da L2. Para tanto, crianças bilíngues e monolíngues deveriam recontar uma história usando sua L1. Os resultados mostraram que ambas usaram processos semelhantes para realizar a tarefa. Além disso, as narrativas das crianças bilíngues não se diferenciaram das monolíngues em extensão nem em número de erros, demonstrando um bom domínio da L1 pelas bilíngues. A autora ainda destaca que os resultados fornecem “suporte para os elementos centrais da hipótese de interdependência, que postula a dependência de L1 e L2 na proficiência linguística subjacente comum.” (Zaretsky, 2014, p. 159).⁶²

⁶¹ No original: “*who may reorganize their inferences, their categorization processes, and even the recall of certain terms of the L1, and all these phenomena are influenced by the L2 (Jarvis & Pavlenko, 2008)*” (Luque Agulló, 2020, p. 63).

⁶² No original: “*support for the core elements of the interdependence hypothesis, which postulates L1 and L2 dependency on common underlying language proficiency.*” (Zaretsky, 2014, p. 159).

Um dos trabalhos apresentados por Talebi (2013) buscava investigar a transferência reversa de estratégias de leitura de L2 para L1, analisando se a consciência e o uso dessas estratégias tanto em L2 (inglês) quanto em L1 (persa) melhorariam através de instrução em L2. Para tanto, foram aplicados instrumentos a um grupo experimental (que recebia as instruções sobre as estratégias) e um grupo controle (que não as recebia). A pesquisa concluiu que a explicação sobre as estratégias de leitura em L2 melhorou a consciência, o uso das estratégias e a capacidade de leitura, tanto em L2 (inglês) quanto em L1 (persa). O autor ainda destaca que, “ao ler em um determinado idioma, os leitores têm acesso a outros idiomas que saem de sua mente. Portanto, uma melhoria em qualquer idioma pode, de alguma forma, resultar em melhorias em outros idiomas.” (Talebi, 2013, p. 435).⁶³

O trabalho de Luque Agulló (2020) investigou a transferência reversa não intencional de L2 (inglês) sobre L1 (espanhol) na produção oral de L1 de estudantes universitários. Os participantes, de níveis diferentes de proficiência em L2, tiveram que recontar um vídeo sem som usando sua L1.

O estudo analisou questões tanto lexicais quanto sintáticas. Como interessam mais ao nosso estudo as questões sintáticas, focaremos nesses resultados: o grupo bilíngue (maior nível de proficiência em L2) utilizou um número menor de sentenças para narrar o vídeo, se comparado ao grupo controle (nível de proficiência em L2 mais baixo). Esse grupo também usou o sujeito elíptico com mais frequência que o grupo controle, evidenciando menos transferência de L2 para L1, já que, em espanhol (L1), é possível esse tipo de construção, mas em inglês (L2) não. Em relação à ordem de palavras, houve apenas um caso em que um participante do grupo controle utilizou a construção *larga cola* (adjetivo + substantivo) em vez de *cola larga* (substantivo + adjetivo), que seria o mais comum em sua L1, demonstrando transferência da L2. Por fim, houve um grande número de frases calques no grupo controle, indicando maior influência translinguística nesse grupo.

Segundo Luque Agulló (2020), os resultados corroboram o que outros autores já demonstravam, visto que o grupo bilíngue apresentou menos efeitos de transferência reversa, o que pode indicar que haja menos transferência não intencional de L2 para L1 em níveis mais altos de proficiência em L2. Ou, como o

⁶³ No original: “reading in a given language, readers have access to other languages existing in their mind. Therefore, an improvement in any language can somehow result in improvements in other languages.” (Talebi, 2013, p. 435).

autor sugere, é possível que o nível mais alto em L2 envolva efeitos de transferência negativa mais baixos ou menos evidentes em L1, ou seja, que a transferência nesses casos tenha resultados positivos e, por isso, não seja facilmente identificada.

Vimos até aqui uma retomada de diversos autores acerca dos adjetivos e da sua ordenação no sintagma nominal, bem como conceitos e estudos sobre o bilíngue e a influência translinguística direta e reversa. A seguir, serão apresentados aspectos metodológicos da pesquisa, incluindo questões éticas, participantes da pesquisa e instrumentos de coleta.

3 Metodologia

Esta pesquisa enquadra-se na tipologia de metodologia qualitativa (Bortoni-Ricardo, 2008), já que não se pretende fazer generalizações estatísticas, mas pesquisar um caso específico a fim de compreender melhor o fenômeno da ordenação de adjetivos, sem afirmar que os resultados obtidos se apliquem a todos os casos.

Como mencionado anteriormente, o objetivo deste trabalho é analisar a ordenação de adjetivos em SN em português por parte de falantes monolíngues (português) e bilíngues (português e inglês). Para tanto, foi aplicado um questionário de resposta aberta e de múltipla escolha, bem como uma atividade de construção de sintagma com nome e adjetivos, ambos presencialmente. Em seguida, foram analisadas as respostas, a fim de observar as tendências a partir das construções realizadas pelos participantes. A seguir, são apresentados os participantes da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, a aplicação dos instrumentos e como foi realizada a análise dos dados, cujos resultados serão apresentados na seção seguinte.

3.1 Participantes da pesquisa

Uma vez que o objetivo deste trabalho era analisar a ordenação de adjetivos entre monolíngues e bilíngues, os participantes desta pesquisa são formados por esses dois grupos. No Referencial Teórico, já explicamos o que foi considerado para a divisão dos grupos. De forma resumida, o grupo de bilíngues é formado por participantes que usam português e inglês (a partir de Grosjean (2008)) e o grupo de monolíngues é formado por participantes não usam o inglês, nem outra língua estrangeira.

Os participantes da pesquisa são estudantes de cursos de graduação em Letras de uma instituição pública de ensino superior do Rio Grande do Sul, nas habilitações em Português e Português e Inglês.

O grupo de monolíngues é formado por alunos do curso de graduação em Letras – Português do 1º semestre. O grupo dos bilíngues é formado por alunos do curso de graduação em Letras – Português e Inglês a partir do 3º semestre. Como visto em Grosjean (2008), os bilíngues encontram-se em um *continuum* cujos extremos são o modo monolíngue e o modo bilíngue. Assim, não há como distinguir, por exemplo, que alunos dos cursos de dupla habilitação são monolíngues até o terceiro semestre e, a partir daí, tornam-se bilíngues. Contudo, essa separação dos participantes se fez necessária para melhor definir o corpus desta pesquisa. Além disso, essa foi uma classificação prévia, contudo, a partir das respostas ao questionário, uma nova seleção foi feita para definir os monolíngues e bilíngues, a partir das respostas ao questionário, em que declaravam as línguas que conheciam.

A partir dessa seleção, um terceiro grupo se formou, aquele em que os participantes conhecem outra língua estrangeira que não era o inglês. A análise desse grupo não era o objetivo principal deste trabalho, portanto, tais respostas não foram consideradas nas análises.

Devido ao curto período de tempo, não houve submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Contudo, o presente estudo integra o projeto de pesquisa guarda-chuva coordenado pela Profa. Dra. Isabella Mozzillo “Contato linguístico: fenômenos, políticas e ideologias”, registrado sob o número 2281 na UFPel⁶⁴. Além disso, ressalta-se que foram observados todos os preceitos éticos na aplicação dos instrumentos de pesquisa, incluindo a assinatura de termo de consentimento (Apêndice A) e a possibilidade de deixarem de participar da pesquisa a qualquer momento.

⁶⁴ O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com o número 29953120.0.0000.5317

3.2 Instrumentos de coleta de dados

3.2.1 Questionário

O questionário foi um dos instrumentos de coleta de dados desta pesquisa e consistia em questões abertas e de múltipla escolha sobre o conhecimento e a relação do participante com outras línguas.

As perguntas que compunham o questionário tinham o objetivo de auxiliar na distinção dos participantes entre os grupos de monolíngues e bilíngues. Uma pré-seleção foi realizada a partir das turmas, mas o questionário tornou tal separação mais efetiva, levando em consideração que poderia haver alunos com nível avançado de inglês, que tivessem até mesmo formação em inglês, realizando a graduação apenas em português, por exemplo, ou outros casos que dificultassem a separação entre monolíngues e bilíngues.

Além disso, as respostas a esse questionário forneceram informações relevantes para a análise do conjunto de respostas, bem como para a análise de casos específicos.

O questionário solicitava que o participante informasse sexo, idade, curso e semestre. Em relação às línguas, foram solicitadas respostas sobre línguas maternas e sobre as demais línguas que conhecesse: se usava com regularidade, em quais circunstâncias usava, como a adquiriu e qual o nível de leitura, escrita, compreensão e fala na língua estrangeira em questão.

Primeiramente, foi elaborado um questionário-piloto (Apêndice B), aplicado presencialmente a 48 participantes. Após algumas observações a partir dessa aplicação, o questionário foi aperfeiçoado (Apêndice D) e aplicado aos participantes de pesquisa propriamente ditos, que totalizaram 58. As observações a respeito da aplicação do questionário-piloto estão descritas na seção 3.3.1 e do questionário final, na seção 3.3.2. Salientamos que o número pequeno de participantes se deve ao curto período de tempo para o desenvolvimento do trabalho. Em pesquisas futuras, todavia, será possível voltar a essas questões com um público maior.

3.2.2 Atividade de composição de SN com adjetivos

O segundo instrumento de coleta de dados consistia em uma atividade aplicada aos participantes logo após o questionário. O instrumento era formado por sintagmas nominais em português que estavam incompletos. Eles eram compreensíveis sem os adjetivos, mas seu sentido tornava-se mais completo com eles.

Juntamente com cada sintagma nominal, foi disponibilizado ao participante um ou mais adjetivos que deveriam ser incluídos na estrutura. Não foram indicadas a posição em que os adjetivos deveriam ser dispostos, nem a ordem em que deveriam ser colocados, quando houvesse mais de um. Além disso, foi esclarecido para o participante que poderia haver mais de uma ordenação aceita, permitindo que ele registrasse todas as que achasse válidas.

O objetivo era que o participante, falante nativo de português, usasse sua intuição linguística para decidir qual a melhor composição do sintagma nominal com o(s) adjetivo(s). A partir de instruções escritas e orais, a pesquisadora informou que não havia resposta certa ou errada, mas que o participante deveria organizar os elementos da forma que lhe parecesse melhor, mais natural.

Os sintagmas nominais e os adjetivos que compõem este instrumento foram selecionados a partir de alguns contextos apresentados por linguistas que estudam a ordenação de adjetivos em diferentes línguas, incluindo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), Brito e Lopes (2016), Cardoso (em elaboração), Cinque (1994, 2010), entre outros. Alguns sintagmas são iguais aos apresentados pelos autores e outros foram adaptados com outros itens lexicais que pertencem à mesma classificação definida por tais linguistas. O número de sintagmas que constituem o instrumento foi definido de forma que diferentes contextos sintáticos pudessem ser analisados, mas que também não se tornasse uma atividade exaustiva ao participante, podendo influenciar de forma negativa sua dedicação às respostas.

Os sintagmas utilizados foram apenas na língua portuguesa, já que o objetivo é analisar a ordenação de adjetivos somente nessa língua, bem como a possível influência do inglês sobre essa questão na língua portuguesa, ou seja, LM dos participantes.

Para que se pudesse observar se o teste estava adequado, assim como no caso do questionário, foi aplicado um teste-piloto (Apêndice C) a um grupo reduzido de participantes. Essa estratégia possibilitou melhorias no teste empregado posteriormente, a fim de disponibilizar um instrumento adequado para as análises pretendidas. Assim, a partir da aplicação do teste-piloto, foram realizados aperfeiçoamentos, incluindo redução da quantidade de questões, alteração de itens lexicais e inclusão de mais instruções, resultando no teste final (Apêndice E). Assim como no caso do questionário, as observações da aplicação do teste-piloto são apresentadas na seção 3.3.1, e do teste final, na seção 3.3.2.

3.3 Aplicação dos instrumentos de coleta de dados

Todos os instrumentos de coleta de dados foram aplicados presencialmente, no período de aula dos participantes da instituição de ensino. No caso da aplicação do questionário e do teste-piloto, a pesquisadora já tinha contato com a professora responsável pelas turmas, uma vez que é a coorientadora deste trabalho e, assim, foi cedido o espaço para a aplicação. No caso do questionário e do teste final, entramos em contato com as coordenadoras dos cursos de Letras – Português e Letras – Português e Inglês, que prontamente encaminharam o e-mail das professoras regentes. A partir disso, entramos em contato com as professoras e combinamos as datas para a aplicação dos instrumentos de pesquisa durante as aulas das referidas docentes.

Nas datas agendadas para a aplicação dos testes, a pesquisadora acessou as salas de aula juntamente com as professoras responsáveis pelas disciplinas, e essas permaneceram nas salas até o término da aplicação. Após a chegada dos alunos, a pesquisadora recebeu a palavra por parte das professoras e apresentou-se, evidenciando seu nome, curso e instituição em que estava realizando o Mestrado. Após isso, informou que parte da aula havia sido destinada a aplicar seu instrumento de pesquisa, a partir da ciência e assinatura do termo de consentimento, um questionário e uma atividade. Foi esclarecido que ninguém era obrigado a participar, que a atividade não era avaliativa e que, mesmo assinando o termo de consentimento, poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento.

Após esses esclarecimentos, as folhas impressas com termo de consentimento, questionário e atividade foram entregues aos alunos. Em seguida, foi realizada a leitura de todos os materiais em voz alta com os alunos, realizando pequenas pausas e questionando se havia alguma dúvida. Após realizada a leitura e assinados os termos de consentimento (Apêndice A), os participantes passaram a responder ao questionário e à atividade, e a pesquisadora permaneceu na sala de aula para esclarecer quaisquer dúvidas que surgissem ao longo da realização da tarefa.

3.3.1 Aplicação do questionário e do teste-piloto

O teste-piloto foi aplicado às turmas de uma instituição pública de ensino superior do Rio Grande do Sul nas quais a pesquisadora realizou o estágio de docência. Assim, o teste-piloto foi aplicado às turmas de primeiro semestre dos cursos de licenciatura em Letras – Português e Espanhol (16 participantes) e Letras – Português e Francês (14 participantes), bem como do terceiro semestre do curso de bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos (18 participantes). O foco nessas turmas ocorreu por se mostrar mais viável, já que o contato com tais alunos seria mais acessível devido ao estágio de docência. Assim, a escolha não teve relação com a LE estudada nesta pesquisa, mas buscou os aperfeiçoamentos necessários para a aplicação posterior aos participantes propriamente ditos. Não foi definido tempo limite para que os alunos respondessem, tendo sido observados diferentes períodos de resposta entre os participantes.

Como mencionado no início da seção 3.3, a aplicação do teste iniciou-se após a entrega do termo de consentimento e do material. Primeiramente, a pesquisadora leu em conjunto com os alunos o termo de consentimento, o questionário e o teste, esclarecendo eventuais dúvidas. Uma vez que muitos alunos alegaram não compreender como deveriam responder ao teste, a pesquisadora apresentou um exemplo no quadro branco. O exemplo consistia em um sintagma que não constava no teste e não estava previsto na aplicação, já que não era esperado que os alunos tivessem essa dificuldade.

Durante a realização do teste, surgiram algumas dúvidas dos alunos, como, por exemplo, se poderiam incluir outros elementos no sintagma além dos ofertados,

quais sejam: vírgulas, conjunções e verbos. Foi respondido que não, pois deveriam ser usados apenas os sintagmas e os adjetivos, sem acréscimos. Apesar disso, foram constatadas respostas em que os alunos incluíram vírgulas, conjunções e até mesmo transformaram alguns sintagmas em orações. No caso da inserção de vírgula, é possível notar que ocorreu em sintagmas com mais de dois adjetivos, o que pode indicar que, para os participantes, causa estranheza vários adjetivos em um mesmo sintagma sem o uso de vírgulas. Uma hipótese para esse uso da vírgula é o ensino de português na escola, onde o aluno pode ter aprendido que sempre deveria haver vírgula, sem possibilidade de construção com vários adjetivos sem pontuação. Assim, percebeu-se a necessidade de fazer um ajuste no teste, incluindo na introdução uma observação de que não podem ser acrescentados elementos além dos que foram ofertados.

Além disso, os alunos questionaram se poderiam responder quaisquer combinações ou se os sintagmas resultantes deveriam fazer sentido. Além de explicitarem essa dúvida, foi possível notá-la nas respostas de alguns participantes, que incluíram diversas respostas com várias ordenações diferentes, mas muitas sem sentido. Uma hipótese é que tenham tido essa conduta na intenção de registrarem a maior quantidade possível de respostas. A partir dessa dúvida, foi possível perceber que seria necessário fazer um ajuste para deixar mais claro aos participantes, na introdução do teste, que os sintagmas resultantes deveriam ter sentido, ou seja, não seria possível apresentar construções agramaticais. Outra ideia de aperfeiçoamento foi solicitar que, caso o participante identificasse mais de uma resposta possível, pudesse indicar qual seria sua resposta preferida. Assim, mesmo que indicasse várias respostas, seria possível analisar qual ele consideraria mais natural.

Outra questão levantada pelos alunos foi sobre os sintagmas em que havia mais de um adjetivo, se poderiam escolher ou se deveriam usar todos. Apesar da orientação, alguns utilizaram apenas um adjetivo, por isso foi importante incluir a informação na introdução do teste: em caso de haver mais de um adjetivo, todos devem obrigatoriamente ser usados. Esse ponto vai ao encontro da questão sobre o uso da vírgula. É possível que os alunos não estivessem familiarizados com estruturas contendo tantos adjetivos ligados a um único nome ou que desejassem utilizar apenas um porque facilitaria a resposta.

Enquanto era esperado que todos os adjetivos disponibilizados fossem relacionados a um único nome, em alguns casos foram relacionados a mais de um.

Por exemplo: no sintagma 12 (Apêndice C), esperava-se que os participantes relacionassem tanto “americana” quanto “hostil” a “reação”, mas houve respostas como “A reação americana à proposta hostil brasileira”, ou seja, cada adjetivo foi ligado a um dos nomes. Algo semelhante pôde ser observado no sintagma 14 (Apêndice C), em que foram identificadas respostas como “A única grande invasão da Albânia italiana” e “A única invasão italiana da grande Albânia”. Isso levantou o questionamento de se seria necessário destacar a qual nome o adjetivo deveria se referir ou se seria deixado livre; ou, ainda, se deveríamos retirar sintagmas como este, em que há mais de um nome.

Outro ponto que chamou a atenção foram algumas respostas bem divergentes das respostas esperadas, pois os participantes flexionaram os adjetivos de forma que outros sentidos foram criados. Isso foi observado, por exemplo, no sintagma 23 (Apêndice C), em que houve respostas como “Sou autor acadêmico de artigos”, quando o adjetivo ofertado era “acadêmicos”, ou seja, já flexionado no plural. Algo semelhante ocorreu no sintagma 4 (Apêndice C), em que foram observadas respostas como “O prefeito da futura cidade”, quando o adjetivo ofertado era “futuro”, ou seja, flexionado no masculino. Essas respostas nos levam a refletir sobre o que as desencadeou, e uma hipótese é a falta de familiaridade com resposta a pesquisas, já que a maioria dos alunos estava no primeiro semestre. Além disso, é preciso considerar que esses alunos que estavam no início da graduação tiveram os últimos anos do Ensino Médio de forma online, assim como os alunos dos semestres seguintes tiveram dois anos de graduação online, o que pode ter interferido na performance da participação. Observando essas respostas, constatou-se ser importante informar que os adjetivos já estão flexionados corretamente e que os participantes não podem modificar isso. Por fim, alguns alunos comentaram ao final do teste que, nos últimos sintagmas, já estavam confusos, o que nos levou a refletir sobre a redução da quantidade de questões.

Em relação ao questionário, é interessante observar como os participantes veem a si mesmos como falantes de português. Mesmo sendo sua língua materna, muitos deles responderam que dominam a língua em nível intermediário. Apesar de ser um ponto interessante, sabemos que não é objetivo deste trabalho analisar essa questão.

Ainda em relação ao questionário, muitos alunos responderam que conhecem diversas línguas, mas nas questões seguintes (quais línguas usam com

regularidade, como aprenderam cada uma e qual o nível de desempenho em cada uma) não abordam todas as línguas ou apenas respondem de forma genérica, sem especificar a qual língua estão se referindo. Pensando nisso, concluiu-se que seria melhor reformular esta parte do questionário, aumentando as chances de os participantes responderem adequadamente, transformando tais questões em questões fechadas, de múltipla escolha.

3.3.2 Aplicação do questionário e testes finais

A partir das observações do questionário-piloto e do teste-piloto, foram feitas algumas alterações a fim de aperfeiçoar os instrumentos de coleta. Para tanto, o questionário foi reformulado, transformando algumas questões abertas em questões fechadas, buscando garantir que os participantes respondessem a todas as questões e no intuito de sistematizar da melhor forma as respostas a fim de facilitar a análise.

Em relação ao teste, foram incluídas algumas observações na introdução, com base nos resultados do teste-piloto, como a de não ser permitido inserir outros elementos além dos que já foram disponibilizados; de que todas as construções devem fazer sentido; no caso de identificar mais de uma resposta possível, indicar qual a resposta preferida; quando houver mais de um adjetivo, todos devem ser usados; e, por fim, a de que a flexão do adjetivo não deve ser alterada em número e/ou gênero. Além disso, a quantidade de sintagmas nominais foi reduzida de 24 para 17, tendo sido excluídos sintagmas que apresentavam fenômenos sintáticos semelhantes.

A ideia de indicar a qual nome o adjetivo deveria estar ligado acabou não sendo incluída, pois poderia interferir nas respostas. Em contrapartida, houve a alteração de um item lexical, a fim de aproximar mais da realidade do participante: alterou-se “A invasão da Albânia” por “A invasão da Ucrânia”.

O questionário e o teste, após reformulados, foram aplicados em formato impresso às turmas do 1º semestre do curso de licenciatura em Letras – Português (27 participantes) e às turmas do 3º semestre (12 participantes), do 5º semestre (3 participantes) e do 7º semestre (16 participantes) do curso de licenciatura em Letras – Português e Inglês.

Os participantes dessas turmas apresentaram menos dúvidas, se comparados aos participantes do teste-piloto. Tal fato pode nos levar a considerar que os ajustes realizados foram bem recebidos. É importante salientar que a única dúvida apresentada pelos alunos que não constava na introdução do teste surgiu na turma do 3º semestre do curso de Letras – Português e Inglês, em que uma aluna questionou em qual língua deveria responder ao teste. Apesar de a informação não estar por escrito, a partir da dúvida, foi informado aos participantes para que não houvesse equívoco.

3.4 Análise dos dados

Como mencionado, os dados foram coletados presencialmente em sala de aula, a partir da aplicação do instrumento de pesquisa impresso. Optou-se pela aplicação presencial para garantir um contato mais próximo com os participantes, a fim de se manter disponível para esclarecimento de dúvidas. Além disso, de forma presencial, supomos que a adesão à pesquisa poderia ser maior que de forma online. Após a coleta dos dados, eles foram organizados através da plataforma *Google Forms* pela própria pesquisadora, permitindo uma melhor sistematização e visualização das respostas. Na seção de Resultados, são expostos alguns dados do perfil dos participantes, coletados a partir do questionário. Logo após, são apresentadas as respostas dos participantes monolíngues e bilíngues, a partir das quais são realizadas as análises.

A análise comparativa entre as respostas de monolíngues e bilíngues foi baseada em linguistas que abordam as classificações de adjetivos e as ordenações desencadeadas por essas classificações. Além disso, também foi baseada em autores que abordam o bilinguismo e a influência entre línguas, a fim de observar a influência do inglês sobre a ordenação de adjetivos em português no caso dos bilíngues.

4 Resultados

4.1 Informações gerais

Após aplicados os instrumentos de coleta, os dados foram organizados através da plataforma *Google Forms*. A plataforma gera uma tabela, a partir da qual as informações e respostas foram sistematizadas.

Em relação ao sexo, 41 participantes declararam-se do sexo feminino; 15 do sexo masculino; 1 neutro e 1 travesti. Em relação à idade, a faixa etária dos participantes vai de 18 a 63 anos, e as idades com o maior número de participantes foram 21, 22 e 19 anos.

Quanto ao curso de graduação, 30 participantes são do curso Letras - Português e Inglês; 26 do curso Letras - Português; 1 do curso Letras - Redação e Revisão de Textos; e 1 do curso Letras - Tradução Inglês e Português. 36,2% dos participantes estão no primeiro semestre da graduação; 29,3% no sétimo semestre; 25,9% no terceiro; 6,9% no quinto semestre; e 1,7% no oitavo semestre. É importante destacar que o instrumento foi aplicado em turmas das disciplinas mencionadas na Metodologia, mas alguns alunos de outros cursos ou de outros semestres estavam matriculados em tais disciplinas, diferindo um pouco a descrição dos participantes na Metodologia e na análise das respostas.

A língua materna de 54 participantes é o português; 4 participantes declararam ter duas línguas maternas: português e inglês (2 participantes); português e pomerano (1 participante); e português e japonês (1 participante).

Dos 58 participantes, 10 usam apenas o português; 44 conhecem inglês; 28 conhecem espanhol. Além disso, outras línguas foram mencionadas: Libras (1), pomerano (1), francês (4), japonês (2), coreano (2), latim (1), italiano (1) e klingon (1).

Na próxima subseção é apresentado o perfil de cada grupo de participantes.

4.2 Grupos de participantes

Após a coleta de dados, os participantes foram divididos em 3 grupos a partir de suas respostas ao questionário. O Grupo 1 é formado por monolíngues, ou seja, participantes que responderam que conhecem apenas o português. O Grupo 2 é formado por bilíngues português/inglês, podendo ou não conhecer outras línguas além dessas. Esse grupo ainda foi subdividido a partir dos níveis de proficiência autodeclarada de escrita: básico, intermediário e avançado. Por fim, o Grupo 3 é formado por bilíngues de outras línguas, que não conhecem o inglês. Esse último grupo não representa o foco deste estudo, por isso seus dados não foram analisados.

4.2.1 Descrição do grupo monolíngue

O grupo dos monolíngues é formado por 10 participantes, todos com português como língua materna e declarando não usarem outras línguas. Abaixo, apresentamos alguns gráficos com as respostas dos participantes desse grupo, definindo seu perfil.

A grande maioria dos participantes monolíngues era do sexo feminino, representando 70%. Em relação à idade, percebemos uma ampla variação, tendo participantes de 19 a 63 anos.

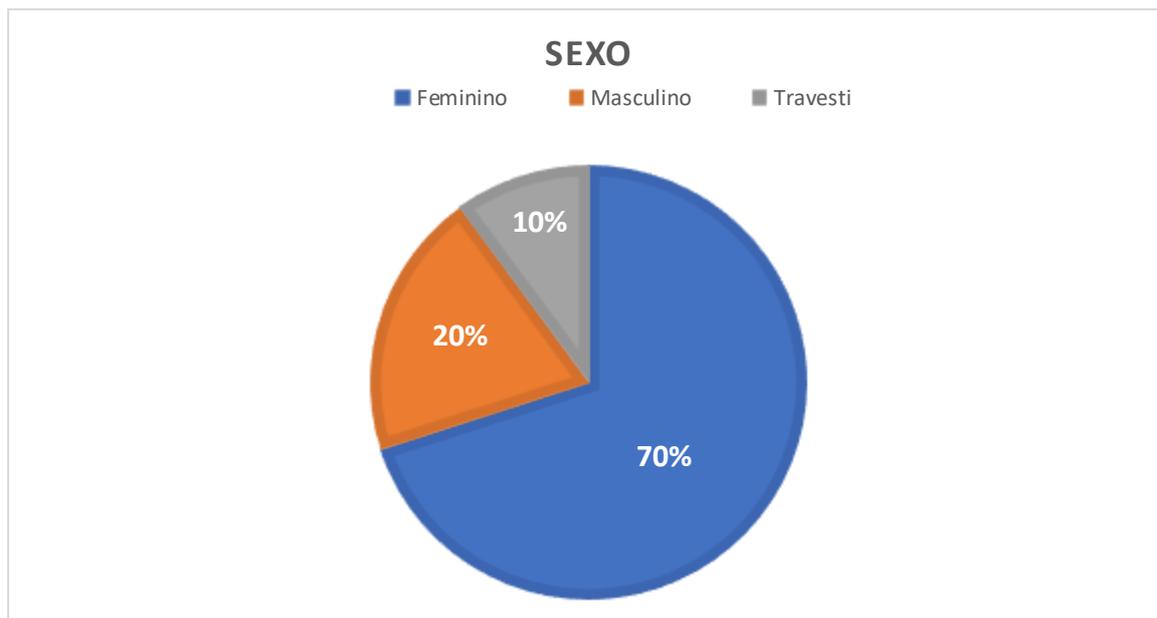


Gráfico 1 – Sexo - Grupo Monolíngue

Fonte: Elaboração própria.

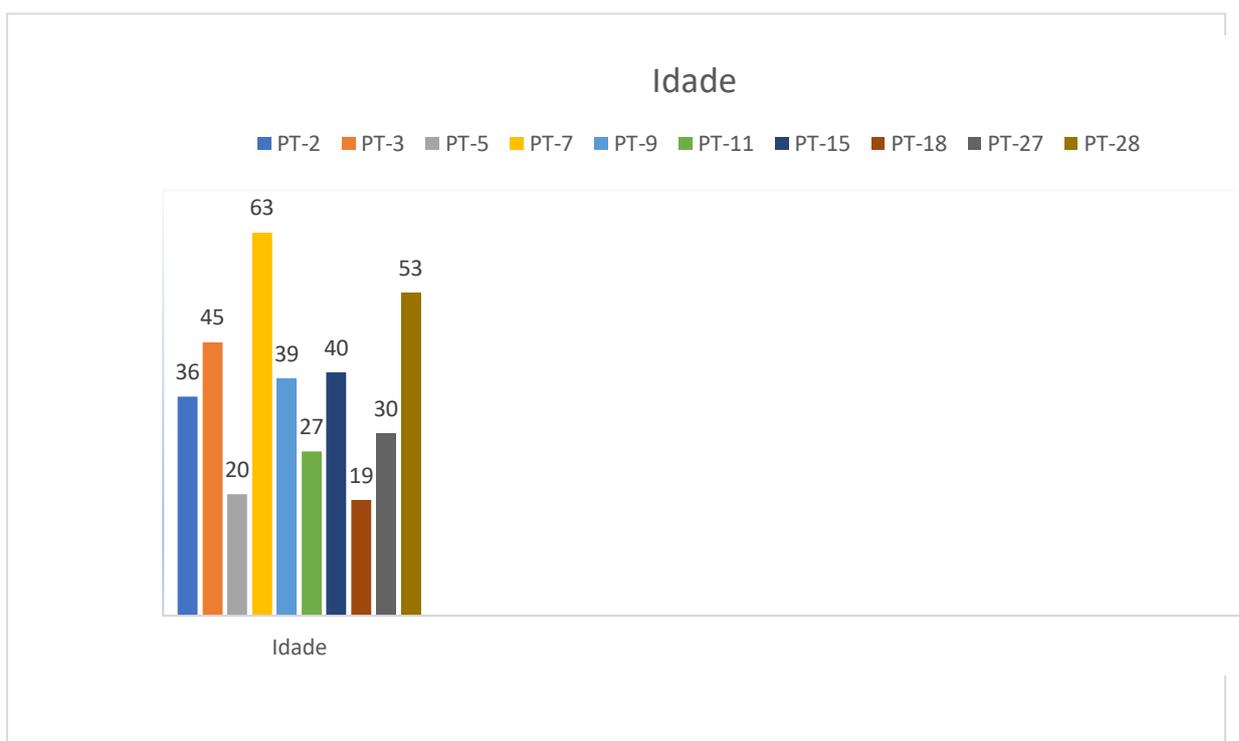


Gráfico 2 – Idade - Grupo Monolíngue

Fonte: Elaboração própria.

Como era esperado, a maioria dos participantes desse grupo cursava Letras - Português no primeiro semestre. Esse resultado era previsto pois os instrumentos de

pesquisa foram aplicados às turmas de uma disciplina desse curso e semestre. Ainda assim, há participantes do curso de Letras - Redação e Revisão de Textos e de outros semestres, já que a disciplina poderia ser cursada por outros estudantes.

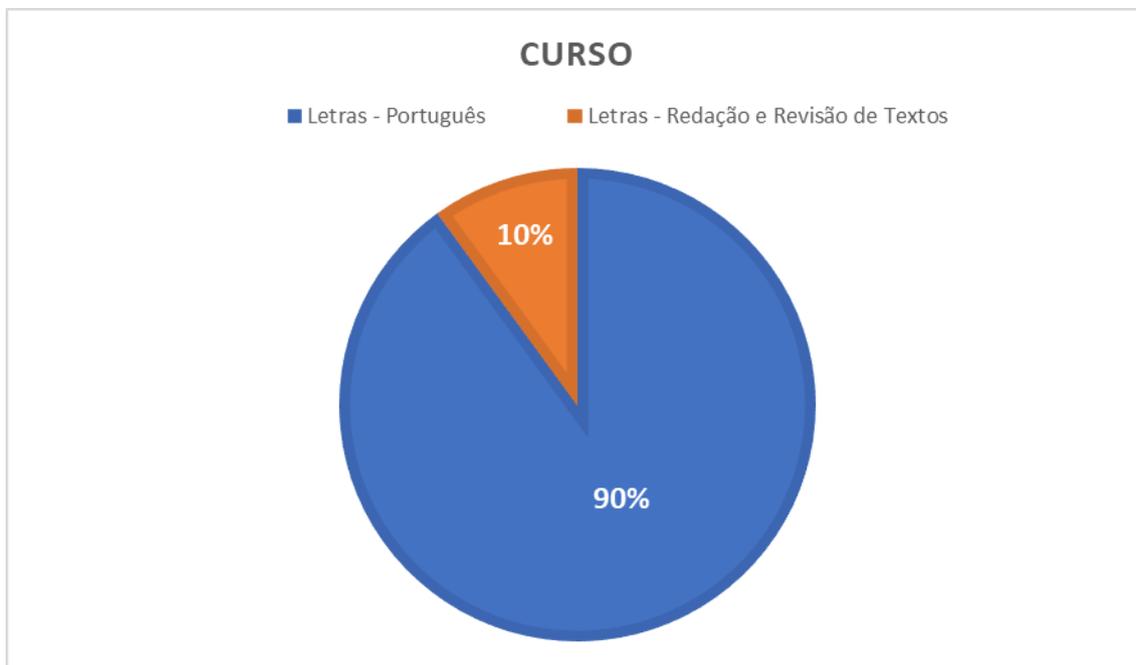


Gráfico 3 – Curso - Grupo Monolíngue

Fonte: Elaboração própria.

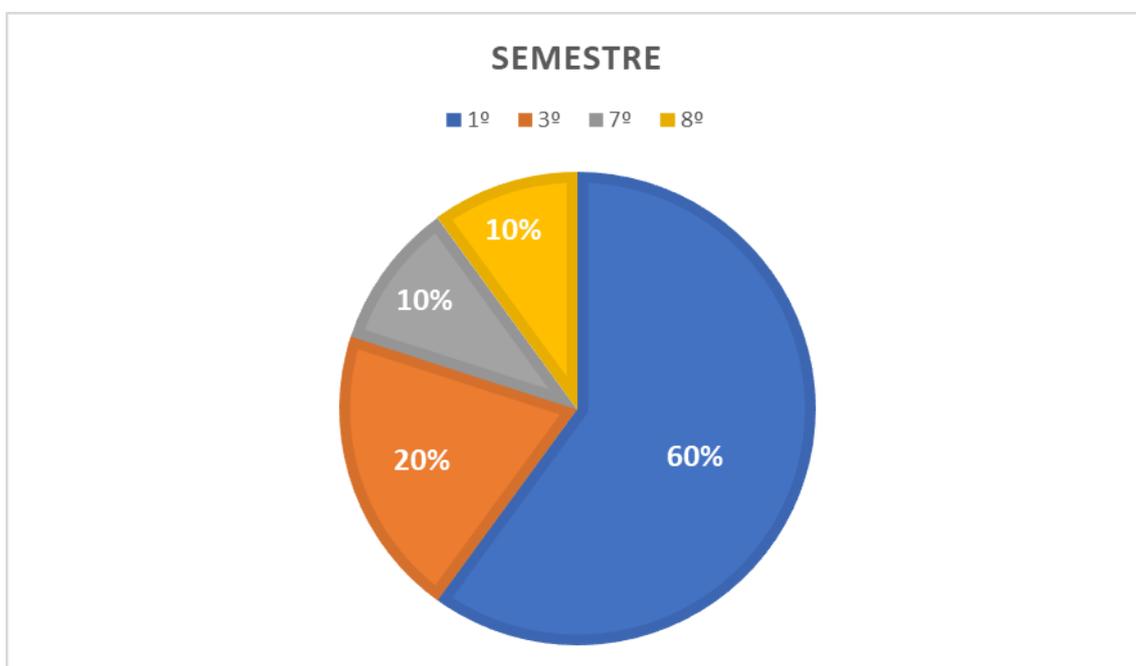


Gráfico 4 – Semestre - Grupo Monolíngue

Fonte: Elaboração própria.

4.2.2 Descrição do grupo bilíngue português/inglês

O segundo grupo é formado por 44 participantes, os quais declaram usar inglês e português, podendo ou não conhecer outras línguas além dessas. Nesse grupo, mostrou-se necessária uma subdivisão a partir do nível de proficiência autodeclarado dos participantes na habilidade da escrita, já que ela era a necessária para responder ao teste. Essa subdivisão pôde propiciar uma análise mais aprofundada dos dados, mostrando não só se há influência do inglês (LE) sobre o português (LM), mas também se a diferença de proficiência na LE pode ser um fator importante nessa influência.

Dentre os participantes enquadrados no grupo bilíngue português/inglês, 11 declararam nível básico de escrita em inglês; 22, nível intermediário; e 11, nível avançado. A seguir, apresentamos alguns gráficos com as respostas desses participantes para definirmos seu perfil:

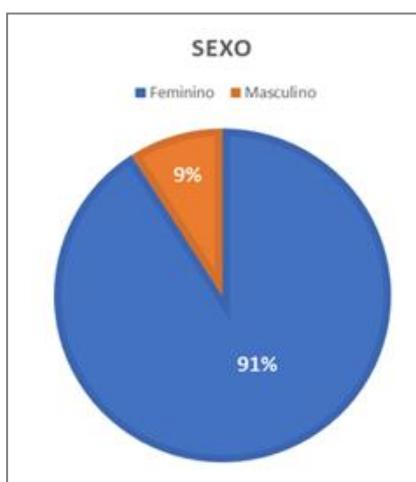


Gráfico 5 – Sexo - Grupo
Bilíngue Nível Básico
Fonte: Elaboração própria.

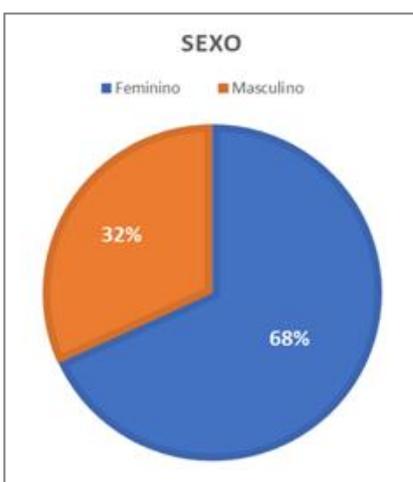


Gráfico 6 – Sexo - Grupo
Bilíngue Nível Intermediário
Fonte: Elaboração própria.

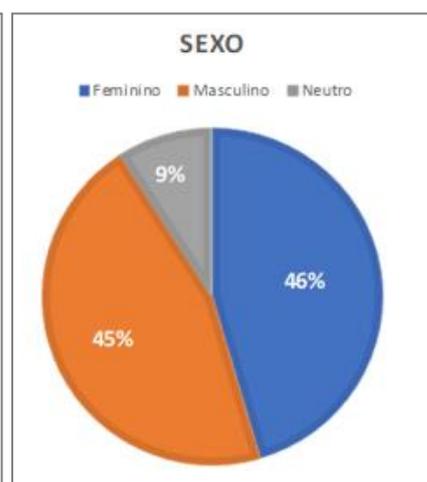


Gráfico 7 – Sexo - Grupo
Bilíngue Nível Avançado
Fonte: Elaboração própria.

A partir dos gráficos, é possível perceber que o sexo feminino é predominante em todos os níveis, mas a porcentagem vai diminuindo com o avançar do nível de proficiência autodeclarada. A seguir, temos os gráficos que apresentam a idade dos participantes, que varia de 19 a 45 anos no básico; de 19 a 28 anos no intermediário; e de 19 a 33 anos no avançado.

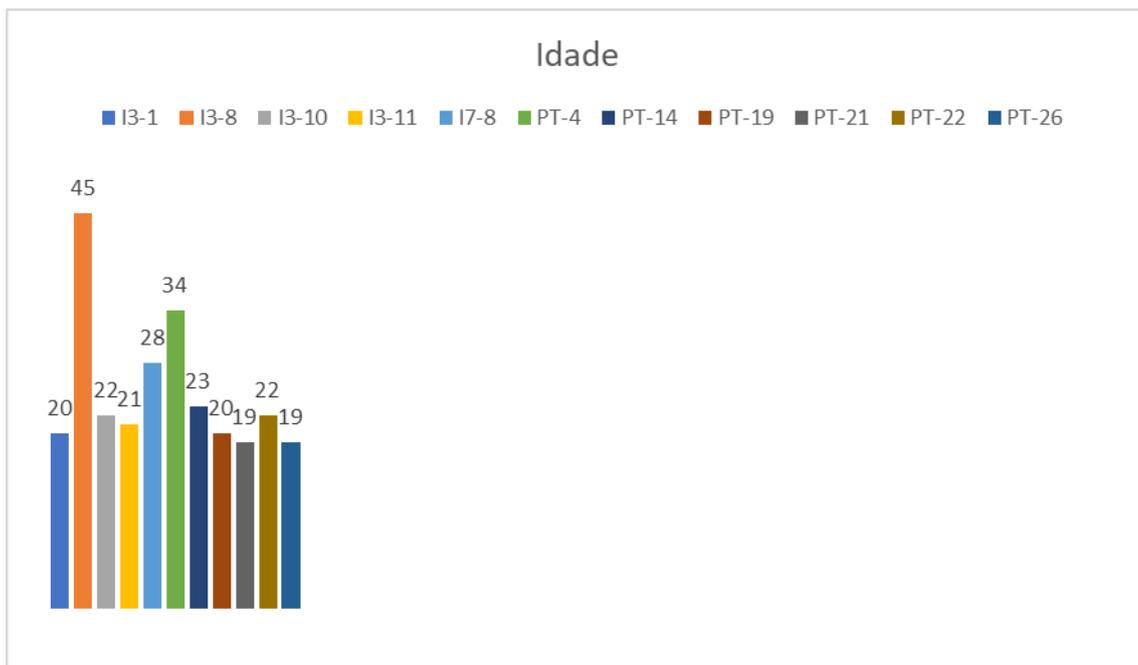


Gráfico 8 – Idade - Grupo Bilíngue Nível Básico

Fonte: Elaboração própria.

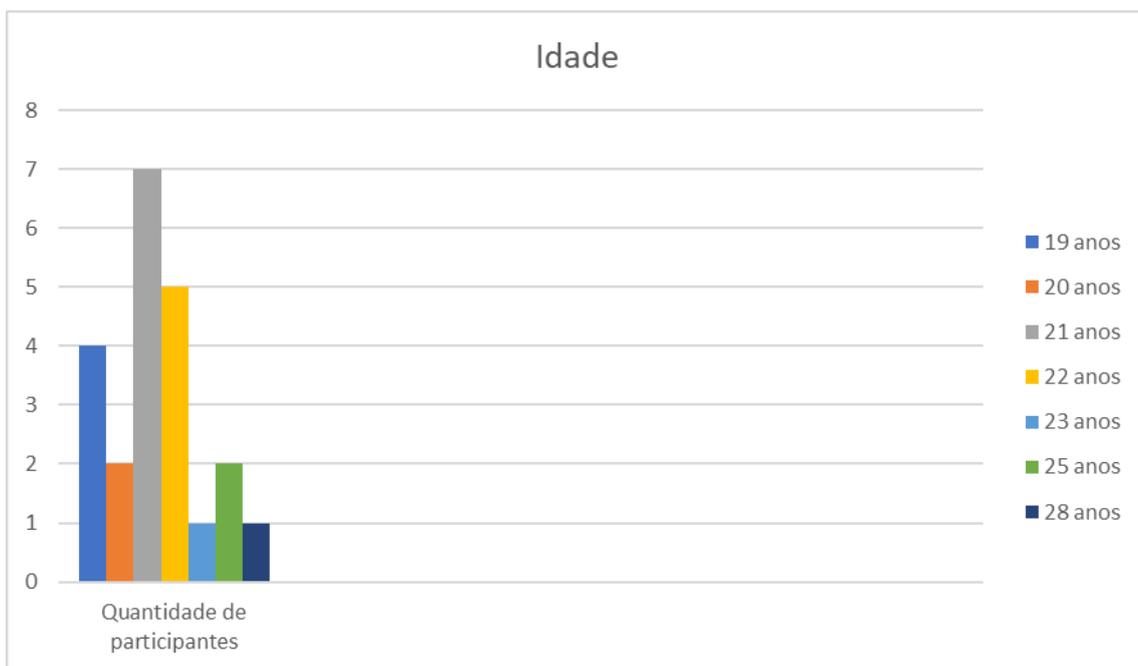


Gráfico 9 – Idade - Grupo Bilíngue Nível Intermediário

Fonte: Elaboração própria.

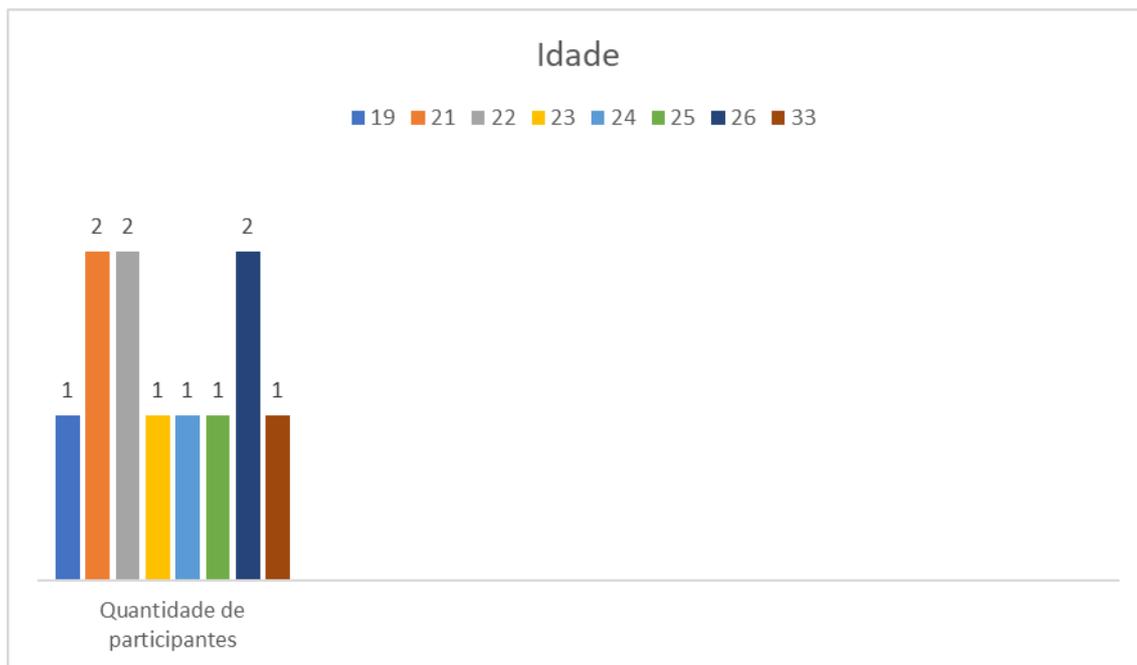


Gráfico 10 – Idade - Grupo Bilíngue Nível Avançado

Fonte: Elaboração própria.

Os gráficos a seguir demonstram os cursos e semestres que os participantes estavam cursando. É possível perceber a predominância dos cursos Letras – Português e Letras – Português e Inglês, cuja diferença de quantidade de participantes de cada grupo vai aumentando de acordo com o nível, tendo, no avançado, uma predominância de participantes do curso Letras – Português e Inglês.

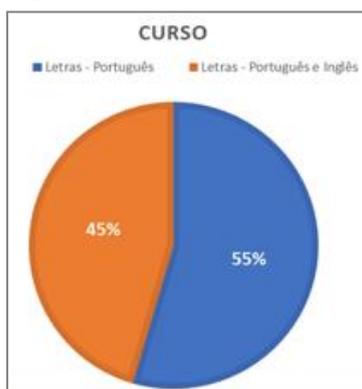


Gráfico 11 – Curso - Grupo Bilíngue Nível Básico

Fonte: Elaboração própria.

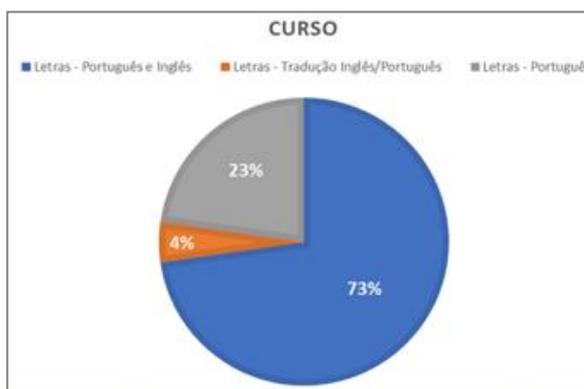


Gráfico 12 – Curso - Grupo Bilíngue Nível Intermediário

Fonte: Elaboração própria.

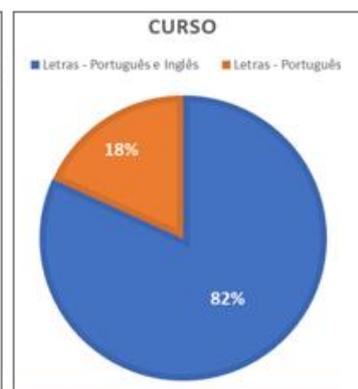


Gráfico 13 – Curso - Grupo Bilíngue Nível Avançado

Fonte: Elaboração própria.

Em relação aos semestres, o que se destaca é a variedade no nível intermediário, que tem as porcentagens bem divididas entre o 1º, o 3º, o 5º e o 7º semestre. No básico, destaca-se o 1º semestre e, no avançado, o 7º semestre.

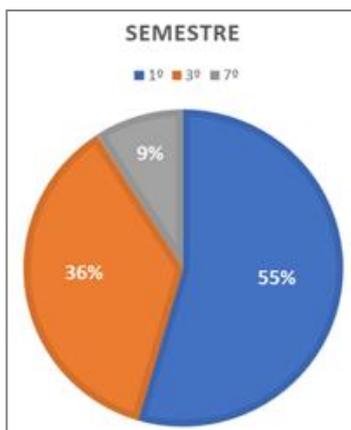


Gráfico 14 – Semestre - Grupo Bilíngue Nível Básico
Fonte: Elaboração própria.

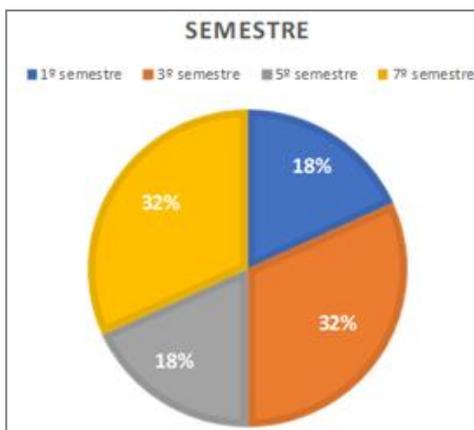


Gráfico 15 – Semestre - Grupo Bilíngue Nível Intermediário
Fonte: Elaboração própria.

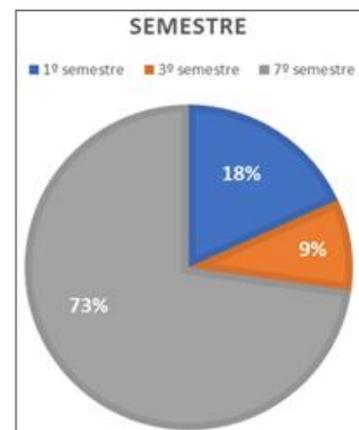


Gráfico 16 – Semestre - Grupo Bilíngue Nível Avançado
Fonte: Elaboração própria.

Em relação à língua materna, todos os participantes de nível básico têm apenas português. No nível intermediário, todos têm apenas português como língua materna, com exceção de 1 participante, que tem português e japonês como línguas maternas. No nível avançado, 9 têm apenas português como língua materna e 2 têm português e inglês como línguas maternas.

Em relação à regularidade do uso do inglês, temos que a maioria do nível básico usa a LE sem regularidade, conforme pode ser observado no gráfico a seguir. Nos níveis intermediário e avançado, 100% responderam que usam o inglês com regularidade.

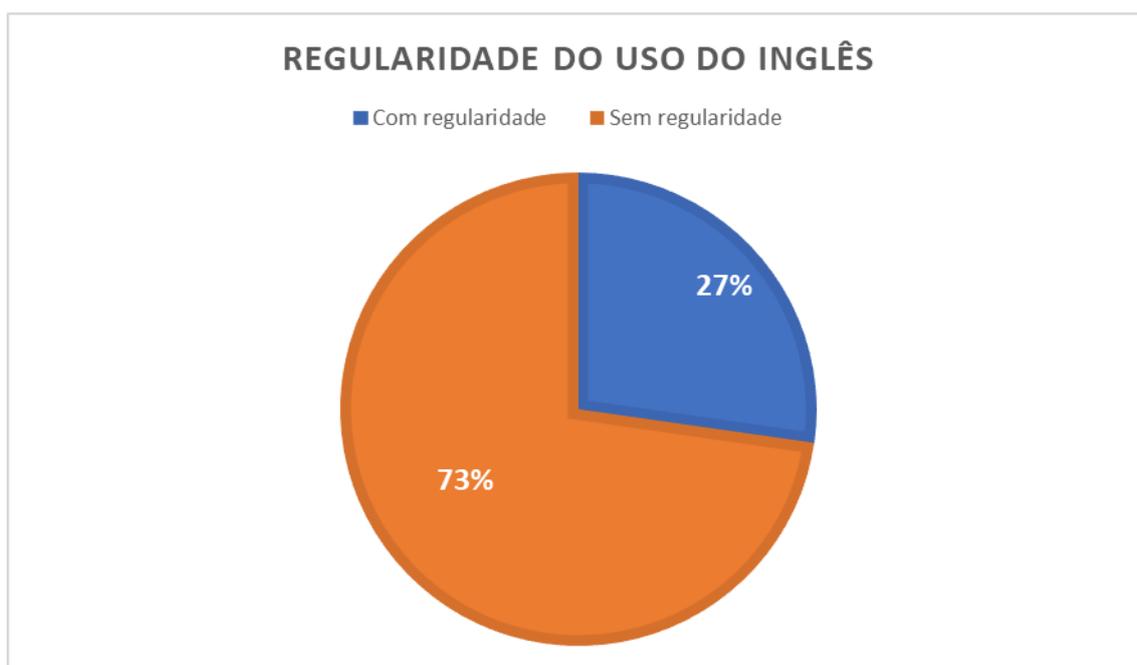


Gráfico 17 – Regularidade do uso do inglês - Grupo Bilíngue Nível Básico
Fonte: Elaboração própria.

Quando questionados sobre em quais circunstâncias usam o inglês, os 3 níveis de bilíngues tiveram como principal resposta o entretenimento. Apesar dessa semelhança, é possível observar uma variação nas circunstâncias quando se passa do básico para o intermediário, e do intermediário para o avançado, demonstrando como a LE passa a estar mais presente na rotina em níveis mais elevados de proficiência.

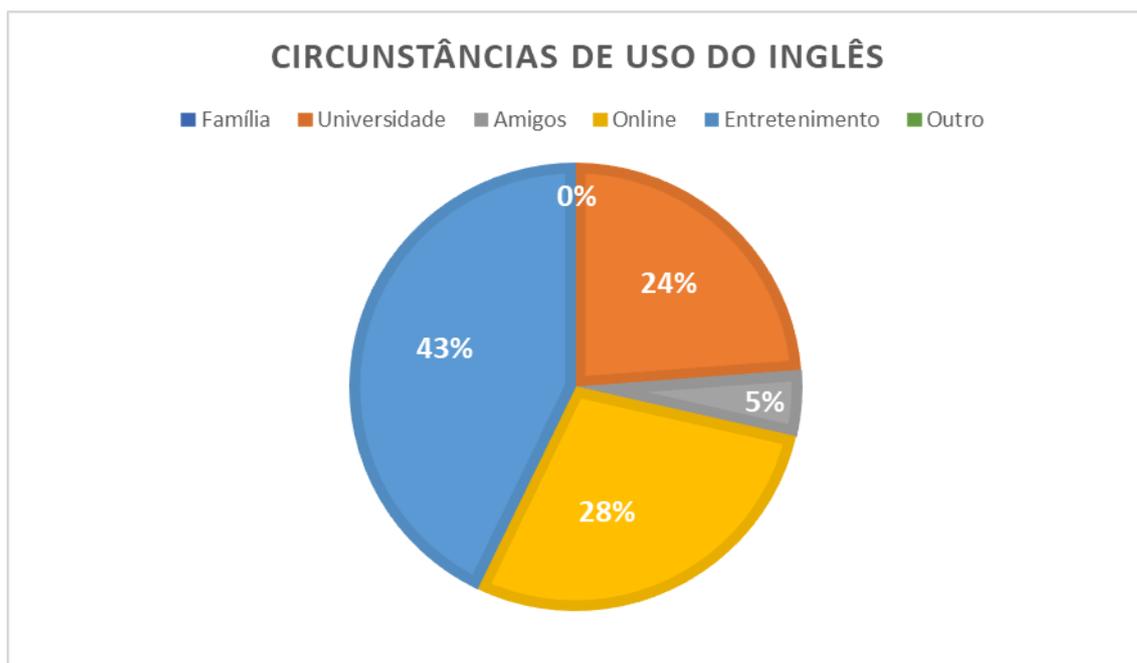


Gráfico 18 – Circunstâncias de uso do inglês - Grupo Bilíngue Nível Básico

Fonte: Elaboração própria.

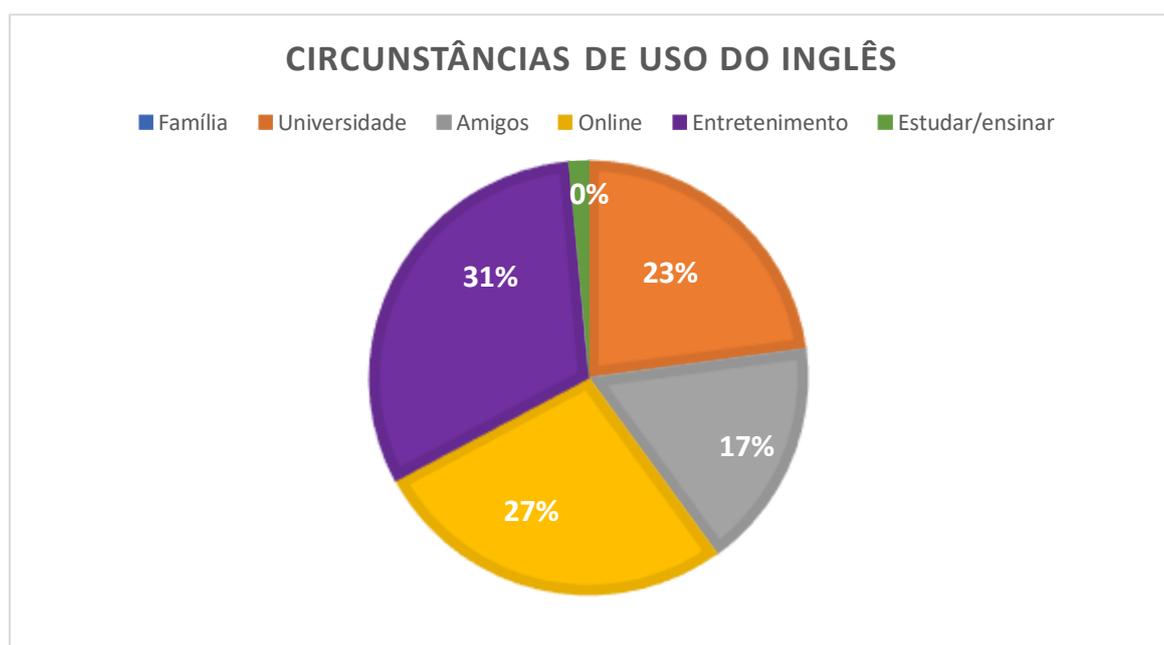


Gráfico 19 – Circunstâncias de uso do inglês - Grupo Bilíngue Nível Intermediário

Fonte: Elaboração própria.

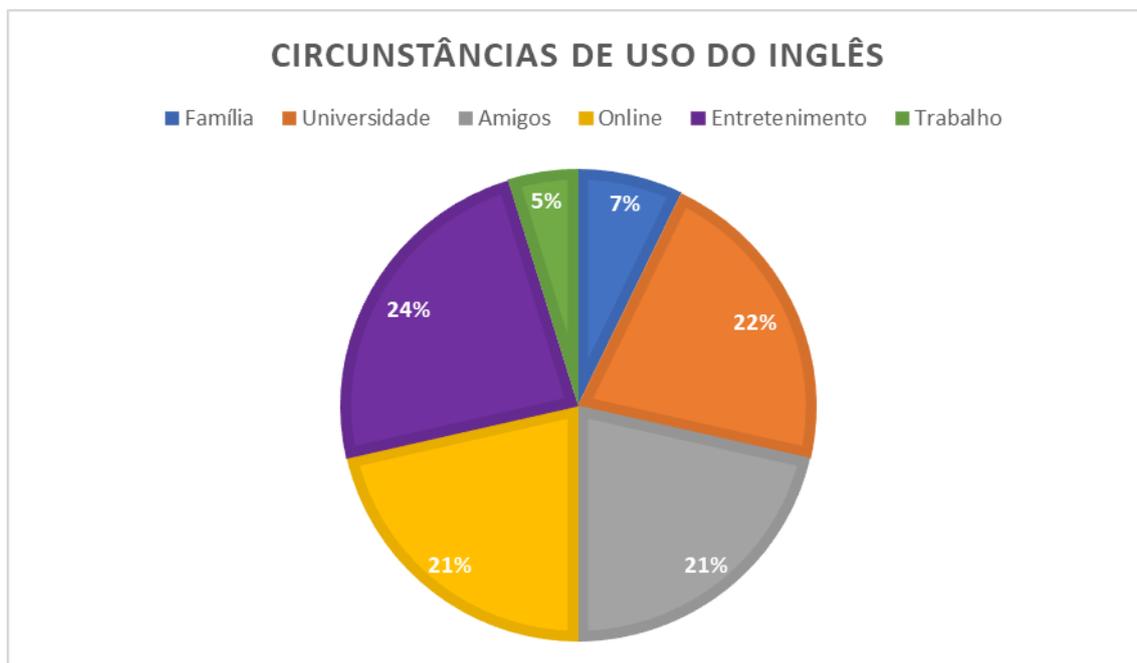


Gráfico 20 – Circunstâncias de uso do inglês - Grupo Bilíngue Nível Avançado

Fonte: Elaboração própria.

Em relação à aquisição do inglês, no nível básico, a maior parte dos participantes respondeu que adquiriu a língua na escola. No nível intermediário, juntamente com a escola, é apresentada a aquisição autodidata, além de outras variadas formas. No nível avançado, a maioria adquiriu o inglês de forma autodidata ou por curso de línguas, além de outras formas.

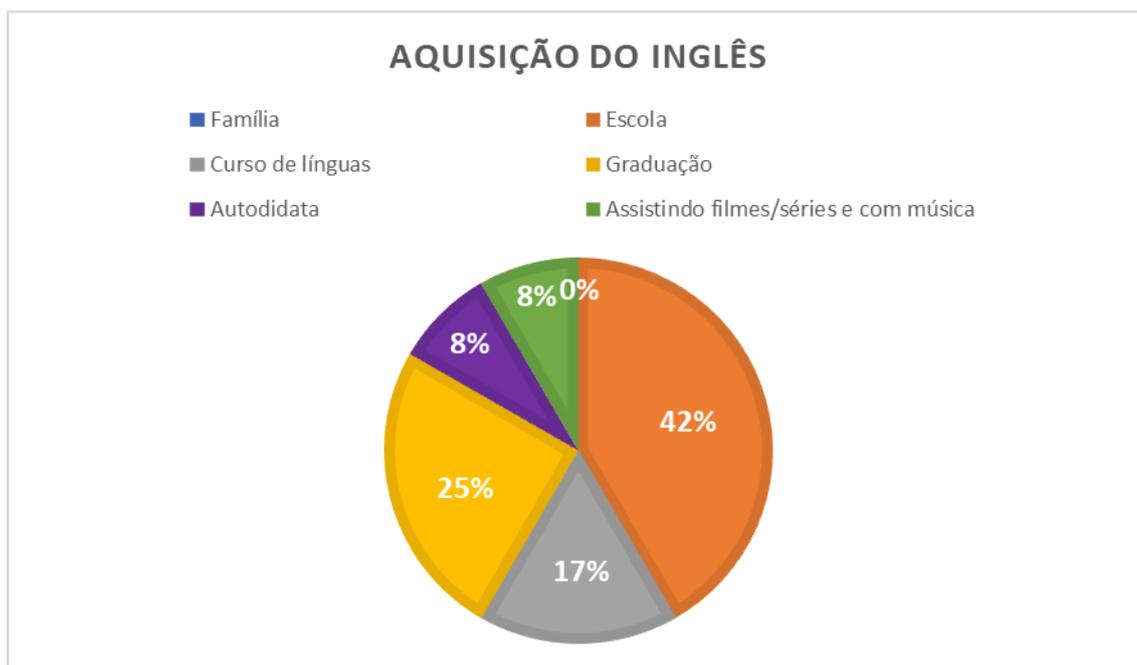


Gráfico 21 – Aquisição do inglês - Grupo Bilíngue Nível Básico

Fonte: Elaboração própria.

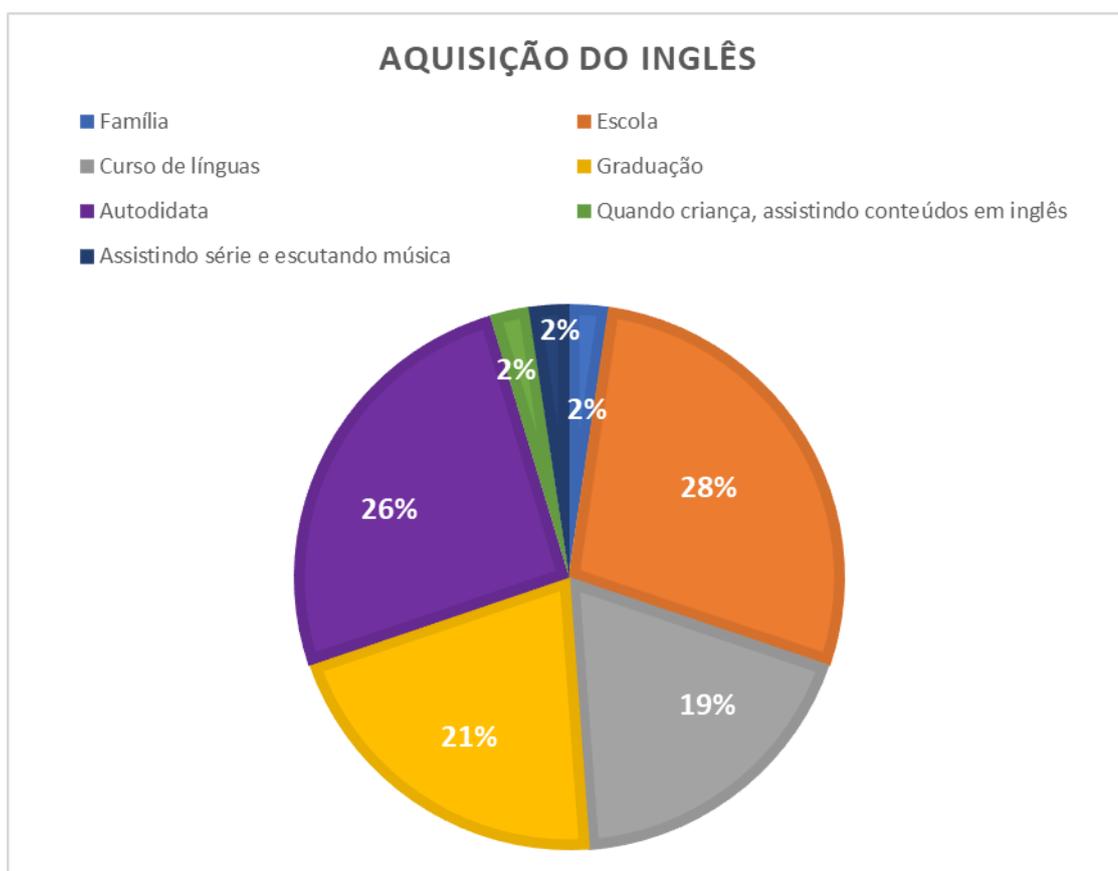


Gráfico 22 – Aquisição do inglês - Grupo Bilíngue Nível Intermediário

Fonte: Elaboração própria.

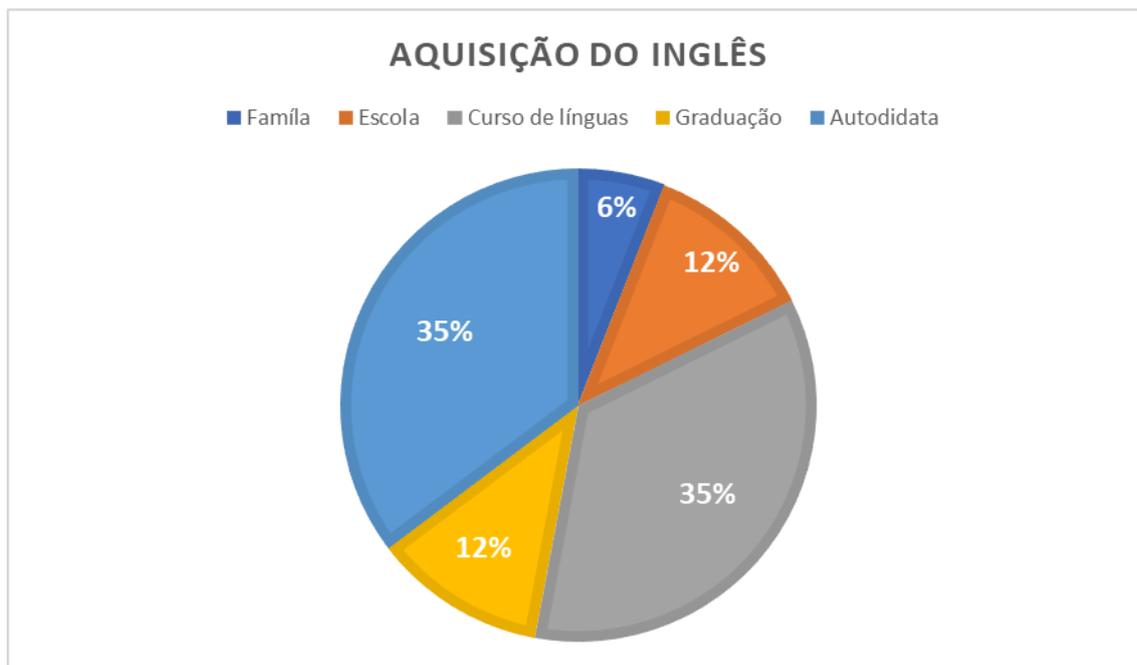


Gráfico 23 – Aquisição do inglês - Grupo Bilíngue Nível Avançado

Fonte: Elaboração própria.

A proficiência autodeclarada em escrita foi o critério para a separação dos níveis de bilíngue. Além da proficiência escrita, os participantes indicaram sua proficiência em leitura, compreensão e fala. É importante ressaltar que, nessa questão, o nível básico variou suas respostas entre básico e intermediário. O nível intermediário, entre intermediário, avançado e poucas em básico. O nível avançado já tem alta predominância de respostas como “avançado”, tendo poucas como “intermediário”.

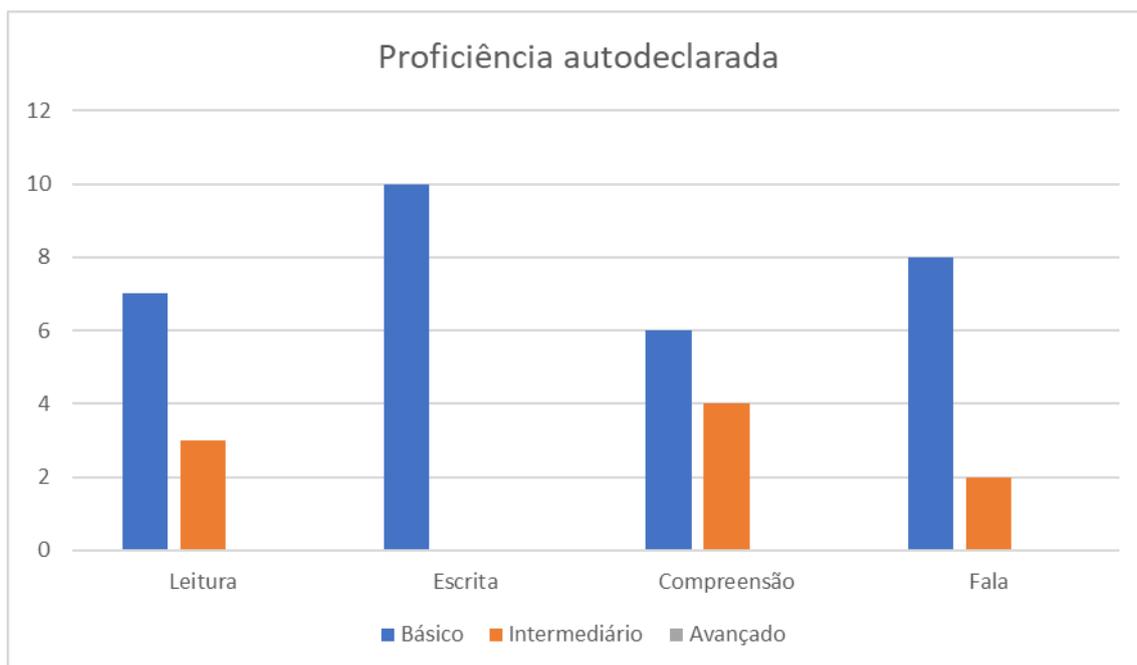


Gráfico 24 – Proficiência autodeclarada - Grupo Bilingue Nível Básico

Fonte: Elaboração própria.

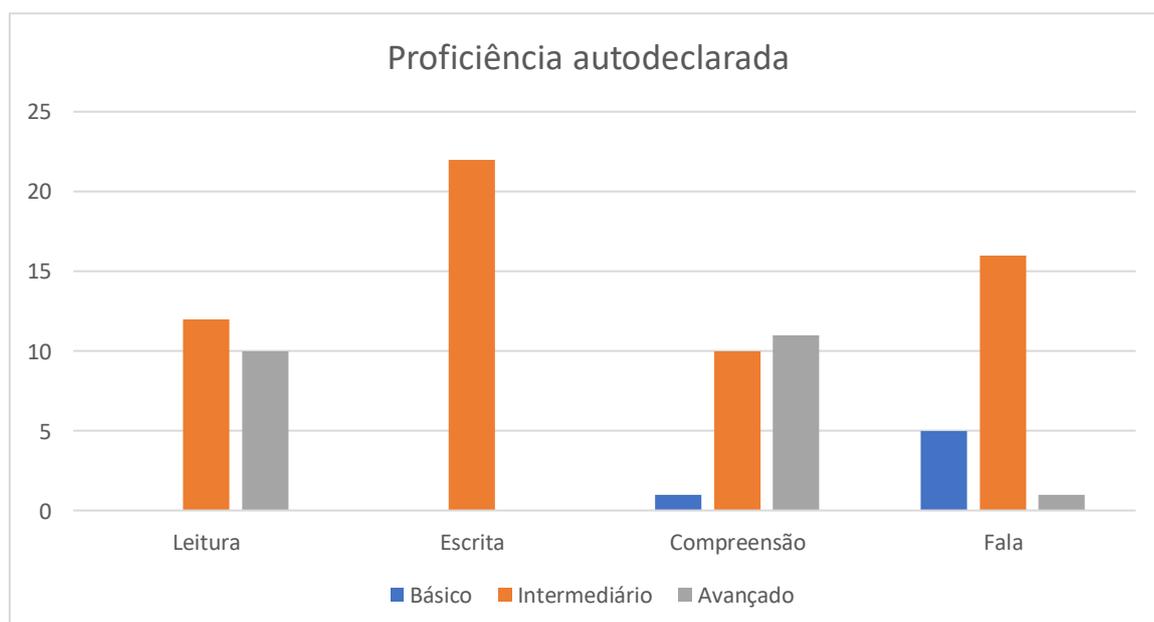


Gráfico 25 – Proficiência autodeclarada - Grupo Bilingue Nível Intermediário

Fonte: Elaboração própria.

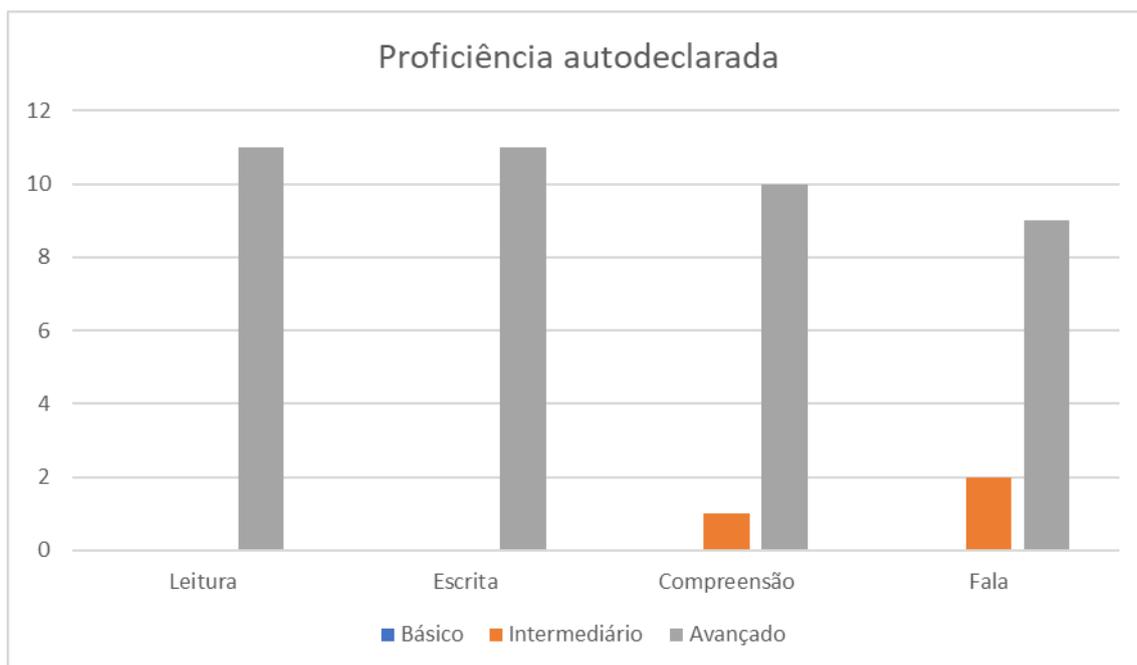


Gráfico 26 – Proficiência autodeclarada - Grupo Bilíngue Nível Avançado

Fonte: Elaboração própria.

Os participantes também foram questionados sobre o conhecimento de outras LEs além do inglês. Em todos os níveis, a maior taxa de resposta foi para o espanhol. Além dessa, as outras línguas mencionadas foram coreano, francês, japonês, italiano, latim e klingon.

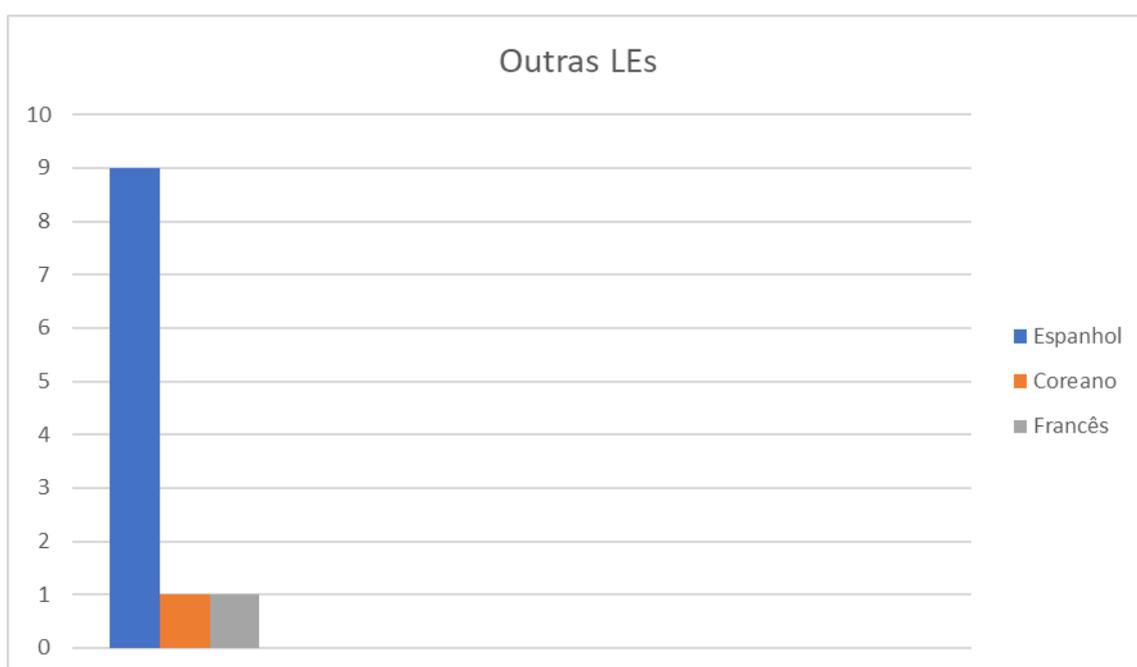


Gráfico 27 – Outras LEs - Grupo Bilíngue Nível Básico

Fonte: Elaboração própria.

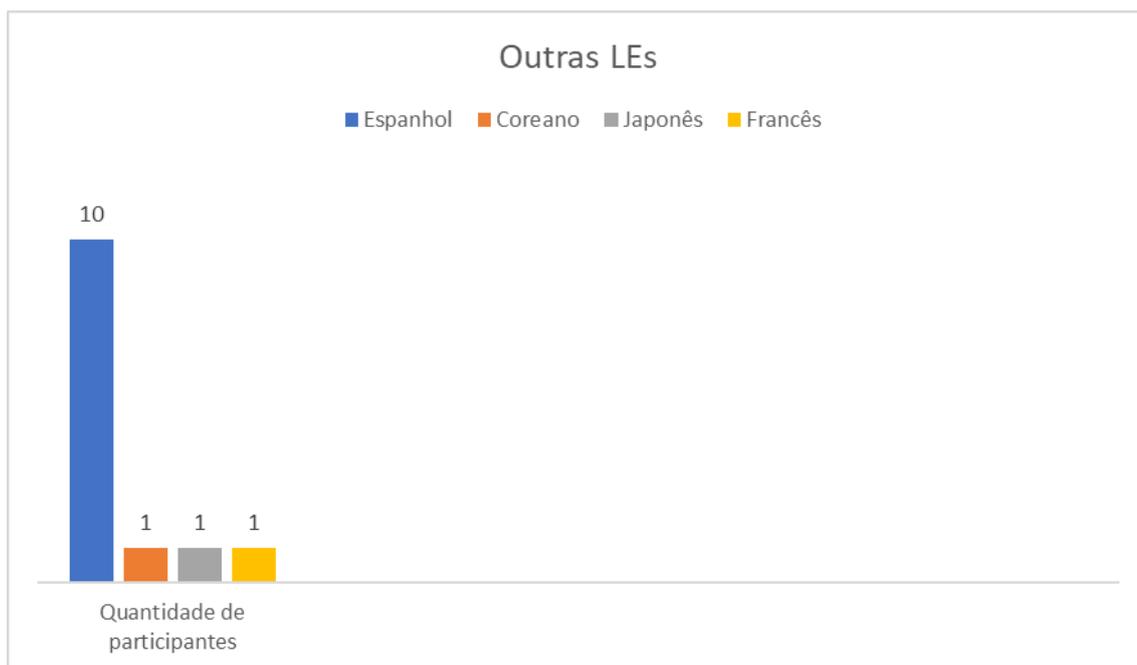


Gráfico 28 – Outras LEs - Grupo Bilíngue Nível Intermediário

Fonte: Elaboração própria.

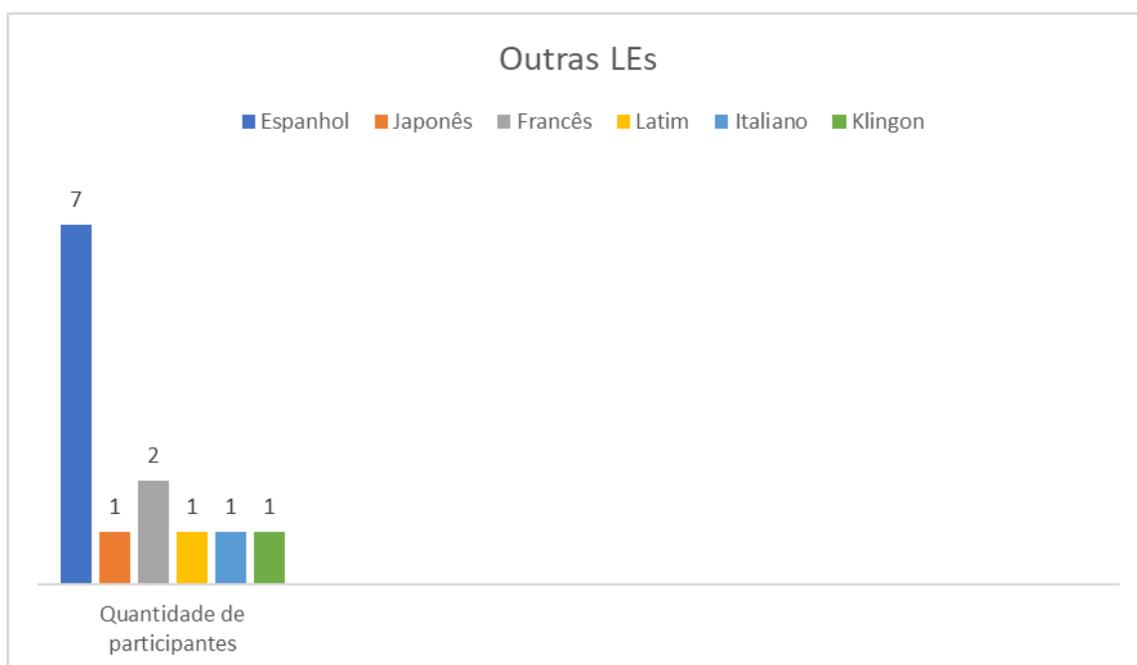


Gráfico 29 – Outras LEs - Grupo Bilíngue Nível Avançado

Fonte: Elaboração própria.

4.2.3 Descrição do grupo bilíngues de outras línguas

O terceiro grupo é formado por 4 participantes que são bilíngues, mas cuja lista de línguas não inclui o inglês. Como mencionado anteriormente, esses participantes não são o nosso foco, por isso suas respostas não foram analisadas.

Todos os participantes são do sexo feminino e cursam Letras – Português — 3 no primeiro semestre e 1 no terceiro semestre. As suas idades variam de 18 a 27 anos e apenas uma delas tem duas línguas maternas, português e pomerano. Todas apresentam apenas uma língua estrangeira, quais sejam: espanhol (2), Libras (1) e pomerano (1), mas apenas a que sabe Libras usa a LE com regularidade.

4.3 Análise dos sintagmas nominais

Antes de iniciar a análise dos sintagmas propriamente dita, é importante destacar que foi solicitado que uma tradutora⁶⁵ respondesse ao teste em inglês. A pesquisa é realizada sobre as respostas dos participantes em português, mas as respostas em inglês produzidas pela tradutora são importantes para servirem de base para a investigação da influência do inglês sobre as respostas em português, ao observar a ordem preferencial em inglês. A decisão pela solicitação a uma tradutora ocorreu porque ela teria maior proficiência em inglês do que a autora deste trabalho, alicerçando e fortalecendo a análise.

A seguir, são apresentadas as respostas a cada questão do teste, divididas entre monolíngues e bilíngues, bem como entre os três níveis de proficiência escrita dos bilíngues português e inglês. Ressaltamos que, como a quantidade de participantes de cada grupo é bem diferente, juntamente com a quantidade de respostas, incluímos a porcentagem de participantes do grupo à qual aquela quantidade equivale, a fim de facilitar a comparação entre os grupos. Também destacamos que o número de respostas ultrapassa a quantidade de participantes, pois cada um poderia apresentar mais de uma resposta.

Na maioria das questões, foi identificado um grande número de respostas, contudo, nem todas obedeciam às orientações indicadas no início do teste

⁶⁵ Jéssica de Souza Silva é tradutora bacharela em Letras - Tradução Português/Inglês pela Universidade Federal de Pelotas.

(Apêndice E) e reforçadas pela leitura da pesquisadora em sala de aula. Assim sendo, nas tabelas a seguir, são apresentadas somente as respostas que seguiram tais orientações, já que são essas que apresentam os contextos que se pretende analisar. Ainda assim, é possível conferir as tabelas com todas as respostas no Apêndice F.

Nas questões em que foram observadas respostas com os adjetivos exatamente na mesma ordem apresentada na resposta da tradutora, tais respostas foram sublinhadas. Isso não ocorreu em todas as questões, uma vez que, em muitas delas, seguir a mesma ordem do inglês poderia causar estranheza à construção. Contudo, destacamos os casos em que tal estranheza ocorreu.

Além disso, destacamos em azul as respostas que mais se aproximaram entre monolíngues e bilíngues e em amarelo as respostas que mais se distanciaram entre esses dois grupos, para fins de observação. Para tal classificação, escolhemos por considerar respostas próximas aquelas que têm diferença de 5% ou menos entre monolíngues e bilíngues. As respostas consideradas mais distantes, por sua vez, serão aquelas cuja diferença for, no mínimo, o dobro em um grupo quando comparado ao outro. Destacamos ainda, como respostas com maior diferença, aquelas apresentadas por apenas um dos grupos.

1 Um amigo

Adjetivos: velho

Resposta da tradutora: *an old friend*

um velho amigo⁶⁶

Tabela 1 – Sintagma 1 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
<u>Um velho amigo</u>	9 (90%)	43 (97,72%)
Um amigo velho	3 (30%)	20 (45,45%)

Fonte: Elaboração própria.

⁶⁶ Em todos os sintagmas, abaixo da resposta da tradutora, foi incluída a tradução literal para o português, ou seja, uma tradução seguindo a mesma ordem de palavras usada em inglês pela tradutora, apenas como uma forma de facilitar a visualização e a leitura do público que não conheça o inglês.

Tabela 2 – Sintagma 1 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
<u>Um velho amigo</u>	10 (90,90%)	22 (100%)	11 (100%)
Um amigo velho	3 (27,27%)	12 (54,54%)	5 (45,45%)

Fonte: Elaboração própria.

Nesse sintagma, de maneira geral, os falantes de português identificaram uma diferença de sentido decorrente da mudança da posição do adjetivo em relação ao nome. Conforme destacam Brito e Lopes (2016), os adjetivos qualificativos (que expressam propriedades objetivas do nome), assumem interpretação conotativa em posição pré-nominal e denotativa em posição pós-nominal. No sintagma em questão, é possível notar esse ponto, já que em “velho amigo” temos uma pessoa com quem se mantém uma amizade de longa data e em “amigo velho” temos uma pessoa que tem idade avançada.

Bouchard (1998, 2002) também defende que o adjetivo anteposto modifica apenas subpartes do nome (nesse caso, a propriedade “amigo”), e o adjetivo posposto modifica totalmente o nome (nesse caso, não somente o amigo, mas a pessoa). Cinque (2010) corrobora essa teoria afirmando que a posição pré-nominal tem leitura não intersectiva (intensional), e a pós-nominal pode ter tanto leitura intersectiva (extensional) quanto não intersectiva (intensional).

Menuzzi (1992) também explica essa questão, considerando que na posição pré-nominal o adjetivo está relacionado ao nome (ou seja, amigo); em posição pós-nominal, pode ter leitura abstrata ou relativa ao nome (estando relacionado a amigo ou a pessoa como um todo).

Lamarche (1991 *apud* Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) aborda essa questão a partir da relação entre o adjetivo e o nome: enquanto os adjetivos pré-nominais têm uma relação mais próxima com o nome, os pós-nominais têm uma relação menos próxima, e as características lexicais do adjetivo combinam com as do nome.

Tendo isso em vista, destacamos que o fato de haver mudança de sentido pode ter influenciado na resposta dos participantes. Com base na proposta de Cinque (1994), para quem a posição pós-nominal é a canônica ou menos marcada

do português, esperava-se que essa fosse a posição do adjetivo preferida pelos participantes monolíngues. Contudo, não foi o que observamos nos dados.

Como pode ser visto na Tabela 1, o sintagma com o adjetivo pré-nominal foi o que obteve o maior número de respostas nos dois grupos. Contudo, ressalta-se que essa porcentagem foi maior no grupo dos bilíngues, seguindo a ordem utilizada em inglês, conforme pode ser observado na resposta da tradutora. Outro ponto a ser destacado é que os bilíngues apresentaram mais possibilidades de resposta: enquanto 30% dos monolíngues apresentaram mais de uma resposta possível, no grupo dos bilíngues essa porcentagem foi de 43,18%, o que parece demonstrar que eles buscaram mais formas de dispor os elementos dentro do sintagma.

Entre os bilíngues, conforme a Tabela 2, observamos altas porcentagens de resposta com o adjetivo anteposto, destacando-se a porcentagem máxima nos grupos intermediário e avançado. Em relação às respostas com o adjetivo posposto (ordem aceita somente em português, não em inglês), percebemos um maior índice no grupo intermediário (54,54%), seguido do avançado (45,45%). Esse alto nível do grupo intermediário para a resposta que não corresponde à ordem em inglês nos leva a destacar que esse grupo parece ousar mais em suas respostas, inclusive pelo fato de que foram os que mais apresentaram diversas opções de resposta. 18,18% dos bilíngues de nível básico apresentaram mais de uma resposta possível, em contraste com 54,54% dos de nível intermediário e 45,45% dos de nível avançado. Tendo observado essa distinção de tal grupo, passamos a reparar no seu comportamento nos demais sintagmas e trazemos uma discussão mais detalhada sobre o caso ao final das análises.

2 Aquele livro

Adjetivos: interessante, vermelho

Resposta da tradutora: *That interesting red book*

Aquele interessante vermelho livro

Tabela 3 – Sintagma 2 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Aquele interessante livro vermelho	5 (50%)	30 (68,18%)
Aquele livro vermelho interessante	4 (40%)	15 (34,09%)

Aquele livro interessante vermelho	1 (10%)	2 (4,54%)
Interessante aquele livro vermelho	1 (10%)	5 (11,36%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 4 – Sintagma 2 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediári o (22)	Avançado (11)
Aquele interessante livro vermelho	5 (45,45%)	16 (72,72%)	9 (81,81%)
Aquele livro vermelho interessante	2 (18,18%)	9 (40,90%)	4 (36,36%)
Aquele livro interessante vermelho	-	2 (9,09%)	-
Interessante aquele livro vermelho	1 (9,09%)	3 (13,63%)	1 (9,09%)

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, não há mudança de sentido, mas há dois adjetivos, dos quais um pode ocupar diferentes posições dentro do constituinte.

O adjetivo “vermelho” é classificado como qualificativo (Brito; Lopes, 2016), absoluto (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) ou não avaliativo (BOFF, 1991), ou seja, apresenta propriedade objetiva/concreta do nome. Segundo as autoras, esse adjetivo aparece em posição pós-nominal em português. Por sua vez, o adjetivo “interessante” é classificado como avaliativo (Brito; Lopes, 2016) (Boff, 1991) ou não absoluto (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007), uma vez que apresenta propriedade subjetiva do nome, podendo aparecer tanto em posição pré-nominal quanto em pós-nominal em português. Prim (2017) classifica “interessante” como qualificativo, já que pode aparecer tanto em posição pré-nominal quanto pós-nominal. Além disso, adjetivos qualificativos aceitam o sufixo -íssimo, como em “interessantíssimo”.

Prim (2017) também afirma que, na posição pré-nominal, os adjetivos qualificativos (como “interessante”) têm apenas leitura específica, enquanto na posição pós-nominal podem ter tanto leitura específica quanto não-específica. Assim, em "Aquele livro vermelho interessante", pode se estar falando de um livro específico ou de um livro não-específico, mas muito interessante. Por outro lado, em "Aquele interessante livro vermelho", a única interpretação possível é que se está falando de um livro em específico.

Sproat e Shih (1987, 1991), Scott (1998) e Cinque (1994) defendem que adjetivos mais aparentes ou que denotam propriedades próprias do referente ficam mais próximos do que aqueles que denotam propriedades subjetivas. Portanto, para esses autores, a ordem para línguas românicas, conforme visto, seria nome > cor > qualidade, ou seja, "Um livro vermelho interessante". Importante destacar que, conforme eles haviam mencionado, línguas com adjetivo posposto ao nome seriam o espelho de línguas cujo adjetivo é anteposto, e isso pode ser observado ao comparar a ordem em português assumida pelos autores e a ordem dos elementos em inglês na resposta da tradutora.

Brito e Lopes (2016) também sustentam que, quando adjetivos qualificativos e avaliativos coocorrem, a ordem aceita seria qualificativo > avaliativo (livro vermelho interessante) ou com o adjetivo avaliativo anteposto (interessante livro vermelho), mas não o contrário (*livro interessante vermelho).

A partir da Tabela 3, é possível perceber que a resposta preferida tanto de monolíngues quanto de bilíngues foi "Aquele interessante livro vermelho", uma ordenação prevista pelos autores mencionados, com o adjetivo "interessante" (avaliativo/não absoluto) anteposto e "vermelho" (qualificativo/não avaliativo/absoluto) posposto ao nome. A escolha pelo uso de um adjetivo antes e outro depois do nome pode estar relacionada com a dificuldade dos participantes em organizarem mais de um adjetivo no mesmo sintagma sem o uso de vírgulas ou conjunções, evidenciado pelo considerável número de respostas usando esses elementos tanto no teste-piloto quanto no teste efetivo.

Apesar de essa ordenação ter sido a preferida dos dois grupos, é possível notar um percentual maior no grupo dos bilíngues. Ao colocarem o adjetivo "interessante" na posição pré-nominal, esses participantes podem ter seguido a ordenação do inglês, pelo menos em parte, visto que a anteposição de ambos os adjetivos tornaria a construção agramatical (*Aquele interessante vermelho livro).

A segunda resposta preferida foi o sintagma com ambos os adjetivos em posição pós-nominal, cujo maior número foi registrado no grupo monolíngue, seguindo a ordem prevista pelos autores mencionados, em que o adjetivo "vermelho" fica mais próximo do nome que o adjetivo "interessante". Além disso, essa seria a ordem espelhada do inglês, conforme menciona Cinque (1994). Esse sintagma (Aquele livro vermelho interessante) teve índice de resposta muito próximo do primeiro (Aquele interessante livro vermelho) no grupo monolíngue, tendo uma

redução de apenas 10%. Por outro lado, no grupo bilíngue, o índice de resposta com ambos os adjetivos pospostos caiu pela metade quando comparado com o sintagma com um dos adjetivos anteposto, evidenciando ainda mais uma possível preferência dos bilíngues pela anteposição.

A terceira resposta, "Aquele livro interessante vermelho" vai em direção oposta ao que os autores defendem, contudo, a porcentagem de respostas foi relativamente baixa. No caso da resposta "Interessante aquele livro vermelho", percebe-se uma intenção diferente pelos participantes, em que se observa inclusive uma provável entonação diferente, como um comentário, enfatizando o adjetivo "interessante". Esse sintagma também teve baixos níveis de resposta e, apesar de seguir as regras mencionadas no início do teste, escapa do objetivo principal.

Na Tabela 4, nota-se que a resposta com um adjetivo anteposto e um posposto, "Aquele interessante livro vermelho", foi a mais realizada e teve percentuais maiores a cada nível de inglês: 45,45% no básico; 72,72% no intermediário; e 81,81% no avançado, demonstrando maior uso do adjetivo anteposto em níveis mais elevados de LE nesse caso.

Na resposta com ambos os adjetivos pospostos, houve uma queda considerável nos níveis de resposta: nos níveis básico e avançado, a porcentagem foi cerca de 50% menor; no intermediário, a redução foi um pouco menor, mas ainda assim considerável, confirmando que a preferência dos bilíngues parece se concentrar mais na resposta com um adjetivo anteposto.

Destacamos que o único grupo que apresentou a resposta "Aquele livro interessante vermelho" foi o intermediário, assim como foi o grupo com maior porcentagem de resposta para "Interessante aquele livro vermelho", corroborando o que foi observado no sintagma anterior, que os participantes bilíngues intermediários parecem ousar mais, oferecendo mais possibilidades de resposta.

3. A invasão da França

Adjetivos: italiana

Resposta da tradutora: *The Italian invasion of France*

A italiana invasão da França

Tabela 5 – Sintagma 3 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
A invasão italiana da França	9 (90%)	40 (90,90%)
A invasão da França italiana	2 (20%)	4 (9,09%)
<u>A italiana invasão da França</u>	-	3 (6,81%)
Italiana a invasão da França	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 6 – Sintagma 3 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
A invasão italiana da França	9 (81,81%)	20 (90,90%)	11 (100%)
A invasão da França italiana	1 (9,09%)	3 (13,63%)	-
<u>A italiana invasão da França</u>	-	3 (13,63%)	-
Italiana a invasão da França	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, temos o adjetivo “italiana”, um adjetivo temático ou gentílico, ou seja, expressa nacionalidade/proveniência. Ele é classificado como absoluto (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) ou qualificativo (Brito; Lopes, 2016), já que é um adjetivo de nacionalidade, uma propriedade concreta de N (invasão). Segundo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), esse tipo de adjetivo não pode ser graduável, por isso seria agramatical a construção “*A invasão muito italiana da França”. Além disso, segundo as autoras, esse adjetivo só pode ser disposto na posição pós-nominal em línguas românicas, como o português, ou seja, não seria possível a construção “A italiana invasão da França”.

Menuzzi (1992) classifica esse adjetivo como referencial e também destaca que só aparece em posição pós-nominal. Ainda sobre a posição do adjetivo, Cinque (1994) afirma que, quando o AP temático expressa papel temático de argumento externo de N, a única ordem possível seria com o AP (italiana) entre N (invasão) e seu complemento (da França), ou seja, “A invasão italiana da França”.

Na Tabela 5, é possível perceber que a resposta predominante nos dois grupos foi “A invasão italiana da França”, com o adjetivo posposto, entre N e seu complemento, conforme defendem os autores mencionados. Nesse ponto, não

houve diferença entre monolíngues e bilíngues, pois ambos tiveram um índice muito semelhante nessa resposta.

Na segunda resposta com maior porcentagem, "A invasão da França italiana", os participantes seguiram as regras estabelecidas no início do teste, porém o sentido foi alterado, já que nesse caso o adjetivo está ligado a "França", e não a "invasão", como prevíamos. Com essa ordenação, podemos entender que a região da França que é italiana foi invadida. Apesar de o adjetivo ter sido ligado a outro nome nessa resposta, é possível notar o dobro de respostas dos monolíngues (20%) em relação aos bilíngues (9,09%), o que pode reforçar a preferência pela posição pós-nominal por parte dos monolíngues.

A terceira resposta segue exatamente a ordem dos elementos em inglês, "A italiana invasão da França". Conforme vimos, segundo os autores, essa ordem não é aceita em português. Além disso, apenas bilíngues realizaram essa resposta, o que nos leva a refletir sobre a influência do inglês, já que há uma clara preferência pela posição pré-nominal. Outra hipótese que poderia justificar essa resposta seria o conhecimento literário do participante, pois, como menciona Neves (2000), a posição pré-nominal é mais comum em textos literários em português. Boff (1991) também menciona que a anteposição de adjetivos com propriedades inerentes do nome seria um recurso literário com a finalidade de realce estético. Nesse caso, "A italiana invasão da França" poderia ter um teor literário para o participante.

A quarta resposta, "Italiana a invasão da França", foi mencionada por apenas um participante bilíngue. Apesar de escapar ao que foi proposto, essa resposta também pode reforçar a preferência dos bilíngues pela posição pré-nominal do adjetivo.

Na Tabela 6, percebe-se que a resposta com o adjetivo entre N e seu complemento tem porcentagem crescendo gradativamente conforme o nível de LE: 81,81% no básico; 90,90% no intermediário; e 100% no avançado. Nesse caso, é possível perceber que, quanto mais elevado o nível de proficiência, maior o uso do adjetivo em posição pós-nominal.

A segunda resposta, com o adjetivo ligado ao N "França", foi realizada somente entre os bilíngues de nível básico e intermediário, com maior índice no intermediário. A terceira resposta, com o adjetivo anteposto (assim como em inglês), foi realizada somente pelos bilíngues de nível intermediário. Os dados dessas duas respostas reforçam nossa observação de que os participantes de nível intermediário

em inglês parecem ousar mais em suas respostas, ligando o adjetivo a diferentes nomes (A invasão da França italiana) e usando o adjetivo inclusive na posição mais marcada em português (A italiana invasão da França).

A resposta com o adjetivo anteposto a toda a construção, "Italiana a invasão da França", foi respondida apenas por um bilíngue de nível básico, demonstrando preferência pela posição pré-nominal do adjetivo, mas escapando um pouco da proposta do sintagma.

4. O ataque à Alemanha

Adjetivos: brutal

Resposta da tradutora: *The brutal attack against Germany*

O brutal ataque à Alemanha

Tabela 7 – Sintagma 4 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
O ataque brutal à Alemanha	7 (70%)	33 (75%)
<u>O brutal ataque à Alemanha</u>	4 (40%)	19 (43,18%)
O ataque à Alemanha brutal	1 (10%)	4 (9,09%)
O ataque à brutal Alemanha	-	2 (4,54%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 8 – Sintagma 4 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
O ataque brutal à Alemanha	5 (45,45%)	21 (95,45%)	7 (63,63%)
<u>O brutal ataque à Alemanha</u>	5 (45,45%)	8 (36,36%)	6 (54,54%)
O ataque à Alemanha brutal	1 (9,09%)	3 (13,63%)	-
O ataque à brutal Alemanha	-	2 (9,09%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, temos o adjetivo “brutal”, classificado como avaliativo (Brito; Lopes, 2016) (Boff, 1991) ou não absoluto (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007), já que expressa uma propriedade subjetiva do nome. Segundo as autoras, ele pode ocupar tanto a posição pré-nominal quanto a pós-nominal.

Cinque (1994), porém, ressalta que as diferentes posições do adjetivo podem receber diferentes interpretações. De acordo com o autor, na posição pré-nominal, o sentido é orientado para o sujeito, por exemplo, em “O brutal ataque à Alemanha”, o ataque pode ter sido julgado como brutal, ainda que não tenha sido de fato. Na posição pós-nominal, a interpretação é de maneira, ou seja, em “O ataque brutal à Alemanha”, a interpretação é que o ataque foi realizado de maneira brutal.

Além disso, Cinque (1994) destaca que, quando o N é acompanhado de um complemento, o adjetivo pode aparecer antes (O brutal ataque à Alemanha) ou depois do nome (O ataque brutal à Alemanha), mas nunca após N + complemento (*O ataque à Alemanha brutal). Contudo, destacamos que, enquanto o autor tomava por base o adjetivo "brutal" modificando "ataque", alguns participantes apresentaram construções em que o adjetivo "brutal" modifica "Alemanha", conforme veremos nos dados a seguir.

A partir da Tabela 7, observamos que o sintagma com maior porcentagem de resposta nos dois grupos foi aquele com o adjetivo posposto, entre N e seu complemento, "O ataque brutal à Alemanha". Destacamos que, diferentemente do que se esperava, o maior índice foi registrado no grupo bilíngue. O próximo sintagma com o maior número de respostas foi com o adjetivo anteposto ao N, "O brutal ataque à Alemanha", tendo índices bem parecidos entre os dois grupos, mas com a porcentagem de bilíngues um pouco acima.

Nos outros dois sintagmas, foram registradas respostas com o adjetivo (brutal) ligado a outro nome, "Alemanha", e não a ataque, como era esperado. Tais construções seguiram as regras estabelecidas, porém, com o adjetivo ligado a outro nome, o sentido resultante é diferente: nesses casos, entende-se que ocorreu um ataque à Alemanha, que é brutal. Destacamos, contudo, que os índices foram baixos, se comparados aos dois primeiros sintagmas. Observamos que, nesse caso, a construção com o adjetivo posposto (O ataque à Alemanha brutal) foi realizada por ambos os grupos em índices bem próximos; por outro lado, a construção com o adjetivo anteposto (O ataque à brutal Alemanha) foi apresentada somente pelos bilíngues.

Na Tabela 8, o sintagma com o adjetivo posposto ao N tem altos índices de resposta, mas se destaca principalmente o índice no nível intermediário, que foi de 95,45%, ressaltando a hipótese de que os bilíngues de nível intermediário sejam mais flexíveis em suas respostas. No sintagma com o adjetivo anteposto, a porcentagem foi mais distribuída entre os três níveis: no nível básico, a porcentagem se manteve; no intermediário, caiu cerca de 60%; no avançado, a redução foi de apenas 10%.

Nos dois últimos sintagmas, em que o adjetivo foi ligado a "Alemanha", tivemos apenas uma resposta dos bilíngues de nível básico, enquanto foram identificadas 5 respostas dos de nível intermediário.

Nesse caso, percebemos uma grande variação de respostas, mas destacamos as diferenças bem significativas entre os índices de resposta dos bilíngues intermediários, bem como o fato de que esse foi o único grupo que apresentou quatro construções diferentes que seguiam as regras, corroborando a hipótese de ousarem mais em suas respostas. Além disso, eles foram os que mais identificaram diversas possibilidades, já que 36,36% mostrou mais de uma resposta possível, enquanto a porcentagem foi de apenas 18,18% nos níveis básico e avançado.

5. Três pratos

Adjetivos: franceses, ótimos, tradicionais

Resposta da tradutora: *Three great traditional French dishes*

Três ótimos tradicionais franceses pratos

Tabela 9 – Sintagma 5 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Três ótimos pratos franceses tradicionais	3 (30%)	16 (36,36%)
Três ótimos pratos tradicionais franceses	1 (10%)	18 (40,90%)
Três ótimos tradicionais pratos franceses	1 (10%)	6 (13,63%)
Três pratos tradicionais franceses ótimos	1 (10%)	5 (11,36%)
Ótimos três pratos tradicionais franceses	1 (10%)	1 (2,27%)
Três pratos franceses ótimos tradicionais	-	2 (4,54%)

Três tradicionais ótimos pratos franceses	-	2 (4,54%)
Três pratos ótimos tradicionais franceses	-	2 (4,54%)
Ótimos três pratos franceses tradicionais	-	2 (4,54%)
Ótimos três tradicionais pratos franceses	-	1 (2,27%)
Três tradicionais pratos franceses ótimos	-	1 (2,27%)
Três pratos franceses tradicionais ótimos	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 10 – Sintagma 5 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Três ótimos pratos franceses tradicionais	2 (18,18%)	9 (40,90%)	5 (45,45%)
Três ótimos pratos tradicionais franceses	1 (9,09%)	11 (50%)	6 (54,54%)
Três ótimos tradicionais pratos franceses	2 (18,18%)	4 (18,18%)	-
Três pratos tradicionais franceses ótimos	-	3 (13,63%)	2 (18,18%)
Ótimos três pratos tradicionais franceses	-	1 (4,54%)	-
Três pratos franceses ótimos tradicionais	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Três tradicionais ótimos pratos franceses	-	1 (4,54%)	1 (9,09%)
Três pratos ótimos tradicionais franceses	-	1 (4,54%)	1 (9,09%)
Ótimos três pratos franceses tradicionais	-	2 (9,09%)	-
Ótimos três tradicionais pratos franceses	-	1 (4,54%)	-
Três tradicionais pratos franceses ótimos	-	1 (4,54%)	-

Três pratos franceses tradicionais ótimos	-	1 (4,54%)	-
---	---	-----------	---

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, os participantes deveriam organizar três adjetivos em torno de "Três pratos". Diferentemente da proposta de Cinque (1994), para quem a ordem desses adjetivos deveria seguir uma ordenação rígida e obrigatória, as respostas corroboram a crítica de Cardoso (em elaboração), para quem, ainda que haja preferência na ordem dos adjetivos, existe liberdade de posicionamento dos modificadores. Além disso, as respostas também parecem demonstrar que não é verdadeira a defesa de Cinque (1994) de que N leva junto o AP mais próximo quando se move.

Devido ao maior número de adjetivos nessa questão, foi identificado um número maior de possibilidades de resposta, com diferentes ordenações.

Com base na Tabela 9, a resposta preferida dos monolíngues (30%) foi "Três ótimos pratos franceses tradicionais", com um adjetivo anteposto e o adjetivo temático mais próximo de N (conforme defende Cinque (1994)). As demais respostas dos monolíngues apresentaram índice de 10% cada, variando entre: 1 adjetivo anteposto, 2 adjetivos antepostos, todos os adjetivos pospostos e 1 adjetivo anteposto a toda a construção (inclusive ao numeral).

No caso dos bilíngues, a resposta preferida (40,90%) foi "Três ótimos pratos tradicionais franceses", com um adjetivo anteposto, mas com o adjetivo "franceses" mais distante de N, com índice bem distinto dos monolíngues (10%). A segunda resposta teve índice bem próximo (36,36%) da primeira, alterando apenas a ordem entre os adjetivos "franceses" e "tradicionais". A resposta seguinte apresenta dois adjetivos antepostos e, depois, todos os adjetivos pospostos. Os bilíngues ainda identificaram mais 7 opções de ordenação além das respondidas pelos monolíngues. Nesse caso, nenhuma resposta teve ordenação idêntica à ordem em inglês, uma vez que causaria estranheza.

Em relação à variedade de respostas, os bilíngues identificaram 12 possibilidades de ordenação que seguiram as regras estabelecidas, enquanto os monolíngues apresentaram apenas 5 possibilidades de ordenação. Por outro lado, 50% dos monolíngues mostraram mais de uma possibilidade de resposta em seu teste, enquanto no grupo bilíngue a porcentagem foi de apenas 27,27%.

Em relação aos níveis de proficiência, a resposta preferida do nível básico aproxima-se da preferida dos monolíngues (Três ótimos pratos franceses tradicionais), enquanto bilíngues de nível intermediário e avançado preferiram a construção "Três ótimos pratos tradicionais franceses". Mais uma vez, as respostas dos bilíngues de nível intermediário destacam-se, já que eles identificaram 5 possibilidades de respostas que não constavam nos demais níveis de proficiência. Além disso, enquanto apenas 18,18% dos bilíngues de nível básico e avançado apresentaram mais de uma possibilidade de ordenação, o índice de intermediários foi de 36,36%. Esses dados corroboram nossa hipótese de que os bilíngues de nível intermediário parecem ousar mais em suas respostas, identificando mais possibilidades de respostas.

6. Um vestido de festa

Adjetivos: belíssimo, vermelho

Resposta da tradutora: *A beautiful red party dress*

Um belíssimo vermelho de festa vestido

Tabela 11 – Sintagma 6 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Um belíssimo vestido de festa vermelho ⁶⁷	3 (30%)	26 (59,09%)
Um belíssimo vestido vermelho de festa	2 (20%)	14 (31,81%)
Um vestido de festa vermelho belíssimo	1 (10%)	7 (15,90%)
Um vestido vermelho de festa belíssimo	-	4 (9,09%)
Um vestido de festa belíssimo vermelho	-	4 (9,09%)
Um vestido vermelho belíssimo de festa	1 (10%)	1 (2,27%)
Um vestido belíssimo de festa vermelho	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

⁶⁷ Embora a diferença não chegue a representar o dobro, julgamos interessante destacar essa diferença, em que a resposta dos bilíngues é muito próxima do dobro da resposta dos monolíngues.

Tabela 12 – Sintagma 6 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Um belíssimo vestido de festa vermelho	4 (36,36%)	16 (72,72%)	6 (54,54%)
Um belíssimo vestido vermelho de festa	1 (9,09%)	8 (36,36%)	5 (45,45%)
Um vestido de festa vermelho belíssimo	1 (9,09%)	5 (22,72%)	1 (9,09%)
Um vestido vermelho de festa belíssimo	-	3 (13,63%)	1 (9,09%)
Um vestido de festa belíssimo vermelho	1 (9,09%)	3 (13,63%)	-
Um vestido vermelho belíssimo de festa	-	-	1 (9,09%)

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, temos um N (vestido) com complemento PP (de festa) e dois adjetivos: vermelho e belíssimo. O adjetivo "vermelho" é considerado não avaliativo (Boff, 1991), qualificativo (Brito; Lopes, 2016) e absoluto (Alexiagou, Haegeman; Stavrou, 2007), já que é um adjetivo de cor, que expressa uma propriedade objetiva/concreta do nome. O adjetivo "belíssimo" é considerado avaliativo (Boff, 1991) (Brito; Lopes, 2016) e não absoluto (Alexiagou, Haegeman; Stavrou, 2007), já que expressa uma propriedade subjetiva do nome. Prim (2017) classifica esse adjetivo como qualificativo, já que pode ocupar tanto a posição pré-nominal quanto a pós-nominal, além de aceitar o sufixo -íssimo.

Segundo Brito e Lopes (2016), enquanto os adjetivos qualificativos (como vermelho) só podem ocupar a posição pós-nominal em PB, os adjetivos avaliativos (como belíssimo) podem ocupar ambas as posições. Além disso, quando coocorrem, como é o caso desse sintagma, a ordem aceita seria qualificativo > avaliativo, ou

seja, vermelho > belíssimo ou com o adjetivo avaliativo anteposto, como em “Belíssimo vestido vermelho”.

Ainda em relação à ordenação, Sproat e Shih (1987, 1991), Scott (1998) e Cinque (1994) defendem que adjetivos mais aparentes ficam mais próximos do N do que adjetivos que denotam propriedades subjetivas; assim, "vermelho" ficaria sempre mais próximo de "vestido" do que "belíssimo". Cinque (1994) também defende que não são aceitos dois adjetivos entre N e seu complemento PP. Assim, não seriam permitidas ordenações como "Um vestido vermelho belíssimo de festa" ou "Um vestido belíssimo vermelho de festa".

Prim (2017) ainda afirma que, na posição pré-nominal, os adjetivos qualificativos (como belíssimo) têm apenas leitura específica, enquanto na posição pós-nominal podem ter tanto leitura específica quanto não-específica. Assim, em "Um vestido de festa vermelho belíssimo", pode se estar falando de um vestido específico ou de um vestido não-específico, mas muito belo. Por outro lado, em "Um belíssimo vestido de festa vermelho", a única interpretação possível é que se está falando de um vestido em específico. Vale ressaltar, porém, que essa é uma diferença de interpretação muito sutil, nos levando a considerar que provavelmente não interferiu nas respostas dos participantes.

A partir da Tabela 11, notamos que as duas respostas com maior índice dispuseram o adjetivo “belíssimo” em posição pré-nominal, enquanto nas demais respostas o adjetivo apareceu em posição pós-nominal, confirmando o que as autoras mencionaram sobre a possibilidade de variação na posição. O adjetivo “vermelho”, por outro lado, só apareceu em posição pós-nominal, também corroborando a teoria das autoras. Percebemos que esse adjetivo não foi disposto em posição pré-nominal por monolíngues nem por bilíngues; por mais que em inglês tal adjetivo apareça em posição pré-nominal, em PB essa ordenação causaria agramaticalidade, fazendo muito provavelmente com que os participantes evitassem tal construção.

A porcentagem de bilíngues (59,09%) que apresentou a resposta “Um belíssimo vestido de festa vermelho” foi o dobro da porcentagem de monolíngues (30%). Na segunda resposta, “Um belíssimo vestido vermelho de festa”, também houve uma diferença significativa: 20% dos monolíngues e 31,81% dos bilíngues. Esses dados evidenciam a preferência dos bilíngues pela posição pré-nominal do adjetivo; como mencionado, a anteposição do adjetivo “vermelho” causaria

agramaticalidade, mas a anteposição do adjetivo “belíssimo” apresentou altos níveis entre os bilíngues, principalmente quando comparados aos monolíngues.

A terceira resposta, “Um vestido de festa vermelho belíssimo”, seria a ordenação espelhada do sintagma em inglês, e teve maior índice de resposta no grupo dos bilíngues. O sintagma “Um vestido vermelho de festa belíssimo”, que segue a ordenação defendida por Cinque (com apenas um adjetivo entre N e PP), foi apresentada apenas pelo grupo bilíngue.

O sintagma “Um vestido de festa belíssimo vermelho” foi respondido apenas pelos bilíngues e “Um vestido belíssimo de festa vermelho”, apenas por monolíngues. Essas respostas contrariam o defendido pelos autores estudados, já que o adjetivo vermelho deveria estar mais próximo de N do que o adjetivo “belíssimo”. Outra resposta com menor índice foi “Um vestido vermelho belíssimo de festa”, que contraria a teoria de Cinque (1994) de que não poderia haver mais de um adjetivo entre N e seu complemento PP.

A partir dessas respostas, tanto com “vermelho” mais distante de N do que “belíssimo” quanto da construção com dois adjetivos entre N e PP, confirma-se a crítica de Cardoso (em elaboração) a respeito da ordenação rígida dos adjetivos defendida por Cinque (1994). Tais respostas não parecem causar estranheza ou agramaticalidade, permitindo que se compreenda da mesma forma o que se quer dizer, independentemente da ordem.

Na Tabela 12, percebemos uma elevada porcentagem de respostas do grupo intermediário (72,72%) para o sintagma “Um belíssimo vestido de festa vermelho”, seguido do avançado (54,54%) e do básico (36,36%). Na segunda resposta, “Um belíssimo vestido vermelho de festa”, há resposta de 45,45% do avançado, 36,36% do intermediário (metade da resposta anterior) e 9,09% do básico (bem menor que a porcentagem na resposta anterior). Fica evidente, a partir desta tabela, a preferência dos 3 níveis de bilíngues pela posição pré-nominal do adjetivo, principalmente nos níveis intermediário e avançado.

Além disso, destaca-se o elevado índice de resposta dos bilíngues de nível intermediário em praticamente todas as respostas, reforçando a hipótese de que sejam mais flexíveis, realizando tentativas com diversas ordenações. Também foi possível perceber que esses participantes apresentaram muito mais possibilidades de respostas que os demais: enquanto 9,09% dos de nível básico e 18,18% dos de

nível avançado apresentaram mais de uma resposta possível a essa questão, o índice foi de 40,90% dos participantes de nível intermediário.

7. Ataques permanentes à Inglaterra

Adjetivos: italianos

Resposta da tradutora: *The permanent Italian attacks against England*

Os permanentes italianos ataques à Inglaterra

Tabela 13 – Sintagma 7 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Ataques italianos permanentes à Inglaterra	9 (90%)	40 (90,90%)
Ataques permanentes italianos à Inglaterra	2 (20%)	3 (6,81%)
Permanentes ataques italianos à Inglaterra	-	4 (9,09%)
Ataques permanentes à Inglaterra italianos	1 (10%)	1 (2,27%)
Italianos ataques permanentes à Inglaterra	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 14 – Sintagma 7 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Ataques italianos permanentes à Inglaterra	10 (90,90%)	21 (95,45%)	9 (81,81%)
Ataques permanentes italianos à Inglaterra	-	2 (9,09%)	1 (9,09%)
Permanentes ataques italianos à Inglaterra	-	2 (9,09%)	2 (18,18%)
Ataques permanentes à Inglaterra italianos	1 (9,09%)	-	-
Italianos ataques permanentes à Inglaterra	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, temos N (ataques) com complemento PP (à Inglaterra) com os adjetivos “permanentes” e “italianos”. O adjetivo “permanente” é um AP de

maneira, nesse caso, indicando a maneira pela qual os ataques foram realizados. O adjetivo "italianos" é um adjetivo temático ou gentílico, é classificado como absoluto (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) ou qualificativo (Brito; Lopes, 2016), já que é um adjetivo de nacionalidade, uma propriedade concreta de N (ataques). Segundo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), esse tipo de adjetivo não pode ser graduável, por isso seria agramatical a construção “*Ataques muito italianos à Inglaterra”. Além disso, segundo as autoras, esse adjetivo só pode ser disposto na posição pós-nominal nas línguas românicas, como o português, ou seja, não seria possível a construção “Italianos ataques à Inglaterra”. Menezzi (1992) classifica esse adjetivo como referencial e também destaca que só aparece em posição pós-nominal.

Em relação à ordenação, a partir da proposta de ordem universal de Cinque (1994), supõe-se que o adjetivo temático (italianos) apareça em posição mais próxima de N do que o adjetivo de maneira (permanentes). Cinque (1994) defende que não seja possível mais de um adjetivo entre N e seu complemento PP. Além disso, não seria possível a coocorrência de AP temático e AP de maneira entre N e seu complemento PP, já que esses adjetivos parecem disputar a mesma posição na derivação, ou seja, seriam agramaticais construções como “Ataques permanentes italianos à Inglaterra” ou “Ataques italianos permanentes à Inglaterra”.

A partir da Tabela 13, fica evidente a elevada preferência dos dois grupos pela ordenação “Ataques italianos permanentes à Inglaterra”, em que se confirma a teoria de que o adjetivo temático aparece mais próximo de N que o adjetivo de maneira. Por outro lado, a elevada preferência por essa resposta levanta questões a respeito da defesa de Cinque de que esses dois adjetivos disputariam a mesma posição na derivação, impossibilitando-os de coocorrerem entre N e seu complemento PP. O alto número de respostas para essas ordenações também corrobora a crítica de Cardoso, para quem essa ordenação não causaria estranheza nem agramaticalidade, assim como o sintagma seguinte.

O segundo sintagma com maior número de respostas apenas alterou a ordem dos dois adjetivos entre eles para “Ataques permanentes italianos à Inglaterra”, caso excluído pela proposta de Cinque, em que o adjetivo temático ocupa posição mais distante de N. É importante destacar, porém, que a quantidade de respostas para esse sintagma foi significativamente menor que a primeira: queda de 70% no grupo monolíngue e de 84,09% no grupo bilíngue. Além disso, essa construção não foi

encontrada em nenhuma resposta de forma isolada, ou seja, ela só foi registrada com outras possibilidades de resposta, e sempre como segunda opção, demonstrando não ser a preferida de nenhum dos participantes.

Os sintagmas com um dos adjetivos antepostos foram apresentados apenas por participantes bilíngues, reforçando sua preferência pela posição pré-nominal: ainda que não tenha sido a opção mais respondida, esse grupo registrou tais respostas, enquanto o grupo monolíngue, não. A construção “Permanentemente ataques italianos à Inglaterra” não parece causar estranheza, apenas pode ter sua leitura alterada, conforme indicou Cinque, de um AP de maneira para um AP orientado para o sujeito. A construção “Italianos ataques permanentes à Inglaterra” vai em direção oposta ao defendido pelos autores de que o adjetivo temático ocuparia somente a posição pós-nominal. Apesar de essa resposta ter seguido todas as regras indicadas no início do teste, tal construção pode causar estranheza ou indicar uma familiaridade do participante com o universo literário, buscando uma resposta mais subjetiva, conforme menciona Boff (1991), segundo a qual essa anteposição ao nome seria um recurso literário com a finalidade de realce estético. Além disso, vale destacar que esse sintagma foi respondido por apenas um participante. A resposta “Ataques permanentes à Inglaterra italianos”, apesar de seguir todas as regras indicadas, causa certo grau de estranheza.

A partir da Tabela 14, nota-se a preferência da construção “Ataques italianos permanentes à Inglaterra” entre os três níveis de proficiência em inglês, com maior índice no nível intermediário. As demais respostas têm porcentagens bem inferiores, mas destacamos o elevado nível de resposta do nível avançado para o sintagma “Permanentemente ataques italianos à Inglaterra”, demonstrando forte preferência pela posição pré-nominal, se comparado aos demais níveis.

8. Uma agressão aos russos

Adjetivos: americana, estúpida

Resposta da tradutora: *A stupid American aggression against Russians*

Uma estúpida americana agressão aos russos

Tabela 15 – Sintagma 8 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma estúpida agressão americana aos russos	4 (40%)	32 (72,72%)
Uma agressão americana estúpida aos russos	3 (30%)	13 (29,54%)
Uma agressão estúpida americana aos russos	3 (30%)	-
Uma agressão aos russos americana estúpida	-	1 (2,27%)
Americana estúpida agressão aos russos	-	1 (2,27%)
Uma agressão aos russos estúpida americana	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 16 – Sintagma 8 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Uma estúpida agressão americana aos russos	3 (27,27%)	18 (81,81%)	11 (100%)
Uma agressão americana estúpida aos russos	4 (36,36%)	7 (31,81%)	2 (18,18%)
Uma agressão aos russos americana estúpida	1 (9,09%)	-	-
Americana estúpida agressão aos russos	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, o N (agressão) tem complemento PP (aos russos) e é acompanhado de dois adjetivos "americana" e "estúpida". O adjetivo "estúpida" é um AP orientado para o sujeito, nesse caso, indicando uma opinião do sujeito sobre a agressão aos russos. "Americana" é um adjetivo temático ou gentílico e apresenta propriedade concreta de N, por isso sendo classificado como absoluto (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) ou qualificativo (Brito; Lopes, 2016). Para as autoras, esse tipo de adjetivo só pode ocupar a posição pós-nominal em português, assim como defende Menuzzi (1992).

No que diz respeito à ordenação, Cinque (1994) defende que o adjetivo temático (americana) aparece em posição mais próxima de N do que o adjetivo orientado para o sujeito (estúpida). Além disso, o autor sustenta que não sejam possíveis construções com ambos os adjetivos entre N e seu complemento PP, ou seja, seriam agramaticais construções como "Uma agressão americana estúpida aos russos" e "Uma agressão estúpida americana aos russos".

A partir da Tabela 15, percebemos a preferência de ambos os grupos pela anteposição de um dos adjetivos na construção "Uma estúpida agressão americana aos russos". Apesar de ser a preferida dos dois grupos, o índice de respostas dos bilíngues (72,72%) é praticamente o dobro do índice dos monolíngues (40%), reforçando sua preferência pela posição pré-nominal. Como a anteposição do adjetivo "americana" causaria estranheza ou agramaticalidade, eles demonstraram a preferência antepondo ao menos um dos adjetivos.

Apenas 29,54% dos bilíngues responderam um sintagma com ambos os adjetivos pospostos, entre N e seu complemento (Uma agressão americana estúpida aos russos). Com essa resposta, seguiram a proposta de Cinque de que o adjetivo temático fica mais próximo de N, mas contrapuseram a proposta de que os dois adjetivos não poderiam ficar entre N e seu complemento PP, corroborando a crítica de Cardoso (em elaboração). Ressaltamos que essa resposta teve um índice bem menor (queda de 43,18%), reforçando a preferência da posição pré-nominal para o adjetivo "estúpida".

Os monolíngues, por outro lado, tiveram índices mais elevados de resposta para os sintagmas com ambos os adjetivos pospostos. Enquanto 40% apresentou a construção "Uma estúpida agressão americana aos russos", 30% responderam "Uma agressão americana estúpida aos russos" e 30%, "Uma agressão estúpida americana aos russos" (essa última não obteve respostas por parte dos bilíngues).

Assim, o total de respostas dos monolíngues com ambos os adjetivos pospostos foi, na realidade, de 60%, ao analisarmos as duas respostas com essa construção. A partir disso, é reforçada a preferência dos monolíngues pela posição pós-nominal do adjetivo.

As demais respostas foram realizadas apenas por monolíngues e bilíngues de nível básico. Apesar de seguirem as regras indicadas no início do teste, parecem fugir da proposta, realizando construções que causam estranheza. Além disso, esses sintagmas tiveram índice de resposta bem inferior, se comparados aos três primeiros.

Ainda destacamos que, ao contrário do que vimos até aqui, nesta questão, os monolíngues identificaram mais possibilidades de resposta que os bilíngues. Enquanto 40% dos monolíngues apresentou mais de uma resposta possível, apenas 25% dos bilíngues fez isso.

Em relação aos níveis de proficiência de inglês, a partir da Tabela 16, notamos que a construção com um dos adjetivos antepostos “Uma estúpida agressão americana aos russos” teve porcentagem de respostas crescendo conforme o nível de proficiência: 27,27% no básico; 81,81% no intermediário; e 100% no avançado.

Por outro lado, a construção com ambos os adjetivos pospostos “Uma agressão americana aos russos” teve resultado contrário: 36,36% no nível básico; 31,81% no intermediário; e 18,18% no avançado. A diferença do índice no nível básico entre a resposta com um adjetivo anteposto e a com dois adjetivos pospostos foi sutil (9,09%). Já no caso dos níveis intermediário e avançado, a diferença foi mais significativa: 50% no nível intermediário e 81,82% no nível avançado. Isso nos leva a refletir que os bilíngues de nível básico se mostraram mais “divididos” entre as duas possibilidades de construção, enquanto os de nível intermediário e avançado demonstraram mais convicção da preferência pela posição pré-nominal. As demais respostas, conforme mencionamos anteriormente, seguem as regras, mas causam estranheza ao leitor. Ressaltamos, apenas, que elas foram respondidas apenas pelos bilíngues de nível básico, mas em índices bem inferiores.

9. A invasão da Ucrânia

Adjetivos: grande, italiana, única

Resposta da tradutora: *The only major Italian invasion of Ukraine*

A única grande italiana invasão da Ucrânia

Tabela 17 – Sintagma 9 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
A única grande invasão italiana da Ucrânia	4 (40%)	29 (65,90%)
A única invasão italiana da grande Ucrânia	-	5 (11,36%)
A grande invasão única italiana da Ucrânia	-	1 (2,27%)
A grande única invasão italiana da Ucrânia	-	1 (2,27%)
A única grande invasão da Ucrânia italiana	1 (10%)	-
A invasão da Ucrânia única grande italiana	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 18 – Sintagma 9 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
A única grande invasão italiana da Ucrânia	4 (36,36%)	18 (81,81%)	7 (63,63%)
A única invasão italiana da grande Ucrânia	-	1 (4,54%)	4 (36,36%)
A grande invasão única	1 (9,09%)	-	-

italiana da Ucrânia			
A grande única invasão italiana da Ucrânia	-	1 (4,54%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, temos N (invasão) com complemento PP (da Ucrânia) e três adjetivos: grande, italiana e única. Conforme já mencionado, o adjetivo "italiana" é um adjetivo gentílico, absoluto (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007), qualificativo (Brito; Lopes, 2016) e referencial (Menuzzi, 1992). Esse adjetivo só pode aparecer em posição pós-nominal em português e, segundo Cinque (1994), aparece mais próximo de N que outros adjetivos.

O adjetivo "grande" é qualificativo, segundo Brito e Lopes (2016), já que expressa tamanho. Porém, tem interpretação diferente a depender da posição que ocupa: na posição pós-nominal, tem interpretação denotativa (invasão grande); na posição pré-nominal, tem interpretação conotativa (grande invasão).

O termo "única", também de acordo com Brito e Lopes (2016), não muda apenas sua interpretação, mas também sua classe quando tem sua posição alterada: na posição pré-nominal, atua como quantificador (a única invasão); na pós-nominal, atua como adjetivo qualificativo (a invasão única).

Em relação à posição dos termos, Cinque (1994) defende que o N (invasão) que alça sobre o sujeito aberto (italiana) pode ser separado de D por outros elementos (única e grande), ou seja, seria aceita a ordem "A única grande invasão italiana da Ucrânia". Isso impediria a continuidade do movimento de N para D, o que impossibilitaria construções como "A invasão única grande italiana da Ucrânia".

A partir da Tabela 17, notamos que ambos os grupos preferiram a ordem defendida por Cinque (1994), ou seja, "A única grande invasão italiana da Ucrânia", em que "única" aparece como quantificador, "grande" no sentido conotativo e "italiana" na posição pós-nominal, conforme defendido por todos os autores. É possível observar também que a porcentagem de bilíngues foi 25,90% maior que a de monolíngues, o que pode ser evidenciado pelo fato de que essa é a ordem que mais se aproxima da resposta em inglês, em que a única diferença seria a posição do adjetivo "italiana", que, na posição pré-nominal em PB, causaria estranheza ou agramaticalidade.

Nos demais sintagmas, tivemos respostas exclusivamente de um dos grupos. No caso dos bilíngues, 11,36% responderam “A única invasão italiana da grande Ucrânia”, em que as regras foram seguidas, porém o sentido foi alterado, já que o adjetivo “grande” passou a se ligar a “Ucrânia”, e não mais a “invasão”. Ainda assim, o adjetivo foi usado na posição pré-nominal em relação ao N “Ucrânia”. Os bilíngues também apresentaram mais duas respostas que, apesar de seguirem as regras, causam um certo nível de estranheza. É importante ressaltar, porém, que essas duas tiveram baixo índice de resposta.

No caso dos monolíngues, 10% responderam “A única grande invasão da Ucrânia italiana”, que, apesar de seguir as regras, desencadeou um novo sentido ao sintagma ao relacionar o adjetivo “italiana” ao N “Ucrânia”, nesse caso, em posição pós-nominal. A outra resposta também seguiu as regras propostas no início do teste, porém causa um certo nível de estranheza.

Nessa questão, os monolíngues também apresentaram mais possibilidades de resposta que os bilíngues: foram 20% dos monolíngues e 11,36% dos bilíngues que identificaram mais de uma resposta possível ao sintagma.

Em relação aos níveis de proficiência, a Tabela 18 nos mostra que a resposta com maior índice, “A única grande invasão italiana”, teve maior taxa de resposta por parte dos bilíngues de nível intermediário (81,81%), seguido do avançado (63,63%) e do básico (36,36%). Conforme mencionamos, essa ordem assemelha-se muito à ordem em inglês, excetuando-se apenas a posição do adjetivo “italiana”.

Destaca-se também a resposta “A única invasão italiana da grande Ucrânia”, que teve maior índice no nível avançado, nos levando a refletir sobre a preferência pela posição pré-nominal do adjetivo nesse nível bilíngue, mesmo quando o sintagma muda de sentido. O nível intermediário também se destaca, mais uma vez, ao oferecer mais possibilidades válidas de resposta que os demais níveis.

10. Um cachorro

Adjetivos: enorme, preto

Resposta da tradutora: *A huge black dog*

Um enorme preto cachorro

Tabela 19 – Sintagma 10 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Um enorme cachorro preto	7 (70%)	37 (84,09%)
Um cachorro preto enorme	3 (30%)	14 (31,81%)
Um cachorro enorme preto	1 (10%)	3 (6,81%)
Preto um enorme cachorro	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 20 – Sintagma 10 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Um enorme cachorro preto	7 (63,63%)	21 (95,45%)	9 (81,81%)
Um cachorro preto enorme	-	10 (45,45%)	4 (36,36%)
Um cachorro enorme preto	1 (9,09%)	1 (4,54%)	1 (9,09%)

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, o N “cachorro” é acompanhado do adjetivo de cor “preto” e do adjetivo de tamanho “enorme”. Ambos são adjetivos não avaliativos (Boff, 1991), absolutos (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) e qualificativos (Brito; Lopes, 2016), já que expressam propriedades concretas/objetivas de N.

De acordo com a proposta da ordem universal de Cinque (1994), a ordenação desses adjetivos seria cor > tamanho, ou seja, "Um cachorro preto enorme". Contudo, a partir das respostas, notamos diferentes ordenações, demonstrando que a ordem proposta por Cinque não é a única válida, o que corrobora a crítica de Cardoso (em elaboração).

A partir da Tabela 19, percebemos que a resposta preferida de ambos os grupos foi “Um enorme cachorro preto”, com apenas um dos adjetivos anteposto. Apesar disso, é possível notar que os bilíngues tiveram uma porcentagem significativamente maior para esse sintagma, totalizando 14,09% a mais em relação aos monolíngues, demonstrando sua preferência pela posição pré-nominal. Como a

anteposição do adjetivo “preto” causaria estranheza ou agramaticalidade, foi anteposto apenas o adjetivo que manteria a gramaticalidade da construção.

A segunda estrutura com o maior número de respostas foi “Um cachorro preto enorme”, seguindo a ordem defendida por Cinque (1994) e representando a ordem espelhada do inglês, considerando que línguas com o adjetivo posposto ao nome são o espelho de línguas que têm o adjetivo anteposto, conforme o mesmo autor. Esse sintagma teve índice de resposta muito semelhante entre os dois grupos, porém destaca-se que a “queda” da porcentagem da primeira para a segunda resposta foi muito maior no grupo bilíngue, com preferência mais significativa pela posição pré-nominal.

A outra resposta apresentada pelos participantes, “Um cachorro enorme preto”, não segue a ordem proposta por Cinque (1994), corroborando a defesa de Cardoso (em fase de elaboração), para quem outras ordens podem ser aceitas além da ordem universal defendida por Cinque. Nesse caso, temos os dois adjetivos pospostos, apenas alterando a ordem entre eles. A porcentagem de respostas foi significativamente menor se comparada às demais.

Por fim, apenas 10% dos monolíngues responderam a construção “Preto um enorme cachorro” que, apesar de seguir as regras do início do teste, causa certo nível de estranheza ou pode ser interpretado de maneira diferente, como se o nome do cachorro fosse “Preto”, apesar da falta da vírgula. Em relação à quantidade de respostas, monolíngues e bilíngues tiveram resultados muito parecidos: cerca de 30% de cada grupo apresentou mais de uma resposta possível para o sintagma.

Em relação aos níveis de proficiência, na Tabela 20, observamos que a construção com o adjetivo “enorme” anteposto teve altíssimo índice de resposta no grupo intermediário (95,45%), seguido do avançado (81,81%) e do básico (63,63%). A construção “Um cachorro preto enorme”, a ordem espelhada do inglês, teve queda de mais de 50% em relação à primeira resposta tanto no nível intermediário quanto no avançado, enquanto o básico não apresentou essa resposta. O sintagma “Um cachorro enorme preto” teve porcentagem bem menor, e foi respondido principalmente por bilíngues dos níveis básico e avançado.

Em relação à quantidade de respostas apresentadas, os bilíngues de nível intermediário destacaram-se: enquanto apenas 9,09% dos de nível básico e 18,18% do avançado apresentaram mais de uma resposta possível para esse sintagma, 45,45% dos de nível intermediário apresentaram mais de uma resposta possível.

Esse dado corrobora a hipótese que temos levantado a partir das análises de que os bilíngues desse nível parecem ser mais flexíveis e ousar mais em suas respostas.

11. Uma mesa

Adjetivos: chinesa, redonda

Resposta da tradutora: *A round Chinese table*

Uma redonda chinesa mesa

Tabela 21 – Sintagma 11 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma mesa chinesa redonda	6 (60%)	19 (43,18%)
Uma mesa redonda chinesa	4 (40%)	14 (31,81%)
Uma redonda mesa chinesa	3 (30%)	15 (34,09%)
Uma chinesa mesa redonda	-	1 (2,27%)
Redonda uma mesa chinesa	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 22 – Sintagma 11 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Uma mesa chinesa redonda	1 (9,09%)	12 (54,54%)	6 (54,54%)
Uma mesa redonda chinesa	2 (18,18%)	9 (40,90%)	3 (27,27%)
Uma redonda mesa chinesa	4 (36,36%)	8 (36,36%)	3 (27,27%)
Uma chinesa mesa redonda	-	1 (4,54%)	-
Redonda uma mesa chinesa	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Nesta questão, temos um N (mesa) acompanhado de um adjetivo temático, também chamado de proveniência ou nacionalidade, “chinesa”, e um adjetivo de forma, “redonda”. Assim como no sintagma anterior, neste também ambos são adjetivos não avaliativos (Boff, 1991), absolutos (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) e qualificativos (Brito; Lopes, 2016), já que expressam propriedades concretas/objetivas de N. Além disso, segundo Menuzzi, o adjetivo “chinesa” é referencial.

De acordo com a ordem universal de Cinque (1994), o adjetivo de nacionalidade deve ficar mais próximo de N do que o adjetivo de forma, ou seja, a ordem seria “Uma mesa chinesa redonda”. Além disso, vale destacar que, de acordo com Menuzzi (1992) e Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), o adjetivo “chinesa” só aparece em posição pós-nominal, ou seja, não seria possível a construção “Uma chinesa mesa redonda”.

A partir da Tabela 21, percebemos que a ordem preferida de ambos os grupos foi a mesma defendida pelos autores, ou seja, “Uma mesa chinesa redonda”. Destaca-se o fato de que a porcentagem de resposta dos monolíngues foi 16,82% maior que a dos bilíngues, evidenciando a preferência pela posição pós-nominal. Essa preferência também fica evidente na segunda resposta, “Uma mesa redonda chinesa”, que representou 8,19% a mais das respostas monolíngues em comparação aos bilíngues. Destacamos que essa ordenação vai em direção oposta ao defendido por Cinque (1994), corroborando a crítica de Cardoso (em elaboração), para quem há outras ordenações possíveis além da estabelecida pelo autor.

Por outro lado, as respostas com adjetivo pré-nominal tiveram maior índice no grupo bilíngue. O sintagma “Uma redonda mesa chinesa” teve 4,09% de respostas a mais no grupo bilíngue. Apesar de ser uma diferença pequena, em contraste com as respostas anteriores a essa questão, destaca a preferência do bilíngue pela anteposição do adjetivo. De acordo com Boff (1991), o adjetivo “redonda” não poderia ocupar a posição pré-nominal, já que somente adjetivos avaliativos podem ser antepostos, e esse não é o caso do adjetivo em questão, ou seja, não é possível considerar uma mesa redonda (ou ela é, ou não é redonda).

As duas últimas respostas foram apresentadas apenas por bilíngues, sendo uma delas “Uma chinesa mesa redonda”. Essa resposta vai em direção oposta ao defendido pelos autores, para quem o adjetivo “chinesa” só poderia ocupar a posição pós-nominal. A última resposta, apesar de seguir as regras definidas no

início do teste, causa um certo nível de estranheza ao leitor. Destacamos que essas duas últimas tiveram índice de resposta bem abaixo das demais.

Em relação à apresentação de mais de uma resposta, tivemos uma diferença bem expressiva. Enquanto apenas 22,72% dos bilíngues apresentaram mais de uma resposta possível, no grupo dos monolíngues a porcentagem foi de 40%, ou seja, quase metade dos monolíngues apresentaram mais de uma resposta possível.

Em relação à Tabela 22, notamos que a resposta “Uma mesa chinesa redonda”, que representa a ordem espelhada do inglês, teve suas maiores porcentagens entre bilíngues de nível intermediário e avançado. Já na resposta “Uma mesa redonda chinesa”, também com os dois adjetivos pospostos, o nível intermediário teve maior índice (40,90%), seguido do avançado (27,27%) e do básico (18,18%).

O sintagma “Uma redonda mesa chinesa” foi respondido na mesma porcentagem por bilíngues de nível básico e intermediário. Já “Uma chinesa mesa redonda” só foi apresentado pelo nível intermediário e “Redonda uma mesa chinesa”, apenas pelo nível básico. Repare que, ao passar das respostas com ambos os adjetivos pospostos para as respostas com um adjetivo anteposto, a porcentagem de bilíngues de nível básico aumenta (9,09% > 18,18% > 36,36%), enquanto cai a dos de nível intermediário (54,54% > 40,90% > 36,36%) e mais bruscamente de nível avançado (54,54% > 27,27% > 27,27%).

Também chama a atenção, mais uma vez, o nível intermediário: 31,81% deles apresentaram mais de uma resposta possível para este sintagma, enquanto a porcentagem foi de 18,18% no básico e 9,09% no avançado.

12. Uma porta

Adjetivos: retangular, marrom

Resposta da tradutora: *A rectangular brown door*

Uma retangular marrom porta

Tabela 23 – Sintagma 12 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma porta marrom retangular	6 (60%)	21 (47,72%)
Uma porta retangular marrom	4 (40%)	20 (45,45%)
Uma retangular porta marrom	2 (20%)	13 (29,54%)
Retangular uma porta marrom	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 24 – Sintagma 12 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Uma porta marrom retangular	1 (9,09%)	12 (54,54%)	8 (72,72%)
Uma porta retangular marrom	3 (27,27%)	12 (54,54%)	5 (45,45%)
Uma retangular porta marrom	3 (27,27%)	8 (36,36%)	2 (18,18%)
Retangular uma porta marrom	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Neste sintagma, temos um N (porta) com um adjetivo de cor “marrom” e um adjetivo de forma “retangular”. Ambos são adjetivos não avaliativos (Boff, 1991), absolutos (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007) e qualificativos (Brito; Lopes, 2016), já que expressam propriedades concretas/objetivas de N. De acordo com a ordem universal de Cinque (1994), a ordem aceita seria cor > forma, ou seja, “Uma porta marrom retangular”.

A partir da Tabela 23, percebemos que a resposta preferida de ambos os grupos foi “Uma porta marrom retangular”, seguindo a ordem proposta por Cinque e sendo a forma espelhada da ordem em inglês. Porém, a porcentagem no grupo monolíngue foi 12,28% maior em relação ao bilíngue.

A segunda resposta segue com os dois adjetivos pospostos, porém com ordem alterada entre eles. Nesse caso, a porcentagem de bilíngues foi 5,45% maior.

Destaca-se o fato de que a porcentagem de monolíngues cai 20% da resposta com a ordem “marrom > retangular” para a “retangular > marrom”; por outro lado, a porcentagem dos bilíngues entre essas mesmas respostas cai apenas 2,27%, mostrando que esses últimos apresentaram respostas mais divididas/diversificadas que os monolíngues.

A resposta “Uma retangular porta marrom”, com um dos adjetivos anteposto, teve maior índice no grupo bilíngue (29,54%) em relação ao monolíngue (20%), evidenciando a preferência pela posição pré-nominal ao comparar os dois grupos. Para Neves (2000 *apud* Santana, 2020, p. 54), essa construção seria agramatical em PB, assim como para Boff (1991), já que o adjetivo “retangular” não pode ocupar a posição pré-nominal devido à sua classificação como não avaliativo (não podemos considerar a porta retangular). Já a última resposta, “Retangular uma porta marrom”, com o adjetivo anteposto a toda a construção, só foi apresentada por um bilíngue e, apesar de seguir as regras, causa um certo nível de estranheza.

Ambos os grupos tiveram porcentagens muito próximas em relação a apresentar mais de uma resposta possível, cerca de 30% cada grupo.

Em relação aos níveis de bilíngue, a Tabela 24 nos mostra que, na resposta “Uma porta marrom retangular”, a porcentagem aumenta juntamente com o nível: básico 9,09%; intermediário 54,54%; avançado 72,72%. Já as respostas seguintes, “Uma porta retangular marrom” e “Uma retangular porta marrom”, tiveram maior porcentagem no grupo intermediário.

Além disso, 31,81% dos bilíngues de nível intermediário apresentaram mais de uma resposta possível para este sintagma, enquanto a porcentagem foi de 18,18% nos níveis básico e avançado. Observaremos com mais detalhes ao final das análises a hipótese de que o nível intermediário seja mais flexível e ousado nas respostas ao teste.

13. Um ladrão

Adjetivos: suposto

Resposta da tradutora: *An apparent thief*

Um suposto ladrão

Tabela 25 – Sintagma 13 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
<u>Um suposto ladrão</u>	10 (100%)	43 (97,72%)
Um ladrão suposto	1 (10%)	2 (4,54%)
Suposto um ladrão	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 26 – Sintagma 13 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
<u>Um suposto ladrão</u>	10 (90,90%)	22 (100%)	11 (100%)
Um ladrão suposto	-	1 (4,54%)	1 (9,09%)

Fonte: Elaboração própria.

Nesta questão, temos o N (ladrão) acompanhado do adjetivo "suposto". Esse adjetivo é classificado como intensional ou não intersectivo por Menuzzi (1992) e Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007). Esse tipo de adjetivo não leva em conta somente a extensão do nome, ele modifica o sentido ou a intensão do nome, propriedades internas ao nome. Segundo os autores, só pode aparecer em posição pré-nominal.

A partir da Tabela 25, observamos que, como previsto pelos autores, a resposta preferida por ambos os grupos foi "Um suposto ladrão". 100% dos monolíngues apresentaram essa resposta, enquanto o índice de bilíngues foi de 97,72%. Essa resposta não só comprova a proposta dos autores, mas também segue a mesma ordem dos elementos em inglês, conforme pode ser observado na resposta da tradutora.

Além dessa resposta, outras duas foram identificadas. "Um ladrão suposto" vai em direção oposta ao defendido pelos autores, porém teve uma porcentagem bem baixa de respostas: 10% dos monolíngues e 4,54% dos bilíngues. Segundo Borges Neto (1980 *apud* Castilho, 2010), enquanto o adjetivo "suposto" na posição pré-nominal tem um efeito negativo, ou seja, um suposto ladrão é alguém que não é um ladrão, esse mesmo adjetivo em posição pós-nominal tem outro significado, isto

é, “um ladrão suposto” pressupõe que haja um ladrão. Por fim, também foi apresentada a resposta “Suposto um ladrão” por apenas um monolíngue. Importante destacar que essa resposta foi dada após outras duas respostas do participante, não representando a ordenação preferida dele.

Em relação aos níveis de proficiência, a partir da Tabela 26, percebemos que 100% dos bilíngues de nível intermediário e avançado responderam “Um suposto ladrão”, ao passo que a porcentagem no nível básico foi de 90,90%. Já a resposta “Um ladrão suposto” foi respondida por 4,54% do nível intermediário e 9,09% do nível avançado.

14. Um engenheiro

Adjetivos: brasileiro, civil, mero

Resposta da tradutora: *A mere Brazilian civil engineer*

Um mero brasileiro civil engenheiro

Tabela 27 – Sintagma 14 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Um mero engenheiro civil brasileiro	6 (60%)	37 (84,09%)
Um mero brasileiro engenheiro civil	1 (10%)	7 (15,90%)
Um brasileiro mero engenheiro civil	1 (10%)	1 (2,27%)
Um civil mero engenheiro brasileiro	1 (10%)	-
Um mero civil brasileiro engenheiro	-	1 (2,27%)
Um engenheiro brasileiro mero civil	1 (10%)	-
Um engenheiro brasileiro civil mero	-	1 (2,27%)
Um engenheiro civil brasileiro mero	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 28 – Sintagma 14 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Um mero engenheiro civil brasileiro	7 (63,63%)	21 (95,45%)	9 (81,81%)
Um mero brasileiro engenheiro civil	-	4 (18,18%)	3 (27,27%)

Um brasileiro mero engenheiro civil	-	-	1 (9,09%)
Um mero civil brasileiro engenheiro	-	1 (4,54%)	-
Um engenheiro brasileiro civil mero	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Nesta questão, temos o N "engenheiro" e três adjetivos: brasileiro, civil e mero. O adjetivo "brasileiro" é de nacionalidade, classificado como absoluto (Alexiadou; Haegeman; Stavrou, 2007), qualificativo (Brito; Lopes, 2016) ou referencial (Menuzzi, 1992) e, segundo esses autores, só pode ocupar a posição pós-nominal.

O adjetivo "civil" é classificativo, segundo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), uma vez que subclassifica ou categoriza o nome, nesse caso, "engenheiro". Também só pode ocupar a posição pós-nominal. O adjetivo "mero" é intensional, modificando o sentido ou a intensão do nome, propriedades internas ao nome, e só pode ocupar a posição pré-nominal.

Em relação à ordenação, a ordem defendida por Cinque (2010) seria "modificação direta > N > modificação direta > modificação indireta", ou seja, "Um mero engenheiro civil brasileiro". Adjetivos de modificação direta envolvem a fusão de diferentes classes de APs nos especificadores de vários núcleos funcionais dedicados da projeção estendida do NP; eles são ordenados rigidamente e não ocorrem em posição predicativa. Os adjetivos de modificação indireta estão relacionados à oração relativa reduzida, não seguem uma ordem rígida e podem ocorrer em posição predicativa. Segundo o autor, os adjetivos de modificação direta ficariam sempre mais próximos de N que os de modificação indireta, por isso, não seriam possíveis construções como "Um mero engenheiro brasileiro civil".

A partir da Tabela 27, notamos que a resposta preferida de ambos os grupos foi a prevista pelas autoras, ou seja, "Um mero engenheiro civil brasileiro". Apesar da preferência de ambos os grupos, a porcentagem de bilíngues foi 24,09% maior nessa resposta.

As outras construções tiveram porcentagens bem menores e fica evidente que, na maioria delas, o sentido foi alterado. Em "Um mero brasileiro engenheiro

civil”, o N do sintagma passa a ser “brasileiro” e “mero” modifica esse N, resultando no sentido “Um mero brasileiro que é engenheiro civil”. Em “Um brasileiro mero engenheiro civil”, o N também é “brasileiro” e o adjetivo “mero” modifica “engenheiro civil”. Em “Um civil mero engenheiro brasileiro”, o N do sintagma passa a ser “civil” e o adjetivo “mero” modifica “engenheiro brasileiro”. Em “Um engenheiro brasileiro mero civil”, temos o N “engenheiro” modificado pelo adjetivo “brasileiro” e o N “civil” modificado pelo adjetivo “mero”. Assim, apesar de se supor, num primeiro momento, que os participantes infringiram as ordenações previstas pelas autoras, notamos que os elementos só mudaram de posição porque os participantes alteraram a classe das palavras, atribuindo outros sentidos ao sintagma.

Por fim, destacamos que as demais respostas, apesar de seguirem as regras do início do teste, causam certo nível de estranheza. Em relação a apresentar mais de uma resposta possível, 30% dos monolíngues registraram mais de uma resposta; por outro lado, a porcentagem de bilíngues foi de 18,18%.

Em relação aos níveis de proficiência, a Tabela 28 nos mostra que a resposta “Um mero engenheiro civil brasileiro” teve maior porcentagem no nível intermediário (95,45%), seguido do avançado (81,81%) e do básico (63,63%). As demais respostas tiveram baixos índices de resposta e foi registrada maior quantidade de variações de respostas entre os níveis intermediário e avançado.

15. Uma produção

Adjetivos: intensa, pesqueira

Resposta da tradutora: *An intense fishing production*

Uma intensa pesqueira produção

Tabela 29 – Sintagma 15 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma intensa produção pesqueira	7 (70%)	36 (81,81%)
Uma produção pesqueira intensa	5 (50%)	15 (34,09%)
Uma produção intensa pesqueira	-	2 (4,54%)
Intensa uma produção pesqueira	1 (10%)	-

Intensa pesqueira uma produção	-	1 (2,27%)
--------------------------------	---	-----------

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 30 – Sintagma 15 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Uma intensa produção pesqueira	7 (63,63%)	18 (81,81%)	11(100%)
Uma produção pesqueira intensa	1 (9,09%)	12 (54,54%)	2 (18,18%)
Uma produção intensa pesqueira	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Intensa pesqueira uma produção	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Este sintagma, extraído de Brito e Lopes (2016), é formado por um N “produção” e pelos adjetivos relacional “pesqueira” e qualificativo “intensa”, assim classificados por tais autoras. Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007) também classificam o adjetivo “pesqueira” como relacional (um tipo de adjetivo absoluto). Segundo as autoras, esses adjetivos derivam de substantivos (nesse caso, de pesca) e relacionam o domínio do substantivo e o domínio do adjetivo. A relação entre N e adjetivo relacional é tão próxima que a união de ambos pode resultar em uma expressão com sentido unitário. Por isso, não é possível separar nome e adjetivo relacional, como em "Uma produção intensa pesqueira".

Ainda em relação à ordenação, Brito e Lopes (2016) defendem que as ordens possíveis desses tipos de adjetivos seriam “nome > adjetivo relacional > adjetivo qualificativo”, como em “Uma produção pesqueira intensa” ou “adjetivo qualificativo > nome > adjetivo relacional”, como em “Uma intensa produção pesqueira”.

A partir da Tabela 29, percebemos a elevada preferência de ambos os grupos pela ordem “Uma intensa produção pesqueira”, mas o índice no grupo bilíngue é ainda maior que no grupo monolíngue. A segunda resposta, que também vai ao encontro da ordem defendida pelas autoras, “Uma produção pesqueira intensa”, teve mais respostas no grupo monolíngue. Essas duas construções evidenciam a preferência bilíngue pela posição pré-nominal, ainda que só um dos adjetivos tenha

sido anteposto (a anteposição de ambos poderia tornar o sintagma agramatical), e a preferência monolíngue pela posição pós-nominal.

Foram identificadas respostas que fugiram da ordem proposta pelas autoras e que, mesmo seguindo as regras, resultaram em respostas que causam estranheza ao leitor. Contudo, essas construções tiveram baixo índice de resposta. A porcentagem de monolíngues e bilíngues que apresentaram mais de uma possibilidade de resposta foi muito próxima, cerca de 30%.

Em relação à Tabela 30, notamos que a ordenação com um dos adjetivos anteposto teve 100% das respostas dos bilíngues de nível avançado, seguido do intermediário (81,81%) e do básico (63,63%). Já o sintagma com ambos os adjetivos pospostos teve um grau de resposta muito maior no nível intermediário (54,54%), enquanto foi de apenas 18,18% no avançado e 9,09% no básico. As demais respostas tiveram baixas porcentagens e foram apresentadas principalmente pelo nível básico.

No que tange a mais de uma possibilidade de resposta, 36,36% dos bilíngues de nível intermediário apresentaram mais de uma resposta possível, enquanto a porcentagem foi de apenas 18,18% nos níveis básico e avançado.

16. Sou autor de artigos

Adjetivos: acadêmicos, diversos

Resposta da tradutora: *I am an author of several academic articles*

Eu sou um autor de diversos acadêmicos artigos

Tabela 31 – Sintagma 16 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Sou autor de diversos artigos acadêmicos	7 (70%)	41 (93,18%)
Sou autor de artigos acadêmicos diversos	4 (40%)	13 (29,54%)
Sou autor de artigos diversos acadêmicos	1 (10%)	1 (2,27%)

Sou autor de diversos artigos acadêmicos diversos	1 (10%)	-
---	---------	---

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 32 – Sintagma 16 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Sou autor de diversos artigos acadêmicos	10 (90,90%)	20 (90,90%)	11 (100%)
Sou autor de artigos acadêmicos diversos	1 (9,09%)	11 (50%)	1 (9,09%)
Sou autor de artigos diversos acadêmicos	-	1 (4,54%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Nesta questão, temos uma sentença, em que nos detemos ao sintagma "artigos acadêmicos diversos" ou "diversos artigos acadêmicos". O N "artigos" é acompanhado de dois elementos: acadêmicos e diversos. O adjetivo "acadêmicos" é classificativo, segundo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), subclassificando ou categorizando o nome, nesse caso, "artigos", e só pode ocupar a posição pós-nominal.

Já o elemento "diversos", de acordo com Brito e Lopes (2016), muda de classe de palavra a depender da sua posição: antes do nome, funciona como um quantificador (diversos artigos); depois do nome, como adjetivo qualificativo (artigos diversos).

A partir da Tabela 31, fica evidente a elevada preferência dos dois grupos pela ordem "Sou autor de diversos artigos acadêmicos", em que "diversos" é um quantificador, ou seja, dá a ideia de que são muitos artigos. Ressaltamos que a porcentagem de bilíngues é bem maior, totalizando 23,18% a mais que o grupo monolíngue.

A segunda resposta apresenta “diversos” em posição pós-nominal, ou seja, como adjetivo qualificativo, “Sou autor de artigos acadêmicos diversos”, dando a ideia de que são artigos variados, de diversas temáticas. Ressaltamos a diferença de porcentagem de respostas entre a anterior e esta: a porcentagem de monolíngues que apresentou o sintagma com “diversos” posposto foi 30% menor que com “diversos” anteposto; por outro lado, no grupo bilíngue, foi 63,64% menor. Essa diferença pode nos levar a refletir sobre o fato de essa distinção de sentido ao mudar a posição do elemento “diversos” ficar mais evidente em PB do que em inglês, fazendo com que os monolíngues tivessem respostas mais “divididas”. As demais respostas, apesar de seguirem as regras, causam estranheza e apresentaram baixa porcentagem.

Em relação aos níveis de bilíngue, a partir da Tabela 32, notamos que 100% dos bilíngues de nível avançado responderam “Sou autor de diversos artigos acadêmicos”, seguido de 90,90% tanto no básico quanto no intermediário. O que se destaca é a segunda resposta “Sou autor de artigos acadêmicos diversos”, que teve 50% de respostas no nível intermediário, em contraste com 9,09% nos níveis básico e avançado. Além disso, a resposta “Sou autor de artigos diversos acadêmicos” foi apresentada apenas pelo nível intermediário. Esses dados reforçam o que temos observado em outros sintagmas em relação à maior flexibilidade dos bilíngues de nível intermediário, que parecem ousar mais em suas respostas.

Essa hipótese é reforçada pela elevada porcentagem de bilíngues de nível intermediário que apresentaram mais de uma resposta possível: foram 50% dos de nível intermediário, em contraste com 18,18% dos de nível básico e 9,09% dos de nível avançado.

17. Energia

Adjetivos: nuclear, potente

Resposta da tradutora: *A powerful nuclear energy*

Uma potente nuclear energia

Tabela 33 – Sintagma 17 - Monolíngues e bilíngues

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Energia nuclear potente	7 (70%)	28 (63,63%)

Potente energia nuclear ⁶⁸	3 (30%)	24 (54,54%)
Energia potente nuclear	1 (10%)	1 (2,27%)
Potente nuclear energia	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 34 – Sintagma 17 – Níveis do bilíngue

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Energia nuclear potente	4 (36,36%)	16 (72,72%)	8 (72,72%)
Potente energia nuclear	5 (45,45%)	14 (63,63%)	5 (45,45%)
Energia potente nuclear	-	1 (4,54%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Nesta questão, temos N "energia" acompanhado dos adjetivos "nuclear" e "potente". O adjetivo "nuclear", segundo Alexiadou, Haegeman e Stavrou (2007), é um adjetivo absoluto relacional, que deriva de substantivos (nesse caso, de núcleo) e relaciona o domínio do substantivo e o domínio do adjetivo. A estreita relação desse adjetivo com o nome faz com que haja uma espécie de fusão entre ambos, dando origem a uma expressão com sentido unitário. Assim, segundo as autoras, não é possível separar N e adjetivo relacional por outro elemento, como em "Energia potente nuclear".

A partir da Tabela 33, percebemos que a preferência de ambos os grupos é pela ordenação proposta pelas autoras, "Energia nuclear potente", em que o adjetivo relacional está ao lado de N. Ressaltamos que a porcentagem de monolíngues foi 6,37% maior que a de bilíngues para essa resposta com ambos os adjetivos pospostos.

A segunda resposta, "Potente energia nuclear", também segue a ordenação defendida pelas autoras, já que nesse caso "potente" não separa "energia" e "nuclear". Nesse caso, com um dos adjetivos anteposto, a porcentagem de bilíngues prevaleceu, resultando em 24,54% a mais em relação aos monolíngues. Além disso,

⁶⁸ Neste caso, apesar de a diferença não chegar ao dobro, também destacamos a elevada diferença entre os grupos, faltando menos de 6% para chegar ao dobro.

há uma queda de 40% da primeira para a segunda resposta no grupo monolíngue, enquanto no bilíngue foi de apenas 9,09%, evidenciando uma elevada preferência dos monolíngues pela posição pós-nominal e uma maior variedade de posições do adjetivo no caso dos bilíngues.

Além dessas, foram registradas mais duas respostas, representando um baixo percentual se comparadas às primeiras. Apesar de seguirem as regras, ambas causam estranheza ao leitor.

Em relação aos níveis de proficiência, na Tabela 34, notamos que a ordenação com ambos os adjetivos pospostos teve maior porcentagem entre os níveis intermediário e avançado (72,72%), enquanto no básico foi de apenas 36,36%. Já na ordenação com o adjetivo “potente” anteposto, o maior índice é no nível intermediário (63,63%), seguido do básico e do avançado (45,45%). Evidenciamos ainda que o sintagma “Energia potente nuclear” foi apresentado apenas pelo nível intermediário. Além disso, 36,36% dos de nível intermediário apresentaram mais de uma resposta possível, enquanto nos níveis básico e avançado a porcentagem foi de apenas 18,18% cada.

Dentre os sintagmas analisados, destacamos quatro respostas que chamaram a atenção:

- “A italiana invasão da França”, que teve 3 respostas de bilíngues intermediários e nenhuma no grupo dos monolíngues.

- “Três ótimos tradicionais pratos franceses”, que teve apenas 1 resposta no grupo monolíngue e 6 no grupo bilíngue (2 de nível básico e 4 de nível intermediário).

- “Uma redonda mesa chinesa”, que foi apresentado por 3 monolíngues e 15 bilíngues.

- “Uma retangular porta marrom”, que teve 2 respostas no grupo monolíngue e 13 no grupo bilíngue.

O que se destaca nessas quatro respostas é o fato de que essas construções não são naturais para o PB. Diversas respostas analisadas, apesar de ocuparem a posição pré-nominal (canônica em inglês), seriam possíveis em PB, o que não necessariamente indicaria influência da LE. Por outro lado, nesses casos, os dados são improváveis em PB, sendo uma evidência da possibilidade de influência translinguística. Além disso, na resposta “Três ótimos tradicionais pratos franceses”, há dois adjetivos na posição pré-nominal, o que é muito raro em PB, sendo outra possível evidência da influência da LE.

Ainda há muito que poderia ser observado e analisado a partir das respostas apresentadas. As análises não se encerram aqui, mas abrem espaço para novas observações e reflexões acerca da ordenação dos adjetivos e da influência translinguística sobre essa estrutura.

Além disso, reconhecemos que diversos fatores e variáveis poderiam ser considerados, como nível de escolaridade, conhecimento de outras LEs, grau de conhecimento linguístico ou literário, entre outros. Essas variáveis podem ter influenciado nas respostas para além da influência do conhecimento em inglês, no entanto, o recorte foi necessário. Destacamos, porém, que essa limitação pode ser vista como uma possibilidade para pesquisas futuras.

5 Conclusão

Este trabalho teve como objetivo analisar a influência do inglês (LE) sobre a ordenação de adjetivos em sintagma nominal em português (LM). Além disso, ao longo da pesquisa, mostrou-se relevante analisar as respostas não somente entre monolíngues e bilíngues, mas também entre os diferentes níveis de proficiência autodeclarada de escrita em LE pelos bilíngues.

Reconhecemos que os dados apresentados se referem a uma amostra restrita de participantes. Assim, não apresentamos aqui afirmações categóricas nem generalizações referentes à influência do inglês sobre a ordenação de adjetivos em português. Embora, a partir das análises, possamos supor que os resultados reflitam uma tendência sobre os demais bilíngues, seria necessária uma pesquisa com maior número de participantes e com um corpus mais robusto para confirmar nossas hipóteses e generalizar os resultados.

Retomamos as perguntas de pesquisa a fim de refletir sobre os resultados:

- Há diferenças na ordenação de adjetivos na produção escrita entre os participantes bilíngues e monolíngues? A partir da análise dos dados, é possível perceber diferenças entre as respostas de monolíngues e bilíngues, em alguns casos diferenças mais sutis, em outros, diferenças mais significativas.

- Podem ser notadas tendências para uma posição do adjetivo (pré-nominal/pós-nominal) preferencial para os participantes bilíngues e monolíngues? Ela segue a ordem canônica de qual língua? Em diversos sintagmas, foi possível perceber uma possível inclinação dos monolíngues pela disposição do adjetivo na posição pós-nominal (canônica no português), assim como uma possível inclinação dos bilíngues pela disposição do adjetivo na posição pré-nominal (canônica do inglês), ainda que por vezes essa diferença tenha sido mínima.

- Considerando que a ordenação de adjetivos é diferente em português e inglês, há indícios de que o conhecimento em inglês influencia na ordenação de adjetivos em sintagmas nominais em português? Em alguns casos, apesar de a

construção preferida de ambos os grupos ter sido a com o adjetivo posposto, percebe-se, a partir das respostas seguintes, que muitas vezes os bilíngues apresentaram respostas com o adjetivo anteposto, não apresentadas pelos monolíngues. Assim, mesmo em casos em que há preferência pela posposição do adjetivo, os bilíngues parecem perceber com mais naturalidade opções com o adjetivo anteposto, o que pode nos levar a refletir sobre a possibilidade de que haja um determinado nível de influência do inglês sobre algumas respostas dos bilíngues. Além disso, algumas respostas, conforme destacado no final do capítulo 4, apresentam ordenações que não são naturais no PB, levantando a possibilidade de evidência de influência do inglês (LE).

- Os bilíngues apresentam mais possibilidades de combinações entre nomes e adjetivos, se comparados aos monolíngues? Não é possível indicar apenas um dos grupos nessa questão. Houve casos em que os bilíngues apresentaram mais opções de resposta, outros em que foram os monolíngues, mas na maioria essa diversidade foi muito próxima entre os dois grupos.

É preciso ressaltar, porém, que, entre os níveis de proficiência autodeclarada de bilíngues, o nível intermediário chamou a atenção, conforme mencionamos brevemente nas análises. Em diversos sintagmas, esse grupo de bilíngues apresentou opções de ordenação que não foram apresentadas pelos demais níveis. Além disso, na maioria das questões, o número de possibilidades de construção do sintagma foi significativamente maior entre os bilíngues de nível intermediário, se comparados aos demais níveis.

Esses dados dos participantes de nível intermediário nos levaram à hipótese de que, possivelmente, o efeito platô do seu aprendizado em LE esteja influenciando a sua LM. O efeito platô é um ponto da curva de aprendizagem em que, após passar pelo início lento e pela aprendizagem acelerada, o indivíduo "pode passar por períodos longos em que parece estar progredindo muito pouco — ou quase nada" (Essential Idiomas, s. d.). Segundo Halu e Paraná (2007), no nível intermediário, o processo de aprendizagem da língua estrangeira atinge um ponto crítico e é "um ponto chave no processo de aprendizagem, no qual os alunos mais precisam refletir e agir com responsabilidade e autonomia quanto ao seu próprio aprendizado" (Halu; Paraná, 2007, p. 42). Nesse período de desenvolvimento de autonomia no aprendizado de uma nova língua, o aluno pode passar a testar novas possibilidades

na sua LE, até que alcance um nível de maior estabilidade de aprendizado de LE que o impeça ou limite essas experiências tanto na LE quanto na LM.

- Em quais SN as respostas de monolíngues e bilíngues mais se diferenciam ou se aproximam? Optamos por destacá-las nas tabelas com as respostas, porém também evidenciamos algumas aqui. Dentre as respostas que mais se aproximaram, temos “Um velho amigo”, “A invasão italiana da França”, “Ataques italianos permanentes à Inglaterra” e “Um suposto ladrão”.

Dentre as que mais se distanciam, temos:

- Um belíssimo vestido de festa vermelho (quase o dobro de bilíngues)
- Ataques permanentes italianos à Inglaterra (mais que o triplo de monolíngues)
- Ataques permanentes à Inglaterra italianos (mais que o triplo de monolíngues)
- Um brasileiro mero engenheiro civil (mais que o triplo de monolíngues)
- Potente energia nuclear (quase o dobro de bilíngues)
- Energia potente nuclear (mais que o triplo de monolíngues)

Além disso, em vários sintagmas há respostas que se distanciam pelo fato de que apenas um dos grupos apresentou tal resposta, especialmente bilíngues, como em:

- A italiana invasão da França
- O ataque à brutal Alemanha
- Um vestido vermelho de festa belíssimo
- A única invasão italiana da grande Ucrânia
- Uma chinesa mesa redonda
- Retangular uma porta marrom

Como mencionamos, os resultados desta pesquisa nos direcionam a possibilidades especificamente sobre os grupos analisados, não sendo possível prever probabilidades. Ainda assim, este estudo mostra-se relevante ao contribuir para a análise do fenômeno e a investigação da estrutura do sintagma nominal no português brasileiro e da ordenação dos adjetivos no interior dessa estrutura, tanto a partir das obras consultadas quanto das respostas dos participantes, que nos levam a refletir sobre as diversas possibilidades de produção das construções em português brasileiro e como fatores podem influenciar nessa produção, como é o caso do conhecimento em língua estrangeira.

Além disso, a pesquisa colabora com a observação do contato entre o português brasileiro e o inglês, línguas com diferentes posições canônicas do adjetivo. Como mencionado, o número de estudos acerca da transferência reversa ainda é bem restrito, assim, este trabalho contribui para o avanço dos estudos sobre esse tipo de transferência, e mais especificamente sobre a transferência sintática do inglês para o PB, buscando analisar como o conhecimento de uma língua estrangeira pode influenciar a língua materna, sem que se busque julgar tais influências como positivas ou negativas.

A presente pesquisa contribui ainda para o agir profissional de professores de língua materna ou de língua estrangeira que, no contato com produções escritas de seus alunos, podem ser levados a refletir sobre a influência de uma LE na ordenação de elementos em LM. Isso pode auxiliar na compreensão dos processos de escrita do aluno e possibilitar a abordagem da questão da influência translinguística em sala de aula. Além disso, este estudo também colabora com o agir profissional de tradutores e revisores que, ao terem contato com textos de pessoas bilíngues, podem compreender melhor as construções realizadas e refletir sobre possibilidades de influências de uma LE.

Embora o alcance do estudo seja pequeno, ele pode ser pioneiro para futuras pesquisas. Estudos posteriores podem focar em fenômenos como os motivos que levam a determinadas construções ou restringir as análises a tipos específicos de adjetivos, a fim de observar a influência sobre uma classe mais restrita.

Futuras pesquisas também podem ser desenvolvidas com base na análise da produção oral, menos monitorada. Além disso, outra possibilidade é a aplicação de uma pesquisa em âmbito maior, possibilitando generalizações sobre o fenômeno.

Referências

- ALEXIADOU, Artemis; HAEGEMAN, Liliane; STAVROU, Melita. **Noun Phrase in the Generative Perspective** (Studies in Generative Grammar 71). Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 283-354.
- ALTMISDORT, Gonca. The Effects of L2 Reading Skills on L1 Reading Skills through Transfer. **English Language Teaching**, Canadian Center of Science and Education, v. 9, n. 9, p. 28-35, 2016. Disponível em: <https://www.ccsenet.org/journal/index.php/elt/article/view/61353>. Acesso em 22 mar. 2023.
- ALMEIDA, Christiano Pereira. **A identificação de nomes e adjetivos por crianças adquirindo o PB**. 2007. 97 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- ANDREW. Adjectives and their position in a sentence. **Crown Academy of English**, 2019. Disponível em: <https://www.crownacademyenglish.com/adjectives-position-sentence/>. Acesso em: 26 abr. 2023.
- BERGMANN, Bianca Schmitz. **Ordenação de adjetivos em Sintagma Nominal: teorias e gramaticalidade**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.
- BOFF, Alvana Maria. **A posição dos adjetivos no interior do sintagma nominal: perspectivas sincrônica e diacrônica**. 1991. 110 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BORGES NETO, José. **Adjetivos: predicados extensionais e predicados intensionais**. 1979. 87 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- BRITO, Ana Maria; LOPES, Ruth. The Structure of DPs. *In*: WETZELS, Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (EDS). **The handbook of Portuguese Linguistics**, p.254-274, 1. ed. John Wiley & Sons, Inc., 2016.
- CARDOSO, Paula Fernanda Eick. **Os adjetivos no Português Brasileiro**. Texto em elaboração.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- CASTRO, Laura Miranda. **A influência da língua materna na produção de textos em língua inglesa de alunos do curso de letras do IEAA - UFAM**. 2017. 96 p.

Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/6050>. Acesso em: 20 mar. 2023.

CINQUE, Guglielmo. On the Evidence for Partial N-Movement in the Romance DP. *In*: CINQUE, Guglielmo; KOSTER, Jan; POLLOCK, Jean-Yves.; RIZZI, Luigi. **Paths Towards Universal Grammar**. Washington (D.C.): Georgetown University Press, 1994, p. 85-110.

_____ **The Syntax of Adjectives: a Comparative Study**. Cambridge: MIT Press, 2010.

CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge: The MIT Press, 1995.

COOK, Vivian. Introduction: The changing L1 in the L2 user's mind. Tradução de Beatriz Shizue Chayamiti. *In*: COOK, Vivian (Ed.). **Effects of the Second Language on the First**. Multilingual Matters, Clevedon, 2003.

DURÃO, Adja Balbino de Amorim Barbieri; CANATO, Ana Paula Marques Beato. A Influência do Português como Língua Materna no Processo de Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira: A Questão do Sujeito Gramatical. **Revista Investigações**, Pernambuco, v. 18, n. 2, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/1487>. Acesso em 20 mar. 2023.

ESSENTIAL IDIOMAS. **Como funciona a curva de aprendizagem de um idioma?** Disponível em: <https://essential.com.br/curva-de-aprendizagem/>. Acesso em 28 jun 2023.

FERREIRA, Renan Castro. **Similaridades translinguísticas entre português e inglês e os phrasal verbs**: a percepção de aprendizes de inglês-LE. 2018. 135 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

GROSJEAN, François. Bilinguismo individual. Tradução de Heloísa Augusta Brito de Mello e Dilys Karen Rees. **Revista UFG**. Ano X, nº 5, p. 163-176, dezembro 2008.

HALU, Regina Célia; PARANÁ, Jeanne Marie. Análise de conflito de crenças sobre o aprendizado de línguas estrangeiras: o aluno adulto na crise do nível intermediário. **Revista X**, Curitiba, v. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/5434>. Acesso em 28 jun 2023.

HAMERS, Josiane; BLANC, Michel. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

KENEDY, Eduardo. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LUQUE AGULLÓ, Gloria. Unintentional Reverse Transfer from L2 (English) to L1 (Spanish) em Tertiary Levels. **International Journal of English Studies**,

Universidad de Murcia, v. 20, n. 3, p. 57-76, 2020. Disponível em:
<https://revistas.um.es/ijes/article/view/406901>. Acesso em: 29 mar. 2023.

MACKEY, William F. The Description of Bilingualism. *In*: FISHMAN, Joshua A. **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, 1968.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilíngue, eu? Representações de sujeitos bilíngues falantes de português e inglês. **Revista X**, Curitiba, v. 2, p. 243-263, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/28181>

MENDES, Júlia Costa. **Ideologias linguísticas e bilinguismo**: o que é ser bilíngue para monolíngues, para bilíngues leigos e para profissionais bilíngues da área de Letras. 2017. Nº p. 84. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas. Disponível em:
<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3476>

MENUZZI, Sergio. **Sobre a Modificação Adjetival do Português**: uma teoria da projeção dos adjetivos. 1992. 202f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL, UNICAMP, Campinas, 1992.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elisabeth Vasconcellos. **Manual de Sintaxe**. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2000.

MOREIRA, Thais Luisa Deschamps. **A sintaxe dos adjetivos atributivos**. 2015. 214f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015.

MOZZILLO, Isabella. A conversação bilíngue dentro e fora da sala de aula de língua estrangeira. *In*: VETROMILLE-CASTRO, Rafael; HAMMES, Walney Joelmir. **Transformando a sala de aula, transformando o mundo**: ensino e pesquisa em língua estrangeira. Pelotas: Educat, 2001. p. 289-325. Disponível em:
http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Livros/Transformando_a_Sala_de_Aula.pdf

NAJAB, Faycal. O sujeito bilíngüe: abordagem cognitiva. *In*: VERMES, Geneviève; BOUTET, Josiane. **Multilingüismo**. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

NASCIMENTO, Kaline Brasil Pereira; BRANCO, Sinara de Oliveira. A influência da língua materna em aulas de língua inglesa de uma escola de idiomas: um estudo de caso. **Leia Escola**, Campina Grande, v. 13, n. 1, p. 22-33, 2013. Disponível em:
<http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/Leia/article/view/251>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PERINI, Mario. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

PRIM, Cristina de Souza. Os adjetivos qualificativos presentes nos DPs referenciais do português brasileiro. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 9-43, 2017. Disponível em:

<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10939>. Acesso em 10 maio 2023.

SANTANA, Joelton Duarte de. Transferência linguística durante o processamento bilíngue: uma análise da ordem do adjetivo em língua inglesa. Macabéa – **Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9., n. 4., 2020, p. 50-71.

SILVA, Cláudia Alves da. **Coesão e coerência na produção escrita na língua estrangeira: uma investigação da influência da língua materna**. 2006. 128 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/1875>. Acesso em 20 mar. 2023.

SIU, Carrey Tik-Sze; HO, Connie Suk-Han. Cross-Language transfer of syntactic skills and reading comprehension among young Cantonese-English bilingual students. **Reading Research Quarterly**, v. 50, n. 3, 2015. Disponível em: <https://ila.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/rrq.101>. Acesso em: 05 abr. 2023.

SOARES, Mariana Schuchter *et al.* A alternância de códigos no contexto da educação bilíngue: code-switching, code-mixing e as transferências linguísticas. **Revista Gatilho**, Juiz de Fora, v. 15, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/27015>

SWAN, Michael. **Basic English Usage**. Oxford: Oxford University Press, 1984.

SWAN, Michael; WALTER, Catherine. **Oxford English Grammar Course**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

TALEBI, Seyed Hassan. Cross-linguistic Transfer (from L1 to L2, L2 to L1, and L2 to L3) of Reading Strategies in a Multicompetent Mind. **Journal of Language Teaching and Research**, Finlândia, v. 4, n. 2, p. 424-436, mar. 2013.

ZARETSKY, Elena. The role of L1 and L2 reading on L1 preservation and positive cross-linguistic transfer among sequential bilinguals. **Written Language & Literacy**, v. 17, n. 1, p. 139-164, 2014.

Apêndices

Apêndice A



Universidade Federal de Pelotas
 Centro de Letras e Comunicação
 Programa de Pós-Graduação em Letras
 Área de Aquisição, Variação e Ensino

Termo de consentimento livre e esclarecido

Eu, _____ autorizo o uso de dados gerados a partir de teste e questionário, para a realização de pesquisa desenvolvida pela mestrandia Bianca Schmitz Bergmann, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, a qual visa a estudar as influências da língua estrangeira sobre estruturas em português.

Esclarecemos algumas informações:

- Não haverá identificação do nome do participante no teste e no questionário, sendo os dados utilizados única e exclusivamente em eventos científicos ou áreas afins;
- É permitido ao participante desistir da pesquisa a qualquer momento;
- Não haverá nenhum tipo de despesa financeira decorrente da participação nesta pesquisa.

Qualquer tipo de dúvida, ou caso queira saber mais sobre o projeto de pesquisa, favor entrar em contato pelo e-mail: biancas.bergmann@gmail.com

Pelotas, ____ de _____ de 202__.

Assinatura entrevistado (a)

Bianca Schmitz Bergmann
 Pesquisadora Responsável

Profª Drª Isabella Mozzillo
 Orientadora

Profª Drª Paula Fernanda Eick Cardoso
 Coorientadora

Apêndice B

Questionário-piloto

- 1) Sexo:
- 2) Idade:
- 3) Curso:
- 4) Semestre:
- 5) Qual/Quais a(s) sua(s) língua(s) materna(s)?
- 6) Quais línguas você conhece?
- 7) Sobre cada uma das línguas, indique:
 - Quais você usa com regularidade?
 - Em quais circunstâncias você utiliza essa(s) língua(s)?
 - Como adquiriu essa(s) língua(s)?
 - Quais habilidades você domina nessa(s) língua(s) (leitura, escrita, compreensão, fala) e em quais níveis — básico, intermediário, avançado?

Apêndice C

Teste-piloto

Leia com atenção as construções a seguir. São sintagmas incompletos que deverão ser preenchidos pelo(s) adjetivo(s) disponibilizado(s) em cada um. A ordem dos adjetivos disponibilizados é alfabética, não tendo relação com a ordem em que você deve distribuí-los.

Não existe resposta certa ou errada, apenas coloque o(s) adjetivo(s) onde você considerar que fica melhor, mais natural. Em alguns casos, você pode achar que mais de uma resposta é adequada; nesses casos, inclua todas e, se possível, indique se há diferença de interpretação entre elas.

1. Um amigo

Adjetivos: velho

Resposta:

2. Aquele livro

Adjetivos: interessante, vermelho

Resposta:

3. Uma refeição

Adjetivos: diária, equilibrada

Resposta:

4. O prefeito da cidade

Adjetivos: futuro

Resposta:

5. O ataque à Ucrânia

Adjetivos: russo

Resposta:

6. A invasão da França

Adjetivos: italiana

Resposta:

7. O ataque à Alemanha

Adjetivos: brutal

Resposta:

8. Três pratos

Adjetivos: franceses, ótimos, tradicionais

Resposta:

9. Duas sobremesas

Adjetivos: deliciosas, holandesas, tradicionais

Resposta:

10. Um vestido de festa

Adjetivos: belíssimo, vermelho

Resposta:

11. Ataques permanentes à Inglaterra

Adjetivos: italianos

Resposta:

12. A reação à proposta brasileira

Adjetivos: americana, hostil

Resposta:

13. Uma agressão aos russos

Adjetivos: americana, estúpida

Resposta:

14. A invasão da Albânia

Adjetivos: grande, italiana, única

Resposta:

15. Um cachorro

Adjetivos: enorme, preto

Resposta:

16. Uma mesa

Adjetivos: chinesa, redonda

Resposta:

17. Uma porta

Adjetivos: retangular, marrom

Resposta:

18. Um ladrão

Adjetivos: suposto

Resposta:

19. O engenheiro

Adjetivos: brasileiro, civil, mero

Resposta:

20. O professor

Adjetivos: novo

Resposta:

21. Sua partida

Adjetivos: provável, rápida

Resposta:

22. Uma produção

Adjetivos: intensa, pesqueira

Resposta:

23. Sou autor de artigos

Adjetivos: acadêmicos, diversos

Resposta:

24. Energia

Adjetivos: nuclear, potente

Resposta:

Apêndice D

Questionário

Sexo:

Idade:

Curso:

Semestre:

Qual/Quais a(s) sua(s) língua(s) materna(s)?

- **Responda a seguir todas as línguas que você conhece e, sobre cada uma, responda as perguntas seguintes.**

Língua A: _____

Você usa com regularidade? () Sim () Não

Em quais circunstâncias você usa essa língua?

() Com a família () Na universidade () Com amigos () Online

() Entretenimento (livros, filmes, séries, músicas, etc.)

() Outro:

Como você adquiriu essa língua?

() Com minha família () Na escola () Em curso de línguas () Na graduação

() Sou autodidata () Outro:

Nessa língua, em qual nível você considera que:

Lê: () Básico () Intermediário () Avançado

Escreve: () Básico () Intermediário () Avançado

Compreende: () Básico () Intermediário () Avançado

Fala: () Básico () Intermediário () Avançado

Língua B: _____

Você usa com regularidade? () Sim () Não

Em quais circunstâncias você usa essa língua?

() Com a família () Na universidade () Com amigos () Online

() Entretenimento (livros, filmes, séries, músicas, etc.)

() Outro:

Como você adquiriu essa língua?

() Com minha família () Na escola () Em curso de línguas () Na graduação

() Sou autodidata () Outro:

Nessa língua, em qual nível você considera que:

Lê: () Básico () Intermediário () Avançado

Escreve: () Básico () Intermediário () Avançado

Compreende: () Básico () Intermediário () Avançado

Fala: () Básico () Intermediário () Avançado

Língua C: _____

Você usa com regularidade? () Sim () Não

Em quais circunstâncias você usa essa língua?

() Com a família () Na universidade () Com amigos () Online

- Entretenimento (livros, filmes, séries, músicas, etc.)
 Outro:

Como você adquiriu essa língua?

- Com minha família Na escola Em curso de línguas Na graduação
 Sou autodidata Outro:

Nessa língua, em qual nível você considera que:

- Lê: Básico Intermediário Avançado
 Escreve: Básico Intermediário Avançado
 Compreende: Básico Intermediário Avançado
 Fala: Básico Intermediário Avançado

Língua D: _____

Você usa com regularidade? Sim Não

Em quais circunstâncias você usa essa língua?

- Com a família Na universidade Com amigos Online
 Entretenimento (livros, filmes, séries, músicas, etc.)
 Outro:

Como você adquiriu essa língua?

- Com minha família Na escola Em curso de línguas Na graduação
 Sou autodidata Outro:

Nessa língua, em qual nível você considera que:

- Lê: Básico Intermediário Avançado
 Escreve: Básico Intermediário Avançado
 Compreende: Básico Intermediário Avançado
 Fala: Básico Intermediário Avançado

Língua E: _____

Você usa com regularidade? Sim Não

Em quais circunstâncias você usa essa língua?

- Com a família Na universidade Com amigos Online
 Entretenimento (livros, filmes, séries, músicas, etc.)
 Outro:

Como você adquiriu essa língua?

- Com minha família Na escola Em curso de línguas Na graduação
 Sou autodidata Outro:

Nessa língua, em qual nível você considera que:

- Lê: Básico Intermediário Avançado
 Escreve: Básico Intermediário Avançado
 Compreende: Básico Intermediário Avançado
 Fala: Básico Intermediário Avançado

Apêndice E

Teste

Leia com atenção as construções a seguir. São sintagmas incompletos que deverão ser preenchidos pelo(s) adjetivo(s) disponibilizado(s) em cada um. A ordem dos adjetivos é alfabética, não tendo relação com a ordem em que você deve distribuí-los.

Não existe resposta certa ou errada, apenas coloque o(s) adjetivo(s) onde você considerar que fica melhor, mais natural. Em alguns casos, você pode achar que mais de uma resposta é adequada; nesses casos, inclua todas e, se possível, indique se há diferença de interpretação entre elas.

ATENÇÃO:

- Nas respostas do teste, não podem ser incluídos outros elementos além dos que já foram disponibilizados, tais como sinais de pontuação, conjunções, etc.
- Os sintagmas não podem ser transformados em sentenças.
- Só registre os sintagmas que fazem sentido, sendo o mais natural possível.
- Nas questões em que há mais de um adjetivo, todos os adjetivos devem ser utilizados.
- Se você encontrar mais de uma resposta adequada, identifique qual é a sua preferida.
- Os adjetivos já estão flexionados de forma a concordar com o nome, por isso não devem ter sua flexão alterada.

1. Um amigo

Adjetivos: velho

Resposta(s):

2. Aquele livro

Adjetivos: interessante, vermelho

Resposta(s):

3. A invasão da França

Adjetivos: italiana

Resposta(s):

4. O ataque à Alemanha

Adjetivos: brutal

Resposta(s):

5. Três pratos

Adjetivos: franceses, ótimos, tradicionais

Resposta(s):

6. Um vestido de festa

Adjetivos: belíssimo, vermelho

Resposta(s):

7. Ataques permanentes à Inglaterra

Adjetivos: italianos

Resposta(s):

8. Uma agressão aos russos

Adjetivos: americana, estúpida

Resposta(s):

9. A invasão da Ucrânia

Adjetivos: grande, italiana, única

Resposta(s):

10. Um cachorro

Adjetivos: enorme, preto

Resposta(s):

11. Uma mesa

Adjetivos: chinesa, redonda

Resposta(s):

12. Uma porta

Adjetivos: retangular, marrom

Resposta(s):

13. Um ladrão

Adjetivos: suposto

Resposta(s):

14. Um engenheiro

Adjetivos: brasileiro, civil, mero

Resposta(s):

15. Uma produção

Adjetivos: intensa, pesqueira

Resposta(s):

16. Sou autor de artigos

Adjetivos: acadêmicos, diversos

Resposta(s):

17. Energia

Adjetivos: nuclear, potente

Resposta(s):

Apêndice F

Tabelas completas das respostas ao teste

Tabela 35 – Sintagma 1 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Um velho amigo	9 (90%)	43 (97,72%)
Um amigo velho	3 (30%)	20 (45,45%)
Um velho	1 (10%)	-
Um amigo	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 36 – Sintagma 1 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Um velho amigo	10 (90,90%)	22 (100%)	11 (100%)
Um amigo velho	3 (27,27%)	12 (54,54%)	5 (45,45%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 37 – Sintagma 2 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Aquele livro vermelho interessante	4 (40%)	15 (34,09%)
Aquele interessante livro vermelho	5 (50%)	30 (68,18%)
Aquele livro interessante vermelho	1 (10%)	2 (4,54%)
Interessante aquele livro vermelho	1 (10%)	5 (11,36%)
Aquele livro interessante e vermelho	-	1 (2,27%)
Vermelho aquele livro, interessante	-	2 (4,54%)
Lendo aquele livro interessante da capa vermelha	1 (10%)	-
Aquele livro vermelho é interessante	-	2 (4,54%)
Aquele livro interessante	2 (20%)	2 (4,54%)
Aquele livro vermelho	1 (10%)	4 (9,09%)

Interessante aquele livro	-	1 (2,27%)
---------------------------	---	-----------

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 38 – Sintagma 2 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Aquele livro vermelho interessante	2 (18,18%)	9 (40,90%)	4 (36,36%)
Aquele interessante livro vermelho	5 (45,45%)	16 (72,72%)	9 (81,81%)
Aquele livro interessante vermelho	-	2 (9,09%)	-
Interessante aquele livro vermelho	1 (9,09%)	3 (13,63%)	1 (9,09%)
Aquele livro interessante e vermelho	-	1 (4,54%)	-
Vermelho aquele livro, interessante	2 (18,18%)	-	-
Lendo aquele livro interessante da capa vermelha	-	-	-
Aquele livro vermelho é interessante	1 (9,09%)	-	1 (9,09%)
Aquele livro interessante	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Aquele livro vermelho	2 (18,18%)	2 (9,09%)	-
Interessante aquele livro	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 39 – Sintagma 3 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
A invasão italiana da França	9 (90%)	40 (90,90%)
A invasão da França italiana	2 (20%)	4 (9,09%)
A italiana invasão da França	-	3 (6,81%)
Italiana a invasão da França	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 40 – Sintagma 3 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
------------------	----------------	-----------------------	------------------

A invasão italiana da França	9 (81,81%)	20 (90,90%)	11 (100%)
A invasão da França italiana	1 (9,09%)	3 (13,63%)	-
A italiana invasão da França	-	3 (13,63%)	-
Italiana a invasão da França	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 41 – Sintagma 4 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
O ataque brutal à Alemanha	7 (70%)	33 (75%)
O brutal ataque à Alemanha	4 (40%)	19 (43,18%)
O ataque à Alemanha brutal	1 (10%)	4 (9,09%)
O ataque à brutal Alemanha	-	2 (4,54%)
O ataque à Alemanha foi brutal	1 (10%)	1 (2,27%)
Brutal, o ataque à Alemanha	1 (10%)	-
Brutal o ataque à Alemanha	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 42 – Sintagma 4 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
O ataque brutal à Alemanha	5 (45,45%)	21 (95,45%)	7 (63,63%)
O brutal ataque à Alemanha	5 (45,45%)	8 (36,36%)	6 (54,54%)
O ataque à Alemanha brutal	1 (9,09%)	3 (13,63%)	-
O ataque à brutal Alemanha	-	2 (9,09%)	-
O ataque à Alemanha foi brutal	1 (9,09%)	-	-
Brutal, o ataque à Alemanha	-	-	-
Brutal o ataque à Alemanha	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 43 – Sintagma 5 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Três ótimos pratos franceses tradicionais	3 (30%)	16 (36,36%)
Três ótimos pratos tradicionais franceses	1 (10%)	18 (40,90%)
Três ótimos tradicionais pratos franceses	1 (10%)	6 (13,63%)
Três pratos tradicionais franceses ótimos	1 (10%)	5 (11,36%)
Três pratos tradicionais	3 (30%)	2 (4,54%)
Três pratos franceses	2 (20%)	2 (4,54%)
Ótimos três pratos tradicionais franceses	1 (10%)	1 (2,27%)
Três pratos tradicionais franceses, ótimos	1 (10%)	2 (4,54%)
Três pratos ótimos	2 (20%)	1 (2,27%)
Três pratos franceses ótimos tradicionais	-	2 (4,54%)
Três tradicionais ótimos pratos franceses	-	2 (4,54%)
Três pratos ótimos tradicionais franceses	-	2 (4,54%)
Ótimos três pratos franceses tradicionais	-	2 (4,54%)
Três pratos franceses ótimos e tradicionais	1 (10%)	1 (2,27%)
Três ótimos pratos	-	1 (2,27%)
Ótimos três tradicionais pratos franceses	-	1 (2,27%)
Três tradicionais pratos franceses ótimos	-	1 (2,27%)
Três pratos franceses tradicionais ótimos	-	1 (2,27%)
Ótimos três pratos franceses, tradicionais	-	1 (2,27%)
Três ótimos pratos franceses e tradicionais	-	1 (2,27%)
Os três pratos franceses tradicionais são ótimos	1 (10%)	-
Três pratos franceses tradicionais	1 (10%)	-
Três pratos tradicionais ótimos	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 44 – Sintagma 5 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Três ótimos pratos franceses tradicionais	2 (18,18%)	9 (40,90%)	5 (45,45%)
Três ótimos pratos tradicionais franceses	1 (9,09%)	11 (50%)	6 (54,54%)
Três ótimos tradicionais pratos franceses	2 (18,18%)	4 (18,18%)	-
Três pratos tradicionais franceses ótimos	-	3 (13,63%)	2 (18,18%)
Três pratos tradicionais	2 (18,18%)	-	-
Três pratos franceses	2 (18,18%)	-	-
Ótimos três pratos tradicionais franceses	-	1 (4,54%)	-
Três pratos tradicionais franceses, ótimos	2 (18,18%)	-	-
Três pratos ótimos	1 (9,09%)	-	-
Três pratos franceses ótimos tradicionais	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Três tradicionais ótimos pratos franceses	-	1 (4,54%)	1 (9,09%)
Três pratos ótimos tradicionais franceses	-	1 (4,54%)	1 (9,09%)
Ótimos três pratos franceses tradicionais	-	2 (9,09%)	-
Três pratos franceses ótimos e tradicionais	1 (9,09%)	-	-
Três ótimos pratos	1 (9,09%)	-	-
Ótimos três tradicionais pratos franceses	-	1 (4,54%)	-
Três tradicionais pratos franceses ótimos	-	1 (4,54%)	-

Três pratos franceses tradicionais ótimos	-	1 (4,54%)	-
Ótimos três pratos franceses, tradicionais	1 (9,09%)	-	-
Três ótimos pratos franceses e tradicionais	-	1 (4,54%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 45 – Sintagma 6 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Um belíssimo vestido de festa vermelho	3 (30%)	26 (59,09%)
Um belíssimo vestido vermelho de festa	2 (20%)	14 (31,81%)
Um vestido de festa vermelho belíssimo	1 (10%)	7 (15,90%)
Um vestido de festa vermelho	1 (10%)	2 (4,54%)
Um vestido vermelho de festa belíssimo	-	4 (9,09%)
Um vestido de festa belíssimo vermelho	-	4 (9,09%)
Um vestido de festa vermelho, belíssimo	2 (20%)	2 (4,54%)
Um vestido vermelho belíssimo de festa	1 (10%)	1 (2,27%)
Um belíssimo vestido de festa	1 (10%)	-
Um vestido de festa belíssimo	-	2 (4,54%)
Um vestido belíssimo de festa	1 (10%)	-
Um vestido vermelho belíssimo	1 (10%)	-
Um vestido belíssimo de festa vermelho	1 (10%)	-
Um vestido de festa, vermelho belíssimo	-	1 (2,27%)

Vermelho, um vestido de festa belíssimo	-	1 (2,27%)
---	---	-----------

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 46 – Sintagma 6 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Um belíssimo vestido de festa vermelho	4 (36,36%)	16 (72,72%)	6 (54,54%)
Um belíssimo vestido vermelho de festa	1 (9,09%)	8 (36,36%)	5 (45,45%)
Um vestido de festa vermelho belíssimo	1 (9,09%)	5 (22,72%)	1 (9,09%)
Um vestido de festa vermelho	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Um vestido vermelho de festa belíssimo	-	3 (13,63%)	1 (9,09%)
Um vestido de festa belíssimo vermelho	1 (9,09%)	3 (13,63%)	-
Um vestido de festa vermelho, belíssimo	2 (18,18%)	-	-
Um vestido vermelho belíssimo de festa	-	-	1 (9,09%)
Um vestido de festa belíssimo	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Um vestido de festa, vermelho belíssimo	1 (9,09%)	-	-
Vermelho, um vestido de festa belíssimo	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 47 – Sintagma 7 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Ataques italianos permanentes à Inglaterra	9 (90%)	40 (90,90%)
Ataques permanentes italianos à Inglaterra	2 (20%)	3 (6,81%)
Permanentemente ataques italianos à Inglaterra	-	4 (9,09%)
Ataques permanentes à Inglaterra italianos	1 (10%)	1 (2,27%)
Italianos ataques permanentes à Inglaterra	-	1 (2,27%)
Ataques permanentes à Inglaterra, italianos	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 48 – Sintagma 7 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Ataques italianos permanentes à Inglaterra	10 (90,90%)	21 (95,45%)	9 (81,81%)
Ataques permanentes italianos à Inglaterra	-	2 (9,09%)	1 (9,09%)
Permanentemente ataques italianos à Inglaterra	-	2 (9,09%)	2 (18,18%)
Ataques permanentes à Inglaterra italianos	1 (9,09%)	-	-
Italianos ataques permanentes à Inglaterra	1 (9,09%)	-	-
Ataques permanentes à Inglaterra, italianos	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 49 – Sintagma 8 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma estúpida agressão americana aos russos	4 (40%)	32 (72,72%)

Uma agressão americana estúpida aos russos	3 (30%)	13 (29,54%)
Uma agressão americana aos russos	1 (10%)	4 (9,09%)
Uma agressão estúpida aos russos	1 (10%)	4 (9,09%)
Uma estúpida agressão aos russos	1 (10%)	1 (2,27%)
Uma agressão estúpida americana aos russos	3 (30%)	-
Uma agressão aos russos americana estúpida	-	1 (2,27%)
Americana estúpida agressão aos russos	-	1 (2,27%)
Uma agressão aos russos estúpida americana	1 (10%)	-
Uma agressão americana, estúpida, aos russos	-	1 (2,27%)
Uma agressão aos russos americana, estúpida	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 50 – Sintagma 8 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Uma estúpida agressão americana aos russos	3 (27,27%)	18 (81,81%)	11 (100%)
Uma agressão americana	4 (36,36%)	7 (31,81%)	2 (18,18%)

estúpida aos russos			
Uma agressão americana aos russos	2 (18,18%)	2 (9,09%)	-
Uma agressão estúpida aos russos	2 (18,18%)	2 (9,09%)	-
Uma estúpida agressão aos russos	-	1 (4,54%)	-
Uma agressão aos russos americana estúpida	1 (9,09%)	-	-
Americana estúpida agressão aos russos	1 (9,09%)	-	-
Uma agressão americana, estúpida, aos russos	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 51 – Sintagma 9 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
A única grande invasão italiana da Ucrânia	4 (40%)	29 (65,90%)
A grande invasão da Ucrânia	3 (30%)	4 (9,09%)
A única invasão italiana da grande Ucrânia	-	5 (11,36%)
A invasão italiana da Ucrânia	1 (10%)	3 (6,81%)
A única invasão da Ucrânia	1 (10%)	3 (6,81%)
A única grande invasão da Ucrânia	-	3 (6,81%)
A grande invasão italiana da Ucrânia	-	2 (4,54%)

A grande única grande invasão italiana da Ucrânia	-	1 (2,27%)
A grande invasão única italiana da Ucrânia	-	1 (2,27%)
A grande única invasão italiana da Ucrânia	-	1 (2,27%)
A única grande invasão da Ucrânia italiana	1 (10%)	-
A invasão da Ucrânia única grande italiana	1 (10%)	-
A única invasão italiana grande da Ucrânia	-	-
A invasão da Ucrânia grande italiana e única	-	1 (2,27%)
A grande e única invasão italiana da Ucrânia	-	1 (2,27%)
A grande, única invasão da Ucrânia	-	1 (2,27%)
A grande, única invasão da Ucrânia italiana	1 (10%)	-
A grande invasão italiana	1 (10%)	-
A única invasão italiana da Ucrânia	-	1 (2,27%)
A grande invasão única da Ucrânia	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 52 – Sintagma 9 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
A única grande invasão italiana da Ucrânia	4 (36,36%)	18 (81,81%)	7 (63,63%)
A grande invasão da Ucrânia	3 (27,27%)	1 (4,54%)	-
A única invasão italiana da grande Ucrânia	-	1 (4,54%)	4 (36,36%)
A invasão italiana da Ucrânia	2 (18,18%)	1 (4,54%)	-
A única invasão da Ucrânia	2 (18,18%)	1 (4,54%)	-
A única grande invasão da Ucrânia	-	2 (9,09%)	1 (9,09%)
A grande invasão italiana da Ucrânia	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
A grande única grande invasão italiana da Ucrânia	-	1 (4,54%)	-
A grande invasão única italiana da Ucrânia	1 (9,09%)	-	-
A grande única invasão italiana da Ucrânia	-	1 (4,54%)	-
A invasão da Ucrânia grande italiana e única	1 (9,09%)	-	-
A grande e única invasão italiana da	-	1 (4,54%)	-

Ucrânia			
A grande, única invasão da Ucrânia	1 (9,09%)	-	-
A única invasão italiana da Ucrânia	-	1 (4,54%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 53 – Sintagma 10 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Um enorme cachorro preto	7 (70%)	37 (84,09%)
Um cachorro preto enorme	3 (30%)	14 (31,81%)
Um cachorro enorme preto	1 (10%)	3 (6,81%)
Um cachorro preto, enorme	-	3 (6,81%)
Um cachorro preto	1 (10%)	1 (2,27%)
Um enorme cachorro	1 (10%)	-
Preto um enorme cachorro	1 (10%)	-
Um cachorro enorme, preto	-	1 (2,27%)
Um cachorro enorme	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 54 – Sintagma 10 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Um enorme cachorro preto	7 (63,63%)	21 (95,45%)	9 (81,81%)
Um cachorro preto enorme	-	10 (45,45%)	4 (36,36%)
Um cachorro enorme preto	1 (9,09%)	1 (4,54%)	1 (9,09%)
Um cachorro preto, enorme	2 (18,18%)	1 (4,54%)	-

Um cachorro preto	1 (9,09%)	-	-
Um cachorro enorme, preto	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 55 – Sintagma 11 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma mesa chinesa redonda	6 (60%)	19 (43,18%)
Uma mesa redonda chinesa	4 (40%)	14 (31,81%)
Uma redonda mesa chinesa	3 (30%)	15 (34,09%)
Uma mesa redonda	2 (20%)	2 (4,54%)
Uma mesa chinesa	1 (10%)	1 (2,27%)
Uma chinesa mesa redonda	-	1 (2,27%)
Redonda uma mesa chinesa	-	1 (2,27%)
Chinesa e redonda a mesa	-	1 (2,27%)
Uma mesa chinesa e redonda	-	1 (2,27%)
Uma mesa chinesa, redonda	-	1 (2,27%)
Uma mesa redonda, chinesa	-	1 (2,27%)
Chinesa uma mesa, redonda	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 56 – Sintagma 11 – Níveis do bilingue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Uma mesa chinesa redonda	1 (9,09%)	12 (54,54%)	6 (54,54%)
Uma mesa redonda chinesa	2 (18,18%)	9 (40,90%)	3 (27,27%)
Uma redonda mesa chinesa	4 (36,36%)	8 (36,36%)	3 (27,27%)
Uma mesa redonda	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Uma mesa chinesa	-	1 (4,54%)	-
Uma chinesa mesa redonda	-	1 (4,54%)	-
Redonda uma mesa chinesa	1 (9,09%)	-	-
Chinesa e redonda a mesa	1 (9,09%)	-	-
Uma mesa chinesa e redonda	-	1 (4,54%)	-
Uma mesa chinesa, redonda	1 (9,09%)	-	-
Uma mesa redonda, chinesa	1 (9,09%)	-	-
Chinesa uma mesa, redonda	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 57 – Sintagma 12 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma porta marrom retangular	6 (60%)	21 (47,72%)
Uma porta retangular marrom	4 (40%)	20 (45,45%)
Uma retangular porta marrom	2 (20%)	13 (29,54%)

Uma porta retangular	2 (20%)	2 (4,54%)
Uma porta marrom	1 (10%)	3 (6,1%)
Uma porta marrom, retangular	-	2 (4,54%)
Uma porta retangular e marrom	-	1 (2,27%)
Retangular uma porta marrom	-	1 (2,27%)
Uma porta retangular, marrom	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 58 – Sintagma 12 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Uma porta marrom retangular	1 (9,09%)	12 (54,54%)	8 (72,72%)
Uma porta retangular marrom	3 (27,27%)	12 (54,54%)	5 (45,45%)
Uma retangular porta marrom	3 (27,27%)	8 (36,36%)	2 (18,18%)
Uma porta retangular	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Uma porta marrom	2 (18,18%)	1 (4,54%)	-
Uma porta marrom, retangular	2 (18,18%)	-	-
Uma porta retangular e marrom	-	1 (4,54%)	-
Retangular uma porta marrom	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 59 – Sintagma 13 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Um suposto ladrão	10 (100%)	43 (97,72%)
Um ladrão suposto	1 (10%)	2 (4,54%)
Suposto um ladrão	1 (10%)	-

Um ladrão, suposto	1 (10%)	-
Um ladrão suspeito	-	1 (2,27%)
Suspeito um ladrão	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 60 – Sintagma 13 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Um suposto ladrão	10 (90,90%)	22 (100%)	11 (100%)
Um ladrão suposto	-	1 (4,54%)	1 (9,09%)
Um ladrão suspeito	1 (9,09%)	-	-
Suspeito um ladrão	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 61 – Sintagma 14 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Um mero engenheiro civil brasileiro	6 (60%)	37 (84,09%)
Um mero brasileiro engenheiro civil	1 (10%)	7 (15,90%)
Um mero engenheiro	2 (20%)	3 (6,81%)
Um engenheiro civil	1 (10%)	2 (4,54%)
Um engenheiro brasileiro	-	3 (6,81%)
Um engenheiro civil brasileiro	1 (10%)	1 (2,27%)
Um brasileiro mero engenheiro civil	1 (10%)	1 (2,27%)
Um mero engenheiro civil, brasileiro	-	2 (4,54%)
Um civil mero engenheiro brasileiro	1 (10%)	-
Um mero civil brasileiro engenheiro	-	1 (2,27%)
Um engenheiro brasileiro mero civil	1 (10%)	-
Um mero engenheiro civil	1 (10%)	-
Um engenheiro brasileiro civil mero	-	1 (2,27%)
Um engenheiro civil brasileiro mero	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 62 – Sintagma 14 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Um mero engenheiro civil brasileiro	7 (63,63%)	21 (95,45%)	9 (81,81%)
Um mero brasileiro engenheiro civil	-	4 (18,18%)	3 (27,27%)
Um mero engenheiro	2 (18,18%)	1 (4,54%)	-
Um engenheiro civil	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Um engenheiro brasileiro	2 (18,18%)	1 (4,54%)	-
Um engenheiro civil brasileiro	-	1 (4,54%)	-
Um brasileiro mero engenheiro civil	-	-	1 (9,09%)
Um mero engenheiro civil, brasileiro	1 (9,09%)	-	1 (9,09%)
Um mero civil brasileiro engenheiro	-	1 (4,54%)	-
Um engenheiro brasileiro civil mero	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 63 – Sintagma 15 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Uma intensa produção pesqueira	7 (70%)	36 (81,81%)
Uma produção pesqueira intensa	5 (50%)	15 (34,09%)
Uma intensa produção	2 (20%)	-
Uma produção intensa pesqueira	-	2 (4,54%)
Uma produção intensa	-	3 (6,81%)
Uma produção pesqueira	1 (10%)	1 (2,27%)
Intensa uma produção pesqueira	1 (10%)	-

Intensa pesqueira uma produção	-	1 (2,27%)
Uma pesqueira produção	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 64 – Sintagma 15 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Uma intensa produção pesqueira	7 (63,63%)	18 (81,81%)	11(100%)
Uma produção pesqueira intensa	1 (9,09%)	12 (54,54%)	2 (18,18%)
Uma produção intensa pesqueira	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Uma produção intensa	2 (18,18%)	1 (4,54%)	-
Uma produção pesqueira	-	1 (4,54%)	-
Intensa pesqueira uma produção	1 (9,09%)	-	-
Uma pesqueira produção	1 (9,09%)	-	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 65 – Sintagma 16 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Sou autor de diversos artigos acadêmicos	7 (70%)	41 (93,18%)
Sou autor de artigos acadêmicos diversos	4 (40%)	13 (29,54%)
Sou autor de artigos acadêmicos	1 (10%)	3 (6,81%)
Sou autor de diversos artigos	1 (10%)	-
Sou autor de artigos diversos acadêmicos	1 (10%)	1 (2,27%)
Sou autor de diversos artigos	1 (10%)	-

acadêmicos diversos		
Sou autor de artigos diversos	-	1 (2,27%)

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 66 – Sintagma 16 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Sou autor de diversos artigos acadêmicos	10 (90,90%)	20 (90,90%)	11 (100%)
Sou autor de artigos acadêmicos diversos	1 (9,09%)	11 (50%)	1 (9,09%)
Sou autor de artigos acadêmicos	2 (18,18%)	1 (4,54%)	-
Sou autor de artigos diversos acadêmicos	-	1 (4,54%)	-
Sou autor de artigos diversos	-	1 (4,54%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 67 – Sintagma 17 - Monolíngues e bilíngues – todas as respostas

	Monolíngues (10)	Bilíngues (44)
Energia nuclear potente	7 (70%)	28 (63,63%)
Potente energia nuclear	3 (30%)	24 (54,54%)
Energia nuclear	1 (10%)	3 (6,81%)
Potente energia	1 (10%)	2 (4,54%)
Energia potente nuclear	1 (10%)	1 (2,27%)
Energia potente	-	2 (4,54%)
Potente nuclear energia	1 (10%)	-

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 68 – Sintagma 17 – Níveis do bilíngue – todas as respostas

Bilíngues	Básico (11)	Intermediário (22)	Avançado (11)
Energia nuclear potente	4 (36,36%)	16 (72,72%)	8 (72,72%)
Potente energia nuclear	5 (45,45%)	14 (63,63%)	5 (45,45%)
Energia nuclear	2 (18,18%)	1 (4,54%)	-
Potente energia	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-
Energia potente nuclear	-	1 (4,54%)	-
Energia potente	1 (9,09%)	1 (4,54%)	-

Fonte: Elaboração própria.